SETE PASSOS PARA A ETERNIDADE

STEPHEN TUROFF

Tradução Amadeu António

Grok

«SETE PASSOS PARA A ETERNIDADE»

de Stephen Turoff

Esta é a história de um soldado britânico de 20 anos (James Legget) que morreu na batalha do Somme. Legget – enfrentando dificuldades técnicas insuperáveis – contacta Turoff do outro lado. Ele é um cirurgião psíquico que vive no Reino Unido, capaz de comunicar a partir dos níveis superiores do mundo e transmitiu a história para nós.

Inicialmente, Legget não tem consciência de que morreu, apenas de que a sua dor – e a sua ferida – desapareceram.

Descobre que está preso por uma estrutura semelhante a um cordão ligada a um aglomerado escuro no chão. Só quando dois dos seus camaradas aparecem e, ignorando os seus apelos por ajuda, levam o aglomerado – arrastando-o com eles – é que começa a suspeitar de que algo está errado.

Para sua surpresa, verifica que a morte não cortou a sua ligação com o exército.

Existem oficiais astrais e quartéis astrais para onde ele e muitos outros são levados para se recuperarem do trauma da sua recente morte. Em breve, o seu guia espiritual – um oriental chamado Chan – faz a sua aparição e introdu-lo nas maravilhas da vida astral, incluindo batalhas com entidades sombrias que foram (ou são) instrumentais no incentivo aos atos de desumanidade infligidos em duas guerras mundiais a tantos no plano físico.

Legget aprende que deslocar-se é mais fácil no plano astral – «onde o homem pensa, aí está ele», poder-se-ia dizer. Também lhe são mostrados dois métodos de limpeza da aura. Num certo ponto, assiste a uma palestra proferida por um filósofo astral, que lança nova luz sobre o tema da reencarnação e que ele, Legget, recorda verbatim.

Este livro é a melhor exposição da vida no plano astral que li – na medida em que pinta um quadro otimista do que se pode razoavelmente esperar experimentar após a morte, e mostra que o trabalho, o lazer e a aprendizagem podem ser desfrutados noutros planos além do físico.

Os meus agradecimentos a Stephen Turoff por arranjar tempo na sua agenda ocupada para trazer esta história notável e importante ao público em geral.

(Quando o visitei na sua clínica de cura em maio de 2012 (foto), ele contou-me que «JIM» (James Legget) o tinha contactado mais vezes, desejando transmitir mais informações do seu trabalho astral até nós, e somos muitos a esperar que o Stephen consiga arranjar tempo para transformar esta «nova conversa» noutro livro. Comentário de Rune, 2013).

«SETE PASSOS PARA A ETERNIDADE»

De Stephen Turoff

«MORRI NA BATALHA DO SOMME»

Estas foram as primeiras palavras dramáticas que James Legget comunicou. Continuou a explicar a sua passagem aos vinte anos de idade.

«Era agosto de 1914. Tinha apenas dezoito anos quando a guerra eclodiu. Como a maioria dos jovens, estava ansioso por me alistar no exército e tive a sorte de ser aceite, ou assim pensava na altura. Mal sabia que não regressaria.

Em novembro desse ano, deixando uma casa onde fora carinhosamente cuidado, entrei no campo de treino em Caterham. (mapa acima / abaixo – o campo na década de 1950) Achei isso bastante difícil porque sentia falta das comodidades de casa. Aquele outono foi um dos mais chuvosos que alguma vez experimentara. Estávamos instalados em tendas militares rudimentares com apenas uma lona impermeável e um par de cobertores.

As cabanas de madeira, que estavam a ser construídas para o inverno, encontravam-se apenas nas fases iniciais da construção. Fomos mantidos debaixo de lona, dormindo no chão, até bastante tarde no outono.

Novas ordens foram afixadas, informando-nos de que íamos mudar-nos para os quartéis de Chelsea. Esta notícia alegre deu-nos algo para celebrar porque significava que seríamos aquartelados sob cobertura adequada. Tendo concluído o treino básico, o regimento foi destacado para o estrangeiro, onde pusemos o nosso treino em prática.

No ano seguinte, escapei por sorte a muitos perigos, mas perdi inúmeros amigos próximos no campo de batalha antes de o destino desferir o golpe final. Em 1916, o meu tempo estava a esgotar-se rapidamente. Fui enviado para as trincheiras. Os hunos bombardeavam as nossas linhas e a

terra de ninguém à nossa frente. Esperávamos pelo ataque que sabíamos que se seguiria ao bombardeamento. Houve combates ferozes corpo a corpo, mas repelimo-los com poucas perdas do nosso lado. A ordem correu pela linha de que devíamos contra-atacar antes que os hunos se reagrupassem.

Estação de Caterham naqueles dias

À medida que a escuridão se aproximava, o campo de batalha ficou silencioso, exceto por alguns obuses que explodiam e iluminavam o céu noturno. Certifiquei-me de manter a cabeça baixa porque os atiradores furtivos hunos não precisavam de muita luz para atingir o alvo. De repente, o apito soou e o grito ergueu-se: «Avante, rapazes!»

Estávamos cheios do espírito de luta criado pela camaradagem única que só se encontra neste tipo de situação. Era o momento que esperávamos. Com as baionetas caladas, irrompemos por cima do parapeito. Não foi surpresa para os hunos que víamos, porque atiraram tudo contra nós exceto a pia da cozinha.

Enquanto avançávamos pela terra de ninguém, fui atingido no peito por um estilhaço de obus. Fiquei estendido no chão em agonia durante horas. O amanhecer rastejou sobre a terra, e senti ondas contínuas de homens a tropeçar em mim enquanto avançavam. Depois de algum tempo, desmaiei devido à perda de sangue. Recuperei os sentidos mais tarde, ao pôr do sol. Havia uma névoa estranha que cobria tudo. Rezei para que um obus me atingisse e me livrasse da agonia porque a dor excruciante era demais para suportar.

Desmaiei novamente. Quando recuperei, senti-me atordoado, mas experimentei pouca dor e já não me sentia fraco e cansado. Levei a mão ao peito para determinar quanto dano o estilhaço causara. Para meu espanto, não havia um rasgão na minha túnica. Ergui-me com grande dificuldade porque estava em completa escuridão. Embora soassem distantes, ouvi os canhões e o clamor à minha volta. Após algum tempo, habituei-me à escuridão, que se assemelhava a um nevoeiro espesso, e vi no meio dela sombras escuras a moverem-se de um lado para o outro. Outras sombras jaziam imóveis. Decidi avançar; não queria ser capturado nem ficar isolado do resto dos rapazes.

O que aconteceu a seguir é difícil de explicar. Foi como um sonho em que tentamos mover-nos e não conseguimos. Algo me impedia de me deslocar mais do que um ou dois pés. Apalpei à volta e descobri que um cordão se ligara a mim de alguma forma misteriosa. Agarrei-o e puxei, mas não consegui soltá-lo. Deslizei as mãos ao longo dele até chegar ao local onde terminava num vulto escuro indistinto. Isso intrigou-me imenso e deixou-me inquieto, até assustado. Sentei-me para refletir.

Com a cabeça entre as mãos, tentei freneticamente decidir o que fazer a seguir. De repente, ouvi vozes próximas e, ao reconhecer um amigo, chamei por ele; mas sem resposta. Ao erguer-me, gritei: «Estou aqui!» As vozes ficaram mais altas e duas formas sombrias aproximaram-se.

«Cuidado!» gritei enquanto eles passavam diretamente através de mim. Ajoelharam-se perto do monte sombrio ao qual eu estava ligado, e um deles parecia estar a fazer algo com ele. Fiquei perplexo e pensei que devia estar delirante, mas pelo menos tinham-me encontrado. De repente, ouvi uma das sombras exclamar: «Ele partiu, coitado, é melhor levá-lo de volta.» Perguntei-me de quem falavam. Ambos se curvaram e, para meu espanto, ergueram o monte sombrio ao qual eu estava ligado.

À medida que se afastavam, fui puxado com eles por este cordão misterioso. Gritava-lhes que parassem: «Pelo amor de Cristo, o que estão a fazer? Vejo-vos, ouço-vos, porque não me respondem?» Mas de nada valeu.

Então as palavras de uma das sombras voltaram-me à mente: «Ele partiu, coitado.» Continuei a repetir para mim mesmo: «Mas eu não posso estar morto, ouço e vejo; talvez não muito bem, mas vejo.» Esperava e rezava para que estivessem enganados. Pararam junto a um edifício baixo e ainda seguravam a forma à qual eu estava ligado.

Uma nova voz falou: «Não o tragam aqui, ele está morto há algum tempo. Ponham-no lá atrás comigo os outros para o enterro.» Lembro-me vagamente de ouvir as palavras do serviço fúnebre, depois silêncio. As sombras viraram-se para partir, e pela última vez ouvi a voz do meu amigo: «Era um bom rapaz.»

As vozes desvaneceram-se gradualmente na névoa e não ouvi mais nada. Lentamente, passei as mãos pelo meu corpo e rosto. Ainda tinha um corpo, no entanto, deviam ter enterrado algo. A essa altura, a realização de

que poderia estar realmente morto começou lentamente a amanhecer em mim. Estava terrivelmente confuso e assustado. Perguntei-me o que raio aconteceria a seguir. Se estivesse morto, onde estava o céu? Comecei a chorar descontroladamente e disse: «Querido Deus, por favor ajuda-me. Sei que nunca fui à igreja, mas sempre tentei ser bom.»

Estranhamente, o meu medo transformou-se em raiva. Todo o meu corpo começou a pulsar. Desejava desesperadamente libertar-me deste cordão e a raiva deu-me força para fazer algo a respeito. Agarrei-o e puxei. Não consigo descrever facilmente o que senti a seguir. Havia uma leveza no meu corpo e na minha mente. Senti-me lúcido pela primeira vez desde que fora atingido. Estava agora livre!

Olhei à minha volta e contemplei o local de onde vinham os gritos de guerra. Podia ver muitas formas a correr, a cair. Algumas erguiam-se, outras ficavam simplesmente deitadas. Notei uma em particular. Enquanto observava, vi uma névoa fina sair dela e moldar-se na figura de um homem que pairava acima do vulto escuro. Com espanto, assumi que isto devia ter acontecido comigo. Depois vi uma figura completa, que tinha um fino cordão prateado a estender-se dela e a ligar-se à sombra abaixo. Continuei a observar. O homem começou a mexer-se e a debater-se. Obviamente, não conseguia compreender o que estava a acontecer, tal como eu. Pensei: «Coitado, talvez consiga pelo menos ajudá-lo de alguma forma.»

Não demorou muito a alcançá-lo. Ao aproximar-me, ouvi o seu choro enquanto se debatia. Gritei: «Não entre em pânico! Vou ajudá-lo.» Ao mesmo tempo, pensava: «Deus sabe como, pois és muito maior do que eu.» Ele viu-me e começou a gritar: «Ajuda-me, amigo, o que me aconteceu?» «Bem», disse eu, «acho que estamos mortos!»

«Não sejas parvo», gritou ele. «Como posso estar? Estou a falar contigo! Como posso estar morto? Toda a gente sabe que, quando estás morto, estás morto.»

«Bem, amigo», disse eu, «pára só para pensar. Consegues mover-te do sítio onde estás?» De repente, um olhar de horror surgiu no seu rosto. «Não», respondeu ele, «não consigo. Algo me segura. Acho que é uma espécie de linha.»

Pus os braços à volta do peito dele. «Puxa, vamos!» gritei. Com um puxão monumental, libertou-se da sombra escura deitada no chão. Ele afastou-se da sua forma escura muito mais rapidamente do

que eu da minha. Não sei como nem porquê, mas fê-lo. Estava livre, e eu também. Assim começou a nossa viagem para a nova vida.

«O meu nome é James, mas os meus amigos chamam-me Jim», disse-lhe eu. Ele respondeu: «Bem, velho amigo, eu sou Bill, Bill Barnes. Mas os meus amigos chamam-me O Urso.» Um olhar para ele e compreendi porquê. Mas apesar do seu tamanho, vi o medo no seu rosto e a perplexidade nos seus olhos.

«Vamos falar», disse ele. Caminhámos um pouco enquanto eu explicava como chegara àquele lugar e como observara a sua chegada. «É ridículo. Não posso estar morto!», disse Bill. «Tenho uma mulher e três filhos. O que farão sem mim?» «Não sei», disse eu, «simplesmente não sei. Deve haver uma resposta para tudo isto.» Continuámos a caminhar.

«Pelo que vejo, não podemos ser os únicos a ter morrido. Deve haver outros. A propósito, reparaste que aqui não é nem claro nem escuro, apenas enevoado? Não sei se é dia ou noite, nem que horas são. Quanto mais o que está a acontecer.»

O chão debaixo dos nossos pés era duro. Os sons da guerra diminuíam gradualmente atrás de nós. Avançámos pelo nevoeiro. Parei e virei-me para Bill: «Acho que estamos perdidos e não sei para que lado ir.» Mas Bill não estava a ouvir; olhava noutra direção. «O que foi?», perguntei.

«Há uma luz a aproximar-se de nós», respondeu Bill. «Talvez seja ajuda.» Lentamente, a luz cresceu em tamanho, e ouvi vozes dentro dela. «Ouves isso, Bill?», sussurrei. «Sim, ouço. Há pessoas atrás da luz. Olha, há várias pessoas aqui. Talvez nos possam ajudar.»

Chamei: «Olá, aí! Conseguem ver-nos?» «Sim», veio a resposta. Um oficial avançou com outro cavalheiro vestido de forma diferente de qualquer um que eu tivesse visto. «Olá, senhor», disse eu. «Poderia dizer-nos o que aconteceu e onde estamos?» O oficial respondeu: «Tudo será explicado mais tarde. Primeiro, temos de nos afastar daqui.»

Seguimos o capitão e o homem estranho que carregava uma luz. Enquanto caminhávamos, parávamos ocasionalmente para recolher outros

que se encontravam na mesma situação que nós. À medida que avançávamos, o nevoeiro dissipava-se, e a terra tornava-se mais macia sob os pés. A paisagem começava a mudar; árvores surgiam à vista. Não havia sol, mas estava quente. Ao continuarmos, notei manchas rugosas de relva castanho-esverdeada e alguns edifícios parcialmente demolidos, que presumi serem vestígios da guerra.

Aproximámo-nos de uma grande cabana Nissen onde um grupo de jovens soldados esperava nervosamente à entrada. Virei-me para Bill para perguntar o que achava daquilo. Mas, como ele estava a sorrir, perguntei em vez disso: «O que é tão engraçado?» Ele respondeu: «Estou só a pensar. Será aqui que distribuem distribuir as asas e a harpa? Se for, é melhor que sejam bem grandes para mim!»

«Não te iludas, soldado!», respondeu uma voz. Virámo-nos e vimos o capitão ali parado. Continuou: «Podes ter uma ideia bastante boa do que vos aconteceu, mas deixa-me esclarecer. Todos nós estamos mortos, bem, mortos para o mundo físico, pelo menos. Estou aqui há algum tempo a ajudar pessoas como vocês a adaptarem-se a uma nova casa. Sei que têm muitas perguntas, que vos asseguro que serão respondidas. Agora quero que entrem todos no edifício, onde encontrarão assentos. Sentem-se e relaxem.» O capitão afastou-se com o cavalheiro que carregava a luz.

Entrámos numa grande sala barulhenta com centenas de cadeiras, a maioria ocupada por homens, mas algumas por mulheres. Algumas pessoas conversavam, outras riam ou choravam. Algumas limitavam-se a olhar em silêncio para a frente. Havia um estrado na parte da frente da sala. Virei-me para Bill e disse: «Espero que aqui obtenhamos respostas para as nossas perguntas.»

De repente, música filtrou-se pelo ar, e um silêncio instalou-se na sala. Não consigo descrever o som, mas o seu efeito era de paz e calma. Olhei para Bill e vi o medo desvanecer-se do seu rosto. Uma paz instalou-se sobre todos na sala. Após dez ou vinte minutos, a música parou.

A voz de um oficial alto ecoou do estrado: «Bom dia, senhoras e senhores. O meu nome é Marsh, e quero explicar-vos onde estão. Já repararam que algo vos aconteceu. Experimentaram uma mudança de localização e agora percebem que este lugar é muito real.

«Estão na fase intermédia entre o céu e a terra, chamada plano astral, mas não sobrecarreguem as vossas mentes por agora, porque é um lugar de descanso e adaptação. Será como voltar à escola. Têm muito a aprender aqui. Este plano será um choque para muitos de vós porque viram que a vida é contínua. O que chamais morte é simplesmente uma mudança de localização.

«A sala em que estão é uma de muitas estabelecidas no plano astral inferior para ajudar aqueles que morrem em batalha. (em princípio, o mesmo propósito que "Nosso Lar". Rø-rem.) Aqui são assistidos a aceitar esta fase transitória da vossa nova vida. Podem estar a perguntar-se pelo inimigo. Se isto me está a acontecer, o que será dele? Bem, Deus não discrimina. Mais tarde compreenderão que todos são seus filhos.

«Quando saírem, serão divididos em grupos e levados para aquartelamentos (=campo/quartel). Haverá alguém designado para o vosso grupo que falará convosco sobre vós próprios. Depois aprenderão a usar a vossa força de vontade, porque é a vontade do indivíduo que se torna potente nesta vida. Quero que olhem para o verso das vossas cadeiras, onde há um número que devem memorizar ao sair da sala. Falarei convosco novamente numa data posterior, mas por agora digo adeus.»

Dirigimo-nos para uma saída. Olhei à volta para ver onde estava Bill e avistei-o mesmo atrás de mim. «Tudo bem, Bill?», perguntei. «Claro, Jim. Que número tens?», perguntou Bill. «Acreditas que é 1901?», respondi. «Some a minha idade. Primeiro dão-nos um número ao entrar no exército. Agora que estamos mortos, dão-nos outro, caramba.»

Fui interrompido por um grito: «Todos os que têm números entre 1900 e 1950, sigam-me, por favor.» Olhei para cima e descobri que a voz pertencia a um sargento. Comentei com Bill: «Nem aqui conseguimos livrar-nos deles.» «Tens razão», disse Bill, «mas acho que é melhor seguirmos.» Atravessámos alguns campos e aproximámo-nos de uma grande cabana.

«Bem, rapazes», disse o sargento, «ficarão aquartelados aqui por agora. Lá dentro encontrarão camas, por isso instalem-se confortavelmente. Volto em breve.» Ao entrar, vi camas de ambos os lados da sala e dirigi-me a uma delas enquanto Bill ocupou a ao lado. Virei-me para Bill e disse: «Acho que me vou deitar.»

Deitei-me na cama e comecei a relaxar enquanto pensamentos das últimas horas passavam pela minha mente, o que me levou a pensar mais para trás. Pergunto-me se a minha mãe sabe que morri. Ficará de coração partido quando souber. Não queria que eu me alistasse no exército, mas não a ouvi. Oh! Mãe, lamento tanto. Se ao menos tivesse escutado, não estaria aqui agora e incapaz de te dizer que estou vivo, mas morto. Senti-me a afundar numa espécie de depressão quando ouvi a voz do sargento. Era como se ele tivesse lido os meus pensamentos.

«Muito bem, rapazes», disse ele, «posso ter a vossa atenção? Têm muito a aprender, e quanto mais cedo começarmos, melhor. A primeira coisa que vão sentir falta são aqueles que amam. Isso levará algum tempo a superar, mas com a nossa ajuda e o vosso autocontrolo, dominarão estas emoções. Vou deixá-los agora para descansarem, mas volto dentro de algumas horas.» Dito isto, o sargento saiu.

Estava muito cansado, por isso deitei-me na cama e adormeci. Acordei com a voz do sargento: «Acordem, acordem, levantem-se e brilhem. Vamos, seus preguiçosos, ponham-se de pé.» Senti-me revigorado e calmo após o sono. Quando me levantei, percebi que ainda usava as mesmas roupas que trazia quando cheguei, mas estranhamente nem eu nem elas tinham qualquer cheiro.

Bill chamou-me: «Estás bem, Jim?» Olhei para ele: «Sim, amigo. Estou bem, mas pergunto-me o que nos reservam a seguir. Como estás a lidar?» «Nada mal», respondeu. «Demorei um pouco a adormecer, mas sinto-me muito bem, considerando que estou morto.»

Lembro-me de dizer em voz alta que ele era um bocado palhaço. Nesse momento, o sargento chamou-nos à ordem: «Vamos lá para fora agora, em filas de dois. Não convém fazer o professor esperar.» «Bem, lá vamos nós outra vez», pensei para mim mesmo enquanto marchávamos.

Não pude deixar de notar o ar de apreensão em todos os rostos ao aproximarmo-nos de um edifício semelhante a uma igreja. Entrámos e tomámos os nossos lugares. À nossa frente havia um altar, uma mesa e duas cadeiras. Não tivemos de esperar muito até o capitão se anunciar: «Bom dia, senhores. Caso tenham esquecido o meu nome, é Marsh, Capitão Marsh. Não serei eu a dirigir-me a vós, mas entrego-vos a alguém que está neste mundo há muito mais tempo do que eu, alguém que evoluiu

para os planos superiores do mundo astral. O que estão prestes a testemunhar será um choque para vós, mas é bastante natural por aqui.»

Todos os olhares se centraram no capitão e todos se perguntavam o que viria a seguir. De repente, um redemoinho de névoa surgiu do nada. Começou a moldar-se na forma de um homem e cintilou da cabeça aos pés enquanto se solidificava. À nossa frente estava um homem onde, momentos antes, havia apenas espaço vazio. Olhei à volta para ver a reação de todos. Acho que estavam tão espantados como eu. «Gordon Bennet, o que virá a seguir?», pensei.

«Senhores», disse o capitão, «entrego-vos agora ao professor.» (arte adequada à esquerda: Gilbert Williams; o eremita, 1992)

«Obviamente, têm a minha atenção», disse o professor. «Não consigo pensar numa forma melhor de a obter do que uma entrada impressionante. Primeiro, quero falar-vos sobre o vosso novo ambiente. Estão no quarto de sete planos astrais. Cada plano difere dos outros pela manifestação, densidade e velocidade da sua essência básica. O vosso corpo físico varia de forma a determinar o vosso crescimento espiritual, que é o que a vossa alma procura sempre. Muitos de vós literalmente matam de fome as vossas almas e, por exemplo, permitem que as vossas mentes se tornem inteiramente absorvidas e dominadas pelo materialismo.

«A alma é sempre chamada a olhar para cima, não para trás. Deve levar a esperança e o amor ao leme da vossa vida. Isto nem sempre é fácil. Mesmo com esforço, nem sempre vivem à altura destes ideais, mas fazer um esforço é sempre um passo na direção certa.

«Meus queridos amigos, morreram em guerra, e as vossas mentes conscientes criaram ódio pelo inimigo, tal como eles pelo vosso. Mas vós sois os vossos pensamentos, e estes pensamentos de ódio atrasam o vosso desenvolvimento. O vosso pior inimigo sois vós próprios, não os soldados que enfrentaram do outro lado do campo de batalha. É no campo de batalha da vida que devem construir o vosso caráter em preparação para a vossa próxima fase.

«Tal como está, foram atirados para este mundo antes do tempo – como uma maçã colhida antes de amadurecer. Para muitos de vós, a experiência de uma morte prematura é exatamente isso – um sabor amargo. Por isso, o nosso desejo é ajudar o amadurecimento da vossa individualidade para o

desenvolvimento da vossa alma. Não procurem mais longe do que vós próprios, porque muitas das respostas estão dentro de vós.

«Agora quero que se concentrem no que digo. Foi-vos dito que há sete planos. Da mesma forma, têm sete corpos. Um deles era o corpo físico, que descartaram ao deixar o plano terreno. Aqui no quarto plano astral, o vosso corpo astral está a aprender a vibrar de acordo com as vibrações aqui; estas são mais finas e rápidas do que as do plano terreno. Isto explica por que as coisas aqui são tão tangíveis e reais como na terra. O nosso objetivo é ajudar-vos a ajustar e harmonizar com as vibrações do vosso novo ambiente.

«Estão na segunda fase da vossa vida consciente, e como o terceiro e quarto planos são apenas ligeiramente mais finos do que o plano terreno, o nosso empenho é que avancem para o quinto plano. Isto ocorrerá quando refinarem as vossas vibrações mentais e emocionais. Venho do sétimo plano, onde a matéria vibra mais rapidamente e é mais refinada do que aqui. Podem perguntar-se como consigo visitar o vosso plano.

«A resposta é simples. Aprendi a reduzir as minhas vibrações para trabalhar nos planos inferiores. Usando o poder do meu pensamento, consigo reduzir o suficiente para me materializar aqui e falar convosco. Bem, isto é mais do que suficiente para a vossa primeira lição. Recordarão estas palavras quando começarem a repensar a vossa primeira aula. Não há necessidade de tomar notas aqui. Que o Grande Espírito vos abençoe até nos encontrarmos novamente.»

Com estas palavras, o professor começou a desmaterializar-se à nossa frente. Quando desapareceu, pensei nas suas estranhas explicações. Muitas pareciam saídas de um livro de histórias. Tinha tanto a aprender e sentia que compreendia tão pouco. O capitão levantou-se e perguntou se havia mais perguntas, e algumas mãos se ergueram.

O capitão apontou para um jovem que se levantou e disse: «O meu nome é George Taylor. Há um Deus, senhor?» O capitão respondeu: «Sim, George. Há um Deus, e explicaremos mais tarde sobre a força de Deus que está em todas as coisas.»

Depois apontou para alguém sentado no fundo que se levantou e disse: «O meu nome é Tom Richardson. Poderei ver a minha mulher e falar com ela, senhor?» Senti imediatamente uma preocupação naquela alma. «Tom»,

disse o capitão, «foi-te dito que serás atribuído a um guia especial que te ensinará a comunicar com todos os teus entes queridos.»

Tom permaneceu de pé e gritou: «Bem, isso não é suficiente. Quero vê-la agora.» A cabeça dele caiu nas mãos, e chorou como uma criança. «Basta, soldado», disse o capitão. «Controla-te.» Senti uma vontade forte na voz do capitão, mas temperada com compreensão e simpatia. Tom ergueu a cabeça: «Lamento, senhor. Não sei o que me deu.»

O capitão disse: «Compreendo como te sentes. Todos passamos por isto em algum momento. Mas posso assegurar-te que ficarás bem. Deixei dois filhos, o mais velho com apenas cinco anos. Mas consigo comunicar com eles e com a minha mulher usando uma pessoa espiritualmente consciente na terra chamada médium.

«Os vossos guias incluirão esta informação nas vossas lições práticas para vos ajudar nas fases ocasionais de remorso que a maioria de vós experimentará. Acho que é melhor pararmos agora, senhores. Se quiserem levantar-se e sair, encontrarão o vosso sargento à espera.»

Após sermos dispensados, regressámos aos nossos aquartelamentos. Deitei-me na cama e tentei absorver tudo o que fora dito. Havia tanto a acontecer dentro da minha cabeça que me cansei rapidamente. Fechei os olhos e caí imediatamente num sono profundo. Quando acordei, tinha um sentido aumentado de força como nunca sentira antes. «Deus, é maravilhoso estar vivo», pensei.

Ri-me em voz alta para mim mesmo: «Do que estou a falar? Estou morto!» No entanto, sentia-me mais vivo do que nunca. Caminhei até à janela, olhei para fora e pensei que aqui nunca deve escurecer porque ainda era dia. Voltei, sentei-me na cama e recordei facilmente o que o professor dissera mais cedo. Isto era estranho porque nunca tivera boa memória. Olhei para Bill, que ainda dormia. Deixem-no descansar.

Após estar sentado por algum tempo e sentir-me algo aborrecido, percebi de repente que não vira para além da fronteira da sala. Certamente deve haver mais. Dirigi-me à porta e abri-a silenciosamente para não perturbar ninguém. Avancei em direção à igreja e mantive-a como ponto de referência para não me perder. Enquanto caminhava, senti um calor que irradiava de todas as direções. Olhei para cima, pensando que devia ser o sol, mas o sol não se via em lado nenhum, nem havia uma nuvem no céu.

Não olhara antes, o que agora parecia muito estranho. Mas, afinal, o que não era estranho neste lugar? Ao caminhar mais, vi outras pessoas. Algumas eram casais jovens a caminhar de braços dados; obviamente, tinham-se juntado desde que aqui chegarem. Que felizes pareciam!

Ao refletir, lembrei-me de que nunca tivera uma namorada fixa; mas o que nunca tivera não faria falta. Era um dia tão bonito que me dirigi a um pequeno bosque próximo. (=pequeno bosque). Ao aproximar-me, vi que as árvores eram altas e direitas. Aninhados nas suas bases havia narcisos e campainhas que floresciam vividamente num crescendo de cor, crescendo lado a lado na relva. O ar estava saturado com o doce aroma de madressilva e lavanda.

O tapete de flores à minha frente era tão convidativo que me sentei com as costas encostadas a uma das árvores e comecei a relaxar. Notei que as árvores estavam em plena floração, espelhando o meu estado de espírito. Enquanto sonhava acordado, comecei a adormecer, mas fui interrompido por uma voz.

Ao olhar à volta, fiquei espantado ao descobrir um oriental parado imediatamente atrás de mim. «Não tenhas medo», disse ele, «estou aqui para te ajudar. Deixa-me apresentar-me. O meu nome é Chan, e fui nomeado para trabalhar como teu guia. Embora sejamos de raças diferentes, não haverá barreiras linguísticas entre nós.»

Olhei-o de cima a baixo e admirei as suas esplêndidas roupas. As cores eram vívidas como se estivessem vivas. Perguntei-me de onde seria. «Do sexto plano onde vivo, claro», disse ele.

«Eia, nunca falei. Como soubeste o que estava a pensar?» «Consigo ler os teus pensamentos», respondeu. «Aqui não é necessário falar. Tu também aprenderás a usar os teus sentidos superiores para a fala.» «Mas estás a falar comigo agora?», questionei.

«Claro que estou. Embora possa usar o poder da minha mente, isso não significa que queira perder o poder da fala. Há muito para discutirmos, mas primeiro deixa-me terminar o que começámos.

Quando vieste pela primeira vez para esta vida, trouxeste a tua personalidade e todas as suas experiências contigo. Uma dessas experiências foi a tua capacidade de falar e comunicar na terra. Não

perderás as tuas velhas experiências. Não as podes perder porque fazem parte do teu caráter. A vida é sobre construir o caráter de cada um, e as experiências são os blocos de construção do caráter.

«Consegues imaginar um Deus de amor a tirar uma criança de quatro anos do infantário e a pô-la na universidade? A criança estaria totalmente perdida porque seria incapaz de compreender o seu novo ambiente. Para compreender corretamente a fase da universidade, tem de passar primeiro pelo infantário, escola primária e secundária. A fase seguinte é então automática, e a busca pela educação segue suavemente. É o mesmo para ti porque não podes ir da morte física diretamente para o plano espiritual. O ajuste seria demasiado grande para ti. És levado através dos planos astrais em etapas. Cada um educa-te para o próximo. Terás de reajustar as tuas velhas ideias de escolaridade terrestre, mas eu serei o teu professor e ajudar-te-ei a aprender novas ideias.»

«A tua primeira lição será aprender a focar os teus pensamentos concentrando a tua força de vontade. Assim poderás comunicar com outras almas mentalmente. O modo como isto funciona é que um Pensamento se torna a Linha, e a Vontade se torna o Impulso. Tal como na terra comunicais por telefones, aqui usais a vontade. Controlando os teus pensamentos e força de vontade, poderás receber e enviar mensagens. É comunicação imediata. Até dominares isso, tens de usar a tua caixa vocal. A que usaste nos últimos vinte anos.»

Fiquei surpreendido por ele saber a minha idade e, sendo curioso, perguntei como. «Bem», disse ele, «consigo ler o padrão da tua vida, que me conta tudo sobre ti, desde o momento do nascimento até agora.»

«Deus», pensei, «ele sabe tudo sobre mim!» «Mantém a calma», disse ele, «consigo ler os teus pensamentos, Jim. Não te importas que te chame Jim?»

«Não», disse eu com um sobressalto, «não me importo, mas o que é essa história do padrão da vida?» «Acho melhor», respondeu, «não entrar nisso agora.» Pensando agora para trás, recordo como pouco sabia ou compreendia na altura. Mais tarde, Chan e eu tornámo-nos como pai e filho.

«Agora então, Jim, quero falar-te sobre os teus hábitos de sono. Por favor, não me interrompas. Encontrarás muitas mudanças benéficas aqui.

Uma é que não precisarás de dormir. O sono que tiveste desde que chegaste aqui foi de condicionamento. Quando a tua mãe te segurou pela primeira vez nos braços e te aninhou no seu seio, sentiste-te seguro e protegido, por isso derivaste para o mundo do sono para descansar o teu pequeno corpo após a entrada no mundo. O teu corpo era um motor que precisava de comida, água e descanso para funcionar corretamente. O sono era necessário para renovar o corpo, mas muitas vezes era usado para escapar aos compromissos diários. Muitos pensam que todos os seus problemas desaparecerão com uma noite de sono. Nada está mais longe da verdade.

«Percebes que passaste um terço da tua vida a dormir? Embora não precises de sono aqui, a tua mente reteve os padrões de condicionamento da sua vida terrestre. O corpo físico abranda em resposta ao relógio humano, que indica quando o descanso é necessário. O teu relógio alterará para as vibrações deste plano e lentamente quebrará a tua mente condicionada, permitindo mais liberdade. Da próxima vez que quiseres dormir, diz "Não". Após fazeres isto várias vezes, quebrarás o hábito e já não precisarás de sono. Sentir-te-ás tão bem, se não melhor.»

«Mas senti-me tão cheio de energia após o meu sono», disse eu. «Pára só para pensar», respondeu ele. «Já não precisarás de sono, mas terás a mesma energia de antes. Por vezes, acharás necessário descansar para digerir o que aprendeste, mas o sono como o conheceste será desnecessário.»

A minha mente estava cheia das palavras de Chan. «Sei que deve ser uma pergunta parva», disse eu. «Estás a dizer-me que, se me disser a mim mesmo que não preciso de sono, não dormirei e sentir-me-ei tão bem sem ele?»

«Acabei de te explicar isso», respondeu num tom que não me deixou dúvidas de que sabia do que estava a falar e de que eu devia ter escutado mais atentamente. Perguntou se tinha mais perguntas. «Sim», respondi. «Onde posso arranjar algo para comer? Estou mortinho de fome.»

«Estava à espera disso», gracejou ele. «Lembras-te do que disse há momentos sobre o sono? Bem, o mesmo se aplica à comida.» Fiquei atónito com as palavras de Chan e gritei: «Não queres dizer que também não posso comer?»

«Há uma boa razão para isso», respondeu. «As condições de vida nas esferas superiores dependem mais do poder mental do que as do plano terreno. Por exemplo, tens um corpo que é uma duplicata do que tinhas no plano terreno. Tens pulmões que se enchem de ar. Tens um coração que bate e pulsa. Tens também fígado, rins e outros órgãos internos, mas não são usados da mesma forma que no plano terreno porque aqui não comes comida grosseira, que deve ser processada pelo fígado, rins, etc. Aqui absorvemos comida ou combustível através dos poros da nossa pele, bem como através da nossa respiração. Isto é totalmente adequado para o nosso bem-estar.»

«Então», disse eu, «para eliminar estas dores de fome, só preciso de pensar que não preciso de comida?» Um sorriso cruzou o rosto dele enquanto acenava com a cabeça. «Muito bem, jovem», disse, «já estás a começar a aprender. À medida que avançares, tornar-se-á mais fácil.

«Só estás aqui há pouco tempo e já estás a questionar e a pensar de forma diferente. Aprendes rapidamente porque tens uma qualidade de perceção que muitos não têm. Isto porque vieste tão cedo, e o modo material da vida terrestre não se tornara demasiado enraizado na tua consciência. No entanto, precisas de um período de ajuste por causa da forma como passaste. Contudo, tenho a certeza de que terás sucesso quando ganhares experiência. E asseguro-te que terás essa oportunidade aqui. Vem, vamos caminhar. Terminei de falar por agora e quero mostrar-te um pouco da vida aqui. Também arranjaremos roupas novas para ti.»

Fiquei entusiasmado com a menção a roupas novas porque ainda usava o meu uniforme e estava farto dele. Caminhámos cerca de meia hora antes de Chan apontar e dizer: «Vamos ali acima daquela colina. Noutra ocasião, mostrar-te-ei como usar a tua força de vontade para viajar para onde quiseres. Por outras palavras, não terás de caminhar para lado nenhum que não escolhas. Chegarás lá simplesmente pensando no lugar e dirigindo o teu pensamento para lá. Como disse antes, o pensamento atua como uma linha, e, neste caso, a vontade atua como um íman que se atrai para a linha. Tudo muito simples», riu-se baixinho.

Vi um sorriso de quem tudo sabe espalhar-se pelo rosto dele quando terminou de falar.

«Tanto para eu aprender», pensei. «Todas estas coisas – falar sem falar, sem sono, sem comer e agora não tenho de caminhar para lado nenhum. Deus, o que me está a acontecer?» Fui tirado dos meus pensamentos pelo comando de Chan: «Calma. Consigo ler os teus pensamentos. Não é tão mau como pensas. Descobrirás que, sem a limitação do corpo físico, terás um campo de expressão muito mais amplo.»

Chegámos ao topo da colina e vimos uma pequena cidade abaixo de nós. Olhei para Chan, cujo sorriso parecia dizer: «Eu avisei-te.» Não demorou muito a chegar à cidade. Era como muitas cidades no plano terreno. Havia pensões e lojas de todos os tipos. A grande diferença entre esta cidade e as da terra era que esta era muito mais limpa. Não havia ruas sujas nem ar poluído. Era pacífica, sem o habitual bulício da vida citadina na terra.

As montras das lojas eram muito simples porque, como Chan explicou, o homem não resiste à tentação. Quando as coisas são exibidas em montras na terra, têm de ser possuídas. Aqui não precisamos de tentação. Concordei com o seu raciocínio.

Chegámos a uma loja de alfaiate de aspeto bastante comum. Não havia confusão de varões e mais varões de casacos e calças. Um homem de ar bastante superior entrou na sala onde estávamos sentados. Pus-me em sentido, esquecendo por um momento onde estava. O alfaiate começou a tirar as minhas medidas e perguntou: «O que desejaria, senhor? Algum estilo ou cor em particular?»

«Não, não, o que achar melhor. Mas gosto da cor daquela», disse eu enquanto apontava para um índigo no livro de amostras aberto. Fiquei satisfeito com a minha decisão de ter o azul único. Quando as medidas terminaram, disseram-nos para voltar daqui a cerca de três horas. Vi que Chan também estava satisfeito com a minha escolha, embora nunca o admitisse.

«Temos outras paragens para mais peças de roupa», disse Chan e gesticulou para eu o seguir. Escolhemos em numerosas lojas até eu ter quatro sacos de roupas novas. Podes perguntar-te como paguei por tudo. Quando perguntei sobre o pagamento, disseram-me que não era necessário porque todos aqui trabalham para o benefício dos outros. Pensei como este modo parecia muito melhor.

«Bem, Jim, estás satisfeito com as tuas roupas novas?», perguntou Chan. Estava encantado e disse-o. «Bom», respondeu. «Agora quero levar-te a um lugar onde possas banhar-te e mudar para algumas das tuas roupas novas.»

Após algum tempo, deixámos a cidade para trás e chegámos a alguns campos. A seu tempo, chegámos a um bosque onde Chan me levou a uma poça coberta de arbustos. Empurrando-os para o lado, vi que a poça era alimentada por um pequeno riacho. Parecia muito convidativa; era como se a água me chamasse. Chan também me encorajou: «Tira essas roupas velhas e entra na água.»

Levou apenas segundos a tirar o uniforme e entrar na água. Não consigo pôr em palavras a sensação que me invadiu ao entrar na poça. Era como se a água tivesse mente própria. Por mais que tentasse empurrar-me para baixo, voltava a subir. Chan estava ao lado do meu uniforme e parecia estar num estado profundo de concentração. Mesmo à distância, senti a sua força de vontade. Gesticulou com as mãos, e uma luz começou a emanar de uma das suas palmas. A luz espalhou-se pelo meu uniforme e, em momentos, a luz e o uniforme tinham desaparecido.

Isto assustou-me, e gritei imediatamente: «O que fizeste ao meu uniforme? Para onde foi? Vou meter-me em sarilhos se não o tiver.» «Não precisas de lembretes de guerra aqui», latiu ele. «Deixaste a guerra para trás no plano terreno, mas o teu uniforme fazia parte dela e ainda continha vibrações negativas que te poderiam afetar. É altura de saíres e vestires. Deixei as tuas roupas preparadas.»

«Mas preciso de uma toalha», disse eu.

«Não, não precisarás», respondeu. «Sai só, e verás o que quero dizer.»

Ergui-me com cuidado para não escorregar, e ali estava eu em toda a minha glória. A água em mim simplesmente escorreu, e fiquei completamente seco! Uma sensação notável veio com isso. Todos os meus problemas tinham sido lavados, dando-me uma nova vida. Caminhei até onde Chan preparara as minhas roupas e vesti-as. Quando terminei, procurei Chan. «Estou aqui, aqui», gritou ele de um grupo de árvores.

Ri-me para mim mesmo porque ele parecia ornamental sentado numa cadeira debaixo de uma das árvores. Havia uma cadeira obviamente destinada a mim ao lado dele, por isso caminhei até lá e sentei-me.

«Bem», perguntou, «sentes-te melhor?» Respondi: «Na verdade, sim. Sinto-me extremamente bem desde o banho. Porquê?»

«É necessária mais explicação», disse ele. «Sabes que o teu novo corpo é diferente do antigo. Está mais sujeito a energias etéricas. O teu corpo e tudo o mais aqui é afetado por estas energias. A água é a mais carregada. Quero que recordes algo do plano terreno. Os carros lá precisavam de uma reserva de energia para funcionar eficientemente. Pensa no teu corpo como um carro, que usa uma bateria.

O corpo astral possui uma reserva de energia etérica, que precisa de ser recarregada quando se esgota. Normalmente, retiras energia suficiente do éter para manter o teu corpo. Ocasionalmente, farás um trabalho particular que te esgotará mais rapidamente do que consegues recarregar. Até aprenderes de outra forma, precisarás de te banhar num dos riachos para acelerar o processo de recarga. Não duvido que, quando ganhares experiência prática, compreenderás o que tenho dito.

«Já viste que não precisas de toalha. Deixa-me dar uma explicação para isso. Os nossos corpos são compostos por químicos retirados da atmosfera, mas num estado muito mais refinado. As vibrações mais altas e a maior quantidade de força vital, que passa continuamente por nós, tornam os nossos corpos muito mais fortes, embora mais leves do que os corpos terrestres.

«O plano em que estamos está muito mais próximo da força de Deus do que o plano terreno; por isso, retiramos uma quantidade tremenda mais dela para nós próprios. Isto aplicou-se à tua recente descoberta de que o teu corpo podia absorver energia da água sem absorver a água em si.

«Deixa-me dar outra comparação. Por vezes, durante a tua vida terrestre, lavaste as janelas da tua mãe. Quando puseste o pano molhado no vidro, terias notado que a água escorria do painel deixando um pequeno resíduo. Aqui não tens o resíduo, mas ficas com um corpo limpo e recarregado. Agora, isto responde à tua pergunta?» «Sim», respondi. «Mas o que aconteceu ao meu uniforme, e como o fizeste desaparecer?»

«Certamente tens uma mente inquisitiva», disse ele. «Isso é bom porque significa que escutas atentamente o que digo. Usando a minha força de vontade, consigo afetar a matéria astral. Isto significa que posso construir ou dissolver de volta aos seus elementos originais. Por exemplo, as nossas cadeiras foram construídas assim. Primeiro, tive de pensar na cadeira e manter o pensamento na minha mente enquanto focava a minha vontade na forma-pensamento. Isto trouxe a visão subjetiva para o mundo objetivo ao atrair matéria objetiva para uso. É assim que obtemos a maioria das coisas neste mundo.

Agora, quanto à razão por que me livrei do teu uniforme. Estava infetado com pensamentos de guerra. O ódio, morte e destruição que acumulaste para com o inimigo afetaram a natureza grosseira do teu eu inferior. O teu uniforme fazia parte de ti. Embora não tivesse mente própria, entrou em contacto com os teus pensamentos e agiu como uma esponja a absorver as emoções da guerra. Assim, formou-se uma transmissão entre o uniforme e ti. Embora invisível, havia um efeito em ti, que toldava os teus sentimentos com ódio pelos teus semelhantes. Não deves permitir isso porque prejudica o teu crescimento espiritual.

«Esta é uma das razões por que tentamos afastar as almas novas das suas condições terrestres imediatas, caso contrário continuam a batalha nas subdivisões inferiores do plano astral onde o mal reina. Tiveste sorte em seres encontrado pelo capitão e trazido aqui, caso contrário elementos inferiores ter-te-iam apanhado e prendido pelos desejos inferiores da vida terrestre, como beber, jogar e sexo. Ter-te-ias então tornado escravo desses desejos e afundado lentamente mais na matéria astral, criando o teu próprio inferno.»

Fiquei espantado ao ouvir Chan mencionar o inferno. Perguntei se existia tal lugar e, se sim, onde estava. «Noutra ocasião explicarei onde pode ser encontrado», disse ele. «Agora prefiro continuar com o que estava a dizer. Há alturas para ti escalares, mas o primeiro passo começa no degrau inferior. A batalha entre o bem e o mal é sempre travada nos níveis inferiores. Por vezes, o mal tenta expandir as suas fronteiras, e ocorre conflito aberto. Não dura muito porque temos o poder do direito do nosso lado. Por vezes, os Senhores da Luz aventuram-se na refrega, e, com a sua ajuda, o mal é rapidamente disperso. Isto dá-nos uma oportunidade de fazer prisioneiros, que esperamos convencer do erro dos seus caminhos.

«Não os podemos reter por muito tempo porque os seus próprios pensamentos malignos puxam-nos de volta para o seu plano. Por vezes, as almas não são malignas, mas estão perdidas e caíram em má companhia. Se concordarem, ajudamo-las a subir da sua escuridão para o caminho da luz. As almas que trabalham para elevar estes seres perdidos chamam-se resgatadores. Têm a tarefa de ir aos planos inferiores e são escolhidos pela sua força de vontade altamente desenvolvida. Aventurar-se nos mais escuros destes reinos requer muita habilidade e coragem. (outro exemplo disto). E nestes reinos mais escuros, os resgatadores vão em grupos de quatro para manter os quatro pontos cardeais da alma que estão a ajudar. Desta forma, o mal não tem hipótese de interferir com o nosso trabalho. As almas resgatadas são levadas para um lugar de descanso, onde ficam até desenvolverem uma atitude mais positiva e até as suas mentes se abrirem às influências superiores da vida aqui.

«Temos todo um exército de almas que trabalham desta forma. Trabalhei como resgatador até ser colocado responsável pelo teu bem-estar. Agora, é altura de te levar de volta. Falei longamente sobre o modo de vida aqui, e precisas de digerir o que foi dito.»

Levantámo-nos das cadeiras, que se desintegraram com um aceno da mão de Chan. Perguntei se me mostraria como fazer isso. «Sim», disse ele, «noutra ocasião. Temos de ir.»

Não demorou muito a caminhar de volta ao aquartelamento. Sentia-me bem e achava que parecia bem nas minhas roupas novas. «Quando te verei novamente?», perg45untei. «Muito em breve», respondeu. «Precisas de descanso agora. Se precisares de mim, concentra-te no meu rosto e nome. E vê o que acontece! Adeus por agora.»

Agradeci-lhe a ajuda. Acenou em despedida e de repente começou a desvanecer-se. Em momentos, desaparecera. Pensei para mim mesmo: «Consegues bater isto? Aqui num minuto e desaparecido no seguinte.»

Abri a porta da cabana e dei de caras com Bill. «Meu Deus, Jim», disse ele, «estás com ótimo aspeto. Gosto do teu novo fato, muito elegante mesmo. O que andaste a fazer?»

«É uma longa história. Nunca pensei que a vida após a morte fosse algo assim. Não tem nada a ver com o que a mãe me contou. Ela aprendeu coisas totalmente diferentes na igreja. Onde estão os anjos da guarda? O

mais próximo que vi de um anjo foi um chinês que vem e vai como lhe apetece. Mas é um bom tipo e tem-me mostrado o que é preciso.»

«Disseste um chinês?» Bill riu-se. «Sim, disse», respondi. «O que é tão engraçado?» A essa altura, Bill teve de se sentar de tanto rir. «Quando acabares, conta-me a piada», ordenei.

«Bem», disse ele, «se tu podes ter um chinês como anjo, adivinha quem eu tenho?» «Estou a começar a pensar que tudo é possível», disse eu. Bill engoliu o riso para falar. «Ouve isto. Tenho um índio vermelho como guia. Chama-se Homem Medicina, e já passei bons momentos com ele, posso garantir-te. Prometeu levar-me para arranjar roupas novas mais tarde. Ficarei tão elegante como tu.»

Desta vez, ambos explodimos em gargalhadas. Quem acreditaria que tínhamos um índio vermelho e um chinês como anjos da guarda? Não conseguíamos conter os acessos de riso. Por fim, todos no aquartelamento juntaram-se a nós, embora não soubessem do que estávamos a rir. Isto continuou por algum tempo até eu decidir deitar-me na cama.

Sentia-me alegre e comecei a refletir. Perguntei-me quanto tempo estaria aqui; perdera toda a noção do tempo. A memória da minha última batalha desvanecera-se. Fora há um dia ou dez dias? Só Deus sabe, tanto acontecera entretanto. Um estrondo alto tirou-me dos pensamentos; o sargento estava à porta.

Olhou à volta da sala, abanou a cabeça e murmurou algo sobre o nosso aspeto, numa tentativa leve de nos fazer sentir culpados por estarmos fora de uniforme. «Muito bem», disse, «há uma reunião com o capitão. De pé, mexam-se.» «Lá vamos nós outra vez», murmurei. Entrámos na sala e sentámo-nos. Bill sentou-se ao meu lado. Enquanto esperávamos pelo discurso do oficial, trocámos algumas piadas.

«Bom dia, senhores», trovejou o oficial do estrado. «Ouvi dizer que todos se estão a instalar. Isso é bom. Cada um de vós foi apresentado ao vosso guia, cuja tarefa é ajudar-vos a aprender o funcionamento deste plano. Tenho a certeza de que foi um choque para muitos de vós que os vossos guias sejam de raças diferentes. Todos são filhos de Deus, e todos evoluímos da mesma forma. Entrego-vos agora ao professor.»

«Bem-vindos, meus amigos», começou o professor, «trago saudações do Altíssimo que vos contempla a todos com amor. Quero falar-vos sobre a força de Deus que reside em vós. Para aqueles que eram agnósticos na vida terrestre, terá sido um choque terem sobrevivido à morte. E um choque maior que exista um Deus. Não pensem em Deus como um homem ou mulher sentado num trono a olhar de grande altura para ver se são bons ou maus. Nada poderia estar mais longe da verdade.

«Deus é o espírito intangível por detrás de toda a vida, a sua força está sempre presente. Deus concedeu-vos a vida e coroou-a com consciência, sabendo que isso desenvolveria individualidade. Assim, pode dizer-se que o nosso dom de Deus é a nossa própria individualidade consciente, que não pode ser tirada. Podem perguntar-se por que não tinham consciência disto na vossa vida terrestre.

«Desde o momento em que nasceram, foram rodeados por coisas materiais para sustentar o corpo e a mente materiais. Ao crescerem, a mente material criou uma parede de betão à sua volta porque os vossos pensamentos concretos foram condicionados dessa forma. Uma vez construída esta parede, impede que parte da luz solar espiritual entre na vossa vida. Tornam-se incapazes de reconhecer algo além do mundo concreto.

«Há pessoas no plano terreno que se esforçam por reconhecer as qualidades de Deus dentro de si. Ao fazê-lo, lentamente derrubam as suas paredes, permitindo que a luz solar da verdade espiritual entre. Quando isso acontece, tornam-se conscientes da sua verdadeira natureza e tentam usar o seu conhecimento de pureza e amor para ajudar a humanidade, espiritualizando a consciência daqueles que encontram. Houve muitas almas iluminadas que transmitiram o seu conhecimento a um mundo faminto. Uma dessas almas foi Jesus de Nazaré, que retratou as qualidades crísticas de força, amor, bondade e compaixão. Todos com quem contactou saíram melhores do encontro.

«Meus amigos, tendes as mesmas qualidades dentro de vós, embora a Luz Crística não brilhe tão intensamente. Deveis esforçar-vos por reconhecer esta luz e tornar-vos conscientes do seu poder. Pelo vosso próprio pensamento, aumentareis este poder divino dez vezes. Queremos que realizeis o vosso potencial para o bem ou para o mal. O poder funciona da mesma forma para cada um.

«Tal como uma planta ou flor exala um perfume agradável ou desagradável, o homem influencia igualmente o seu entorno para o bem ou para o mal. Não podeis encontrar alguém sem influenciar a sua alma. Sereis ensinados a controlar os vossos pensamentos inferiores e a exalar os superiores porque, com o tempo, entrareis em contacto com outros que precisam de ajuda. Tal como nós vos ajudamos agora, vós também estendereis a mão da amizade. Mas a aprendizagem é um processo lento para todos nós porque cada alma tem um nível diferente de consciência e embarcou numa viagem individual pela vida.

«Quero que cada um de vós considere o que a palavra "vida" significa. Deixem-me explicar mais claramente. Não podeis destruir a vida. Só podeis mudar o seu modo de expressão. O corpo físico não existe após a morte, mas a força vital dentro desse corpo existirá noutro plano. Simplesmente mudou de localização. Ainda há um corpo que vive e uma mente que pensa. Vós próprios experimentastes esta transição.

«Agora, quanto à razão por que sobrevivestes à morte. A força vital, sobre a qual tenho falado, chama-se o Deus Interior. Deus não pode destruir-se a si mesmo porque é a lei natural que supera todas as leis, incluindo a lei da morte física. A lei da vida é um contínuo de movimento e mudança. Nada pode travar a evolução porque é uma necessidade, e a vossa escalada evolutiva para estados de consciência cada vez mais altos é o vosso direito de nascimento dado pelo ser supremo que chamamos Deus. É suficiente por agora ter tocado neste grande mistério chamado vida.»

O professor fez uma pausa de alguns minutos e depois perguntou se tínhamos perguntas. Olhei à volta da sala e vi muitas cabeças a virar-se para discutir o que o professor dissera. As discussões laterais continuaram até um jovem se levantar e perguntar: «Alguma vez o encontrarei, senhor?»

«Qual é o teu nome, jovem», perguntou o professor, «e a quem desejas encontrar?» «Bem, Deus, claro, senhor», respondeu. «Ah, sim! O meu nome é Albert Ford.» Todos riram enquanto o rapaz ficava atrapalhado. Aposto que desejou que o chão se abrisse e o engolisse. Mas, para lhe dar o devido crédito, permaneceu de pé. «Basta, senhores!», disse o professor. «Calmem-se agora.»

Um silêncio instalou-se na sala e Albert afundou-se na cadeira. O professor continuou: «Albert, ao conheceres-te a ti mesmo, conhecerás

Deus. Como já te expliquei, ele está dentro de ti. Ao compreenderes isto, perceberás que Deus está em todas as coisas, e todas as coisas estão em Deus. Não pode ser de outra forma. O segredo da vida é a própria vida. Com o tempo, compreenderás isto. E, quando o fizeres, dirás "Encontrei Deus". Espero que isto tenha respondido à tua pergunta, Albert.»

Várias mãos ergueram-se imediatamente. O professor escolheu outro jovem, que se levantou. «O nome é Tom Adams, senhor. O meu pai morreu há muitos anos. Se há vida após a morte para todos, por que não o vi?» «Como morreu ele?», perguntou o professor. «Supostamente de tuberculose, senhor.»

«A forma como morreste», explicou o professor, «criou uma divisão entre ti e aqueles que partiram antes de ti. Como foste ceifado no auge da tua vida terrestre, o teu espírito precisa de se ajustar ao seu novo ambiente. Quando estiveres pronto, poderás aproximar-te daqueles com quem te associaste enquanto na terra.

«No caso do teu pai, ele teria sido recebido por aqueles que o amavam. Tê-lo-iam acolhido e imediatamente levado a descansar das condições da morte. Uma vez recuperado, foi educado para o seu novo ambiente da mesma forma que tu agora. Quando for a altura certa, o amor que tens pelo teu pai e o amor que ele tem por ti trar-vos-ão automaticamente juntos. Onde há amor, não pode haver separação permanente. A lei da atração garante isto.» Vi um sorriso cruzar o rosto de Tom enquanto se sentava.

O professor satisfizera-nos ao responder a muitas das nossas perguntas e preocupações interiores. Depois agradeceu-nos e partiu tão rapidamente como chegara. O capitão aproximou-se do estrado e começou a falar. «Os meus agradecimentos por terem vindo, senhores. Podem regressar aos vossos aquartelamentos ou, se preferirem, dar um passeio. Não se afastem demasiado, bons rapazes.»

Após a correria para as saídas, procurei Bill e avistei-o a dirigir-se para o aquartelamento. (=campo/quartel). Era um dia tão maravilhoso que decidi dar um passeio. Dirigi-me para longe da sala e em breve cheguei ao campo. Após atravessar alguns campos, aproximei-me de um rio. Uma luz estranha dançava na água. Sentei-me para observar as luzes e desfrutei do seu efeito hipnótico. Descobri que, quando concentrava os meus pensamentos nas

luzes, elas transformavam-se em imagens do meu passado. Isto entreteve-me por algum tempo.

Quando me fartei, lembrei-me das últimas palavras de Chan: «Se precisares da minha ajuda, concentra os teus pensamentos em mim.»

Imediatamente, formei uma imagem dele e acrescentei o seu nome. Passaram dois a três minutos, e depois surgiu uma névoa. Formou-se no contorno de um homem e tornou-se cada vez mais sólida a cada segundo. Por fim, Chan estava ali em todo o seu esplendor. Parecia tão magnífico como da última vez que o vi, e aqueceu-me ver o seu sorriso reconhecível, de quem tudo sabe.

«Bom dia, jovem», disse ele. «O teu poder de concentração é muito bom. Recebi o teu pensamento imediatamente e consegui dirigir-me por ele. O sistema funciona muito rapidamente porque o pensamento viaja instantaneamente. Estava no meio da minha meditação quando chamaste, por isso consegui vir rapidamente.»

«Meditação? O que é isso?», perguntei. «Acho que é melhor sentar-me», disse ele, «isto pode demorar algum tempo.» Com um aceno da mão, Chan materializou uma cadeira e sentou-se ao meu lado.

«Assim está melhor», disse. «Vejo que estiveste a olhar para as luzes da água. O que aprendeste com elas?» «Não sei, mas achei-as muito agradáveis.»

«Sim», respondeu, «acharias porque são as luzes do pensamento abstrato. Ao concentrares-te nestas luzes, começaste o caminho para a meditação. Como a meditação é uma chave para a porta do céu, deixa-me explicar mais sobre o seu uso.

«É uma das formas de desabrochar a consciência espiritual profunda no mais íntimo do teu ser. Para desenvolver esse ser interior, deves primeiro conhecê-lo e reconhecer o seu potencial de crescimento. A meditação é uma ajuda ao crescimento e ajuda a desenvolver a mente bem como o espírito. Equilibra o corpo que agora tens e os mentais e espirituais que estás a criar.

«Na tua vida terrestre, e agora nesta vida, educaste o corpo para o seu ambiente. Também deves educar o corpo mental. Deve ser treinado, nutrido e transformado num instrumento polido para o espírito. Para desenvolver

músculos grandes, exercita-se para alargar cada fibra muscular. Da mesma forma, desenvolvemos a mente exercitando os átomos mentais. Deves usar a tua mente para perscrutar as profundezas. Quanto mais vires, mais aprenderás. A tua reverência pelo invisível também se aprofundará. Quando estavas na terra, o mundo astral era o invisível e o teu mundo era a realidade. Agora o nosso mundo é a tua realidade, e ainda não compreendes o mundo invisível que está por vir.»

Quase adormeci, por isso Chan parou para perguntar se estava aborrecido com o que dizia. «Não», disse eu e endireitei-me. Havia mais autoridade na sua voz ao continuar: «Haverá um novo significado para a vida à medida que ganhares controlo dos teus pensamentos e emoções inferiores. Consegues isto dando à mente superior alimento para pensar, alimento espiritual, isto é. Esforças-te por atingir uma iluminação puramente espiritual. Para isso, precisarás de uma mente perfeitamente equilibrada e de um corpo bem controlado para acalmar as vibrações mentais, que continuamente atuam e reagem com o nível espiritual. Com a meditação, trazes estas forças sob o teu controlo para que te tornes o mestre e não o escravo. Isto respondeu à tua pergunta?»

«Tenho de ser honesto», disse eu. «Realmente não compreendo o que tens estado a falar.» Vi um olhar severo cruzar o seu rosto e esperei pela repreensão que sabia que se seguiria! «Devias ter escutado mais atentamente», disse. «Compreendo como é difícil para ti, especialmente porque não foste criado numa religião oriental. No meu antigo país, a meditação era um modo de vida. Tenho de fazer concessões para ti. Mas, por favor, compreende que estes ensinamentos são para teu benefício.»

Um olhar subtil rastejou pelo seu rosto que dizia: «Aprenderás.» Sentámo-nos e conversámos por algum tempo, e Chan explicou mais sobre a meditação. Desta vez, escutei mais cuidadosamente. Tinha muitas perguntas, e Chan forneceu as respostas até decidir que falara o suficiente sobre o assunto.

«Bem, meu jovem amigo», disse ele, «foi um bom dia, e portaste-te extremamente bem. Agora o meu trabalho deve concentrar-se no lado prático dos teus ensinamentos. Chegará o momento em que te aventurarás sozinho e trabalharás para elevar almas que estão num nível de vibração inferior ao teu. O plano abaixo deste é mais denso, e o mal gravita para lá. O fortalecimento da tua força de vontade é uma parte essencial do teu

desenvolvimento porque te protegerá contra as influências malignas do plano inferior. Tiveste muita sorte em não ter caído nas garras do mal quando passaste. Não pretendia falar-te sobre os planos inferiores, mas acho que, como estamos no assunto, continuarei.»

Com um aceno da mão, Chan produziu um pergaminho. Ao desenrolá-lo, chamou-me para um olhar atento. Achou bom mostrar-me como os planos do mundo astral correspondem uns aos outros. O desenho era muito impressionante, e estudei-o por algum tempo. Mas, para ser honesto, não conseguia compreendê-lo totalmente e pedi a Chan que o explicasse.

«Bem», disse ele, «há sete planos e cada um varia em densidade. Cada plano é habitado por almas adequadas a ele. Isto é determinado pelas vibrações dos seus corpos astrais, que são controladas pelos seus pensamentos manifestados. O plano astral, como sabes, é semi-material. Também tem algo semelhante ao espaço e à posição. O tempo também existe, embora numa forma mais fluida do que na terra. Cada um destes planos tem muitas divisões conhecidas como zonas temporais, que alojam almas que pertencem a esse período de tempo. Muitas dessas almas conseguem viajar de um período temporal para outro, mas a maioria está mais feliz em ambientes familiares.»

Interrompi Chan perguntando se ele vivia no seu próprio período temporal. «Sim, vivo, quando tenho oportunidade», respondeu. «O meu trabalho é maioritariamente neste período temporal. Encontrarás nas divisões deste plano que os habitantes são menos graduados e classificados do que nos planos superiores. Neste plano, a vida aproxima-se muito da vida na terra. No entanto, encontrarás homens de diferentes nacionalidades a discutir problemas abstrusos por meio de telepatia, quase tão completamente como fazemos nos planos superiores. Há dois planos sobre os quais ainda não falei. Estes são os dois mais baixos onde não há divisões. Moldam-se num só. Usarei um exemplo.»

Com outro aceno da mão, Chan materializou uma cebola, que disse ser perfeita para a sua demonstração. Segurou-a à minha frente e começou a explicar o significado da cebola. «O núcleo central é a parte mais densa. Imagina os planos astrais da mesma forma. O centro é a forma mais densa de matéria, e cada camada fora do centro é consecutivamente mais fina e maior.

«O plano terreno é a terceira divisão tal como vista por nós, e o mal reina supremo sobre os dois abaixo da terra. O primeiro plano é frequentemente falado nas vossas igrejas e chama-se "inferno". É uma negação de tudo o que é totalmente bom e é o campo de batalha para as paixões malignas que lá afundam da terra. Por vezes, a pura força destas paixões malignas torna-se personificada. Envia raízes profundas para o segundo e o terceiro planos. Estas raízes alimentam-se das paixões malignas e do ódio gerados pela guerra. As formas que surgem deste mal são frequentemente vistas no campo de batalha. Uma dessas formas é o Anjo da Morte. Os vivos e os moribundos veem-no como uma grande figura sombria, que eclipsa o sol ao cobrir o campo de batalha. Torna-se mais forte e maior à medida que as emoções da guerra aumentam.

«É em guerras, como esta, que o mal na sua forma mais baixa se abre caminho para fora do inferno e transborda para o segundo e terceiro planos. As raízes do mal ligam-se ao poder do Anjo da Morte e reabastecem o seu poder enquanto tenta dominar outros planos. Os recém-mortos também são usados pelos elementos malignos na sua escalada para fora do poço do inferno.»

Um arrepio percorreu-me quando Chan descreveu o mal destes planos inferiores. Pensar que eu também poderia ter sido usado! Lembrei-me de que Chan já mencionara o inferno antes. «Queres dizer que o inferno realmente existe?», perguntei. «É o que te tenho estado a dizer», respondeu. «Não me aventurei no primeiro plano, mas trabalhei dentro das fronteiras do segundo. O que testemunhei foi extremamente perturbador. Falei o suficiente por agora sobre este assunto.»

Antes que Chan pudesse proferir outra palavra, perguntei-lhe se continuaria. Estava cativado com o que ele dissera. Continuou: «Bem, se o desejas, descreverei o que testemunhei lá. É um lugar onde mortais malignos afundam nos seus vários pecados de obsessão. Estas almas vagueiam sem rumo no lamaçal que criaram para si próprias. Uma névoa densa cobre tudo. Não há paisagem nem edifícios; em vez disso, há grandes canyons onde mortais degenerados se escondem enquanto derivam rapidamente para o inferno. Vivem em abrigos viscosos e imundos entre as rochas. Não há animais porque as almas dos animais não conseguem afundar a estas profundidades.

«As almas estão lá pela sua própria criação e desejos. Por vezes, quando o mal está em marcha, usa estes mortais degenerados como o seu exército das trevas. A escuridão não se pode esconder dos poderes da luz, mas pode dos recém-mortos. Também se pode esconder daqueles no plano terreno disfarçando-se para tirar partido das emoções inferiores do homem. Isto é feito da mesma forma que um ator se veste de forma diferente para os seus papéis em peças diferentes.

«Embora estejam mortos para o plano terreno, estes degenerados anseiam pelos prazeres do corpo. Certamente estão vivos no plano onde se encontram. Os seus desejos são muito mais fortes do que quando estavam na terra. Estão ligados a uma massa de almas de mentalidade semelhante, criando assim uma força motriz poderosa. Isto acabará por transbordar para o plano terreno e predar seres humanos ainda na carne.

«As suas vítimas serão de mentalidade semelhante. Por exemplo, aqueles que praticam as artes negras serão vítimas dos seus próprios desejos. Aqueles que estão sempre bêbados e os tipos inferiores de criminosos tornar-se-ão vítimas destas almas obsessivas. Enlaçam-se com as suas vítimas para satisfazer os seus próprios desejos ardentes. Vê-se muitos destes seres aglomerados à volta de tabernas e casas de má reputação. Esperam para entrar na aura das suas vítimas. Sei que ainda não te falei sobre auras, mas falarei.»

Não conseguia mexer um músculo. Todas as partes do meu corpo estavam tensas de medo. Chan perguntou se deveria continuar. Sem hesitação, respondi afirmativamente. «Quando os degenerados ganham entrada na aura das suas vítimas, ficam até serem sacudidos. Isto pode ser conseguido pelo próprio indivíduo ou por um exorcista. Se a liberdade não for alcançada, a entidade toma controlo do corpo terreno dominando a personalidade da alma fraca.

Ocorre agora a possessão, com uma luta subsequente pela expressão. Primeiro, a alma terrestre ouve vozes que lhe dizem para fazer coisas contra o seu melhor julgamento. As vozes são tão dominantes que a alma fraca só pode obedecer agindo completamente fora do caráter. Quando a possessão se torna demasiado grave, geralmente chama-se um médico. Nos piores casos, o paciente pode ser institucionalizado. Por desespero, os médicos chamam frequentemente a esta condição esquizofrenia e certamente não têm ideia real do problema.

«Lembra-te de que todos os que bebem ou se entregam à gratificação do corpo nem sempre são pessoas malignas. Alguns são de vontade fraca e são liderados por aqueles que são eles próprios liderados pelo mal. Era o meu trabalho ir com outros encontrar estas almas perdidas e desorientadas e explicar-lhes que estavam a criar condições para si próprias, que seriam difíceis de superar. Também tentamos explicar que estão a ser usadas por uma força muito mais maligna, e que, se não se afastarem do seu caminho, serão atraídas para o inferno. Geralmente, isto dá-lhes algo em que pensar. Chamamos a isto plantar a semente, e esperamos que crie raízes. Queremos que vejam a luz e se encontrem a si próprias.

«Ninguém está alguma vez perdido ou pode estar perdido, porque a faísca da vida está em todos. Mas pode afundar tão baixo que quase se extingue. Por vezes, seres malignos atacam-nos se pensam que estamos a ter sucesso com um dos seus legionários. É por isso que vos ensinam a controlar a vossa força de vontade, porque é a vossa vontade que vos guarda e mantém seguros. Aprendereis a nunca ter medo. O maior inimigo é o próprio medo, por isso deveis estar confiantes no amor e sabedoria de Deus. A escuridão não vos tocará se irradiardes luz. Assim, pelo poder da vontade, conseguimos enviar os seres malignos de volta para o seu próprio plano para serem submersos em paixões malignas.

«Expliquei agora um pouco sobre o meu trabalho antes de ser designado para o teu bem-estar. Isto ajuda a explicar por que fui escolhido para ser o teu professor. Tu também tens a qualidade e força para te tornares um resgatador.»

«Nem pensar», disse eu ao saltar para esticar as pernas.

Um sorriso largo surgiu no rosto de Chan. «Bem, teremos de esperar para ver», disse. «Queres sentar-te numa cadeira?» «Sim», respondi, «o chão é bastante duro.» Com um aceno da mão, outra cadeira apareceu. Agradeci-lhe e instalei-me confortavelmente.

Continuou: «Quando o mal empurra para o terceiro plano, há um confronto entre as forças do bem e do mal. Lutamos para enviar as forças malignas de volta. Por vezes, o mal é muito forte e empurra-nos para trás, mas não por muito tempo. Chamamos ajuda de almas superiores que, por sua vez, chamam os Senhores da Luz para a refrega. Com a sua ajuda, empurramos o exército maligno de volta. Na confusão para se esconderem

da luz, o seu exército torna-se um caos, mas não acaba aqui. Os Senhores da Luz perseguem-nos do plano terreno para o segundo plano. A sua luz confunde todos os que são malignos, e o exército derrotado deixa de existir.

«Quando saíste do teu corpo físico, viste algo do terceiro plano. Foi aí que a tua história começou. Para almas novas, é um lugar enevoado de pensamentos e razões. Há outros planos, como afirmei. Estás no quarto plano e numa zona temporal apropriada para o teu bem-estar. Estás a aprender a ajustar-te à tua nova vida. E, à medida que ganhas conhecimento, tornar-te-ás mais consciente do teu verdadeiro eu e da força de Deus dentro de ti.

«Em breve, preparar-te-ás para a tua próxima fase de existência. À medida que as vibrações dos teus átomos mentais aumentam, o teu corpo astral mudará. Tal como uma borboleta se liberta do seu casulo para emergir num novo mundo, assim o farás tu. É um processo mais lento contigo do que com a borboleta, mas o teu novo mundo é muito mais refinado. Este processo ocorre em todos os planos do primeiro ao sétimo. Cada plano tem as condições corretas para as suas almas em crescimento.

«Agora, deixa-me contar-te algo sobre o plano onde vivo. É o sexto, fazendo fronteira com o sétimo, o que significa que me estou a preparar para o meu nascimento na esfera celestial. Isto é semelhante à tua morte no plano físico e ao teu renascimento neste. Através do meu trabalho, outros foram elevados e eu também ganhei renascimento para mim. Este é o único caminho a seguir. Com o tempo, tu também encontrarás o trabalho correto. Lembras-te do alfaiate?» «Sim, lembro», respondi. «Era um homem muito prestável. Pretendia perguntar-te sobre ele e o lugar onde trabalha.»

Chan começou esta história: «Essa alma trabalhou toda a vida como alfaiate e amava o seu trabalho. Gostava de conhecer pessoas e, por causa disso, os seus dias na terra foram felizes. Quando veio para aqui, ainda queria trabalhar. Não teria sido bom colocá-lo noutra ocupação. Foi-lhe dada a tarefa de vestir almas novas até que possam criar as suas próprias roupas. A maioria das pessoas ainda tem o desejo de trabalhar.

Embora, quando chegam aqui pela primeira vez, a sua reação seja frequentemente: “Graças a Deus, não tenho de trabalhar mais.” Isto não dura muito porque ao longo da vida foram condicionados a trabalhar. Após um descanso bem merecido, são introduzidos a um trabalho que lhes dá

grande prazer. Todos trabalham de uma forma ou outra, mas aqui o trabalho é realizado sem pagamento. É dado em amor, pois a maioria das pessoas gosta do seu trabalho. É um meio de carregar o peso das suas próprias responsabilidades.»

«Compreendo isto», disse eu. «Ficar-me-ia aborrecido se não tivesse nada para fazer além de estar sentado todo o dia. Importas-te se fizer uma pergunta?»

«De modo algum», respondeu. Então perguntei: «Essas lojas que visitámos, como chegaram lá?»

«Boa pergunta», respondeu. «A cidade e as lojas existem no plano terreno. Copiámo-las para que as almas novas se sintam imediatamente em casa. Privá-las das coisas que conheciam e compreendiam quando na terra criaria um desequilíbrio mental. Por isso, somos muito cuidadosos em criar um ambiente semelhante ao que acabaram de deixar. Claro, há coisas muito maiores aqui do que cidades, casas e igrejas. O teu país também existe! A Inglaterra ainda é a Inglaterra. Um mapa mostraria que a China também está no lugar habitual. A única diferença entre a terra e aqui é o modo como vivemos.

«Lembra-te, Jim, do que disse sobre a distância? Usando vontade e pensamento, posso viajar de um lugar para outro no lado oposto do mundo num só momento. Assim, a distância é superada pelo pensamento controlado. Continuaremos em breve com uma lição sobre controlar o teu pensamento.

«O guia de ensino a quem foste apresentado vive no sétimo plano. É uma alma maravilhosa que trabalha unicamente para a elevação da humanidade. Evoluiu para além do sétimo plano para o mundo espiritual. Como deseja continuar o seu trabalho nos planos inferiores, deve permanecer sob a manifestação dos planos astrais, que diferem do plano espiritual.

«Toda a matéria astral deixa de existir no plano espiritual, e apenas o espírito puro funciona lá. A linha divisória entre os dois é muito fina, mas, posso assegurar-te, trabalhar para o plano espiritual é um objetivo digno. Há muitas almas que retardam o seu estágio evolutivo para ajudar outros. No meu caso, tenho um longo caminho a percorrer. Tens mais perguntas?»

«Não, obrigado», disse eu. «Bom», respondeu, «começaremos o teu treino agora. Se quiseres levantar-te, podemos livrar-nos destas cadeiras.» Levantei-me e afastei-me da cadeira; e, com um aceno da mão, as cadeiras desapareceram. Como antes, achei isto intrigante e lembrei-me de que Chan dissera que me mostraria como fazer.

«Muito bem», disse. «Primeiro visitaremos o teu aquartelamento. É uma boa oportunidade para começar a usar o teu próprio vapor para viajar. Pensa no lugar onde queres estar e mantém esse pensamento na tua mente. Depois, coloca a tua força de vontade no pensamento e puxa. Experimenta, Jim.»

«Certo», disse eu. Fechei os olhos, pensei no meu aquartelamento e achei fácil imaginá-lo imediatamente. Comecei a puxar-me para o meu pensamento. Uma sensação de leveza invadiu-me, seguida por uma sensação peculiar de movimento. No entanto, pelo que conseguia perceber, não dera um passo em frente. Deve ter-me assustado porque Chan gritou: «Para! Pareces uma rã fora de água. Não é assim; agora tenta novamente. Concentra-te mais desta vez.»

«Bem, lá vai», disse eu. Imaginei o meu aquartelamento e concentrei a minha vontade nele. Desta vez, mantive a imagem firmemente na minha mente. Novamente senti-me a mover. Parecia mais como andar num comboio aos solavancos do que voar pelo ar. A minha curiosidade levou a melhor, e abri os olhos. Isto foi a pior coisa que poderia ter feito porque perdi toda a concentração e caí imediatamente. Desci com um pouco de estrondo, mas tive sorte em aterrar entre alguns arbustos.

Ao erguer-me, avistei algumas jovens de pé perto de mim. «Bom dia», disse eu enquanto me limpava. «Pensei em passar por aqui.» Isto provocou acessos de riso. Eu também vi o lado engraçado do que dissera e juntei-me. Uma delas falou-me brevemente: «Vê-se que és novo aqui, mas continua a tentar.» Viraram-se e seguiram o seu caminho.

«Então é aqui que estás», chamou uma voz. Virei-me e vi o rosto sorridente de Chan. «Então o que correu mal?», perguntei. «Simplesmente uma perda de concentração», disse. «Isto é algo que não deves fazer se quiseres mover-te para qualquer lado pelo poder do pensamento. Quanto a onde estás, olha à volta.» Fiz como Chan sugeriu. «Hmm, parece um parque», disse eu.

«Exatamente certo», respondeu. «Passaste do teu destino. O teu aquartelamento fica a duas milhas na outra direção.» «Oh céus», utterei, «como consegui isso?» Sabia muito bem o que fizera de errado, mas não ia dizê-lo. «Bem, o que faço agora?», perguntei. «Tenta novamente, claro», disse, «mas desta vez não abras os olhos.»

Fiquei vermelho como um tomate, esquecendo completamente que Chan conseguia ler os meus pensamentos. «Não te preocupes», disse, «não esperava que acertasses à primeira. Na verdade, portaste-te extremamente bem. Estás pronto para tentar novamente?»

Desta vez, fiz exatamente como me foi dito. Mantive o pensamento do meu aquartelamento firmemente na minha mente, e desta vez mantive os olhos bem fechados. Tão rapidamente como a sensação de movimento começou, parou. Ao abrir os olhos, fui recebido pelo meu velho amigo. «Onde raio vieste parar?», perguntou Bill com um ar de descrença ao erguer-se da cama.

«Consegui, Bill, consegui!», gritei. «Vim para aqui sem passar pela porta.» «Sim, vejo isso», disse. «É bom ver-te novamente. Pareces estar a lidar bem com o que aconteceu. Fico contente por ti.»

Havia um tremor nos lábios de Bill ao deitar-se novamente na cama. Isto preocupou-me, por isso aproximei-me dele para ver se podia fazer algo. Fui surpreendido por uma mão no meu ombro e pela voz de Chan a dizer: «Deixa-o, ele ficará bem. Vem, pega no meu braço. Tenho uma surpresa para ti.»

«Surpresa, que surpresa?», perguntei. Ele ergueu a mão para mim, e quando a segurei, disse: «Fecha os olhos.» Uma sensação de movimento começou em momentos. Apenas desta vez foi muito mais forte do que experimentara com os meus próprios esforços para viajar. Senti o controlo total de Chan. Tão rapidamente como a sensação começara, terminou.

«Podes abrir os olhos agora», disse, «e diz-me o que vês.» Lentamente abri os olhos, apenas para me encontrar numa névoa. «Onde estamos?», perguntei. «Usa o teu poder de concentração para dissipar a névoa», explicou Chan.

Mais uma vez, fechei os olhos e usei toda a força da minha força de vontade para dissipar a névoa. Sorri e dei-me uma palmadinha nas costas.

Pelo menos fiz direito desta vez. Encontrei-me em arredores muito familiares e reconheci imediatamente a minha antiga casa. Vagueei pela sala; nada alterara. A mesa estava no mesmo lugar, e o aparador ainda estava debaixo da janela. Virei-me e perguntei a Chan: «Por que me trouxeste aqui?»

«Espera e verás», disse. A maçaneta da porta rodou e entrou a minha mãe. Lágrimas formaram-se imediatamente nos meus olhos. Com os braços estendidos, corri para ela, mas passei diretamente através dela. Virei-me para Chan em busca de ajuda. Ele comandou-me mentalmente para parar. Foi a primeira vez que ouvi alguém falar dentro da minha cabeça. Não seria a última. Parei no local, e Chan aproximou-se de mim porque viu que estava a meter-me numa grande confusão.

(il. à esquerda apenas para ilustrar – não os pais reais envolvidos)

«Calma, meu amigo», disse, «a tua mãe não te pode ver nem ouvir. O laço entre vós vai além da morte física, e, à maneira de uma mãe, ela sabe que estás aqui. Agora teremos de ir até que aprendas a controlar as tuas emoções. Nestas visitas, terás de te ajustar às vibrações emocionais dos teus pais porque ainda estão de luto pela perda do seu único filho. É esta dor que perturba o éter à volta deles. É a tristeza dos seus pensamentos que te afeta ao entrares na sua área mental. Mantive-te afastado destas condições para te dar tempo para te ajustares e tornares mais forte em ti mesmo.

«Se tivesses vindo diretamente aqui do campo de batalha, não terias querido partir. Eventualmente, terias decidido partir, mas terias sido incapaz de te libertar das vibrações da tua família. A tua casa teria então tornado uma prisão, com ti ligado à terra pelas condições emocionais lá. Sem ajuda de alguém como eu ou de um médium a trabalhar em conjunto connosco, poderias ter ficado preso na tua prisão muito depois da morte dos teus pais.»

Chan avançou e colocou a mão no meu ombro. Em momentos, estávamos de volta ao aquartelamento. Parecia que nunca tínhamos saído, mas eu sabia que, por aqueles fugazes momentos de memória, estivera de volta com aqueles que amava.

«Bem, disse que seria uma surpresa para ti», comentou Chan. «Não era para te perturbar, mas apenas para provar que podes visitar os teus entes

queridos. Com o tempo, poderás viajar para o plano terreno sempre que quiseres. Primeiro, deves ganhar mais autocontrolo e, claro, mais força de vontade. Deixo-te agora para que possas descansar e refletir sobre os teus primeiros passos de liberdade.» Chan afastou-se, e em momentos desaparecera.

Olhei à volta da sala na esperança de encontrar alguém com quem falar. Mas não, tinha o lugar para mim. Dirigi-me à minha cama, deitei-me e comecei a refletir sobre as últimas palavras de Chan: «Os teus primeiros passos de liberdade.» Deve ter-se referido à minha primeira tentativa patética de viajar para o aquartelamento. Pensei na minha mãe e no prazer de ter tido a oportunidade de a visitar. Ansiava por abraçá-la, dizer-lhe que estava bem e que não há morte. Oh, mãe, se ao menos me pudesses ter visto, tenho tanto para te contar.

Os meus pensamentos voltaram à infância. A minha mãe adorava mimar-me, especialmente quando eu estava doente. Possivelmente porque era filho único, sabia exatamente como a manipular. Ela comprava-me sempre as coisas que eu queria. Quando estava zangada comigo, aninhava a cabeça no seu pescoço e dizia que lamentava.

Sem que a minha mãe e eu soubéssemos, este tipo de comportamento colocava-me numa posição muito delicada, enfraquecendo-me para a vida quotidiana. Isto era especialmente verdade na escola, onde todos me gozavam porque não ripostava. Corria para casa da escola e escondia-me na barraca de jardinagem do meu pai. Sentia-me zangado comigo mesmo por permitir que me gozassem. A barraca de jardinagem tornou-se a minha fortaleza e refúgio. Pensava em todas as coisas que gostaria de fazer aos valentões. Prometia a mim mesmo que, quando crescesse, ninguém me bateria novamente. Na adolescência, aprendi a cuidar de mim. Surpreendentemente, descobri que muitos dos valentões queriam ser meus amigos.

A mãe era sempre a sua versão carinhosa e mimava-me sempre que podia. Acreditava que a limpeza era o que mais se aproximava da santidade e certificava-se de que eu tinha roupas novas. Éramos mais afortunados do que a maioria das outras famílias porque o pai tinha um bom emprego como mestre carpinteiro. Usava um fato escuro com colete e certificava-se de que o seu relógio de bolso mantinha sempre a hora exata. O seu chapéu

de coco ia para todo o lado com ele. Quando lhe perguntavam sobre o chapéu, respondia: «Sinal de respeito, rapaz.»

Ele era um pai eduardiano típico. Nunca se respondia à letra.

Levei uma vida tranquila até o eclodir da guerra. Então tudo se tornou pânico. Amigos e familiares foram mobilizados para o exército. Havia cartazes por todo o lado declarando: «O teu país precisa de ti. Alista-te agora.» Tinha dezoito anos quando a guerra começou. Não sabia o que era o mundo, quanto mais como lutar numa guerra. No entanto, estava ansioso por me alistar.

Expliquei ao meu pai como me sentia e expus as razões por que queria ingressar nos Grenadier Guards. «Deixa-me pensar nisso», disse ele. Quando olhei para a minha mãe, a cabeça dela estava baixa, e soube o que ela pensava. Saí da sala e fui ao pub beber uma cerveja. Fiquei lá algum tempo a falar com os meus amigos sobre a guerra. Quando foi hora de fechar, dirigi-me a casa. Ao entrar, certifiquei-me de que fazia pouco barulho, pois era tarde.

Ouvi a voz da minha mãe e parei para escutar. «Harry, o que vai acontecer ao nosso filho agora que a guerra se avizinha? Não quero que ele se aliste.» «Ora, mãe», respondeu o meu pai, «se for da vontade de Deus que ele seja aceite no exército, terá de ir. Já não é criança, e todo o homem deve cumprir o seu dever pelo país.»

Ouvi soluços enquanto ia para o meu quarto. A mãe amava profundamente o meu pai e a mim e faria qualquer coisa para nos reter a ambos. O pai tinha uma atitude diferente face à vida. Comandava e recebia respeito, mas, por baixo da sua carapaça dura, era um pai extremamente dedicado. Era o chefe da casa, mas era a minha mãe quem garantia que tudo estivesse no seu lugar. Se algo lhe acontecesse, o pai ficaria completamente perdido. Não sabia cozinhar um jantar, quanto mais arranjar uma cama.

Passaram semanas. No final de outubro recebi uma carta a informar-me de que fora aceite nos Guards e que deveria apresentar-me em Caterham até ao sexto dia de novembro. Os poucos dias que me restavam passavam demasiado depressa. A mãe perguntou se eu iria à igreja com ela. Sabia que eu não gostava de ir, não porque não acreditasse em Deus, mas porque achava que era coisa de fracos. Além disso, queria passar o tempo livre que

tinha com os meus amigos. Trabalhava cinco dias e meio por semana, por isso tinha muito pouco tempo para mim. (saí da estação ferroviária em Caterham)

Sabia que a mãe estava decidida a que eu fosse, por isso concordei. O vigário acenou com a cabeça quando me viu na congregação. Deve ter ficado surpreendido ao ver-me. Ouvi o sermão e cantei alguns hinos. Quando acabou, a minha mãe ajoelhou-se e, com lágrimas a rolar pelas faces, rezou: «Querido Senhor, protege o meu rapaz.» Ajoelhei-me ao lado dela e passei-lhe o braço pelos ombros: «Vou ficar bem. A sério, vou.»

Chegou o dia em que tive de me despedir. Os meus pais levaram-me à estação (foto acima) e, após muitos abraços e lágrimas, segui viagem. «Não me esquecerei de escrever», gritei para trás enquanto o comboio ganhava velocidade. Havia outros no compartimento que ou se tinham alistado ou sido mobilizados para lutar pelo Rei e pela pátria. Tenho a certeza de que, se algum de nós soubesse que seria a última vez que veria os entes queridos, não teríamos ido. Mas aprendi, desde que cheguei à vida seguinte, que a participação em eventos como a guerra é predestinada. Escrevi várias cartas aos meus pais descrevendo o meu progresso e as tragédias do campo de batalha. O resto é história.

Os meus pensamentos foram interrompidos por alguém que sacudia violentamente a minha cama e dizia: «Levanta-te, seu preguiçoso do caraças.» Só havia uma pessoa com uma voz tão grave. Olhei para cima e vi o Bill ali de pé, vestido a preceito. «Ora, Billy, estás mesmo com ar de quem é, e esse fato é bem bonito. O que andaste a fazer?» perguntei.

«Isto e aquilo», disse ele. «Fui às lojas comprar um par de coisas, depois sentei-me e falei muito com o indiano. É mesmo um tipo interessante. Falámos longamente sobre este lugar. A propósito, para onde foste? Estavas aqui num instante e desapareceste no seguinte.»

«Fui levado a ver os meus pais», disse eu. «Foi certamente uma surpresa, e o último sítio que esperava visitar. Só vê-los deu-me alento, mas também trouxe memórias. Sinto a falta deles, mas agora sei que um dia estaremos juntos outra vez. Entretanto, tenho as minhas memórias.»

Senti-me a ficar com remorsos, por isso perguntei ao Bill se queria dar um passeio, dizendo: «Conheço um parque não muito longe daqui.» «Adorava», disse ele. «Dá-me dois minutos para mudar de sapatos e vou contigo.»

Seguimos na direção do parque e parámos apenas uma vez para pedir indicações. Em breve estávamos à porta do parque. Uma vez lá dentro, a paisagem era completamente diferente. A relva parecia e sentia-se como veludo. Olhei para trás e reparei que não havia pegadas onde tínhamos pisado. Parei e levantei lentamente um pé. A relva era notavelmente elástica; voltava à forma como se eu nunca a tivesse pisado. Havia uma abundância de canteiros de flores dispostos de modo a formar a palavra «bem-vindo». O aroma das flores era encantador e fazia-me sentir paz e felicidade.

Virei-me e perguntei ao Bill se sentia o mesmo. «Sim, sinto. Que lugar encantador», comentou ele. «Como terão conseguido tudo isto?» «Não sei», disse eu, «mas vamos continuar.»

Havia muitas pessoas no parque, algumas de braços dados, outras em grupos a debater. Ao passarmos por um grupo de jovens senhoras, ouvi uma discussão bastante acalorada. Tal como uma mulher, pensei. Pareciam do tipo que exige sempre igualdade de direitos. Lembrei-me de que é preciso todo o tipo de gente para fazer um mundo. Este lugar não deve ser exceção. Continuámos o passeio e, depois de algum tempo, deparámo-nos com uma cabana. A porta estava aberta e, sendo curioso, parei para espreitar. Sentado lá dentro estava um tipo a envasar plantas. Um jardineiro, suponho. Parecia feliz com o seu trabalho. Virou-se e saudou-nos, mas não da maneira habitual, porque não mexeu os lábios. Em vez disso, a voz ecoou dentro da minha cabeça. Virei-me imediatamente para o Bill e perguntei se ele tinha ouvido.

«Sim, ouvi», disse ele. «A voz dele estava dentro da minha cabeça. Como raio fez ele isso?»

«Já experienciei isto uma vez com o Chan», respondi, «mas pensava que toda a gente neste plano usava as cordas vocais para falar.» Quando o jardineiro se levantou para empurrar o banco para debaixo da mesa, sorriu e fez um aparte sobre manter as coisas arrumadas. Virou-se e falou-nos novamente, mas desta vez da maneira normal.

«Estás enganado, meu jovem amigo, ao pensar que toda a gente aqui fala apenas através da laringe. Muitos podem e usam ambas as técnicas para comunicar. No meu caso, tiro prazer em cultivar o parque, bem como em cultivar a minha mente. E a prática leva à perfeição. Agora, em que vos posso ajudar, senhores?»

Penso que o Bill e eu tínhamos a mesma pergunta em mente, porque falámos ao mesmo tempo, mas eu terminei: «Como tornou o parque tão bonito?» perguntei. «Deve ter demorado eras a criar tamanha beleza.»

«Primeiro, não criei eu o parque», respondeu ele. «No entanto, fui instrumental em encontrar o local certo. O resto foi feito por almas do sétimo plano cuja força de vontade criou o parque. O único propósito deste parque é proporcionar recreio a pessoas como vocês. Embora trabalhe neste plano, não é a minha casa.»

Soltei: «Era o que pensava, não és um de nós.» Corei quando percebi o que tinha dito.

«Não te preocupes», disse ele, «sei exatamente o que queres dizer. Tens razão. Não sou deste plano. Há muitas maneiras de trabalhar, e esta é a minha forma de ajudar. É um trabalho que adoro. Tenho cuidado deste parque há muitos anos, e cada dia é como o primeiro.»

«Isso é muito interessante», disse eu, mas estava ansioso por perguntar como o parque fora criado. O jardineiro deve ter ouvido os meus pensamentos, porque interrompeu com uma explicação sobre as origens do parque. «Tudo se baseia no amor», disse ele. «Foi o amor que o trouxe à existência, e é através do amor que se mantém na forma que agora veem. Se houvesse uma desintegração desse amor por um momento, o parque desvanecer-se-ia nos seus elementos naturais. Almas superiores são capazes de criar de forma finita, mas claro, não de forma infinita. Só Deus pode manter as suas criações por infinidade. Gostariam de ver algo do parque?»

«Oh, por favor», disse eu, virando-me para o Bill, que acenou em aprovação.

Enquanto caminhávamos pelo parque, reparei que não havia caminhos. A relva tinha uma cor e textura sobrenaturais. Grupos de árvores pontuavam aqui e ali. Passámos por muitos canteiros de flores, e cada um

era mais bonito que o anterior. A atmosfera estava repleta de um aroma celestial, que enchia cada inspiração minha com paz. Os meus pensamentos refletiam tudo o que o Chan me dissera. (arte aqui + abaixo é de Gilbert Williams)

Ele tinha razão; Deus compreende tudo. Maravilhei-me com esta demonstração da proximidade do Deus invisível.

«É uma boa maneira de o dizer», disse o jardineiro, «tenho estado a ouvir os teus pensamentos.» Esquecera-me de que ele podia ler os nossos pensamentos. Senti-me um pouco atordoado enquanto ele explicava mais sobre o que eu estivera a pensar. Mais tarde habituei-me a isso. Caminhámos em direção a um bosquezinho de carvalhos de vários formatos e tamanhos. O jardineiro pediu-nos que esperássemos, e ele dirigiu-se a uma das árvores. Observámo-lo com curiosidade quando colocou as mãos nela. Vi, do sítio onde estávamos, que conversou com ela durante vários minutos. Quando voltou para junto de nós, o Bill perguntou o que ele estivera a fazer.

«A falar com a árvore», respondeu ele. «Vejo que ainda não vos ensinaram a comungar com a natureza.» O Bill sorriu e interveio: «Falar com árvores, o que queres dizer com isso, amigo?» Havia uma força acrescida na voz do jardineiro quando respondeu ao Bill com uma lição sobre a lei da criação de Deus.

«Primeiro», disse ele, «o meu nome não é amigo, é Ben. E sim, comuniquei com aquela árvore. A centelha de vida dentro de nós está também nas árvores, mas claro, não no mesmo estádio de evolução. Aprendereis que o espírito pode e comunica com o Espírito em todos os outros níveis. Lembrai-vos de que este parque é construído com amor, e a sua vida vegetal é extremamente bela por causa disso. Todas as criações de Deus respondem positivamente ao amor. A árvore lá atrás sentiu o meu amor. Claro que não posso ter uma conversa com ela como posso convosco. No entanto, a sua consciência crepuscular compreende o meu pensamento e responde aperfeiçoando-se para agradar aos outros. Quando pensaste «Que espécimes magníficos», elas cresceram até esse pensamento. Agora, senhores, se quiserem seguir-me.»

Passámos por paisagens indescritíveis. A sua beleza superava qualquer ideia terrena de paraíso. Após cerca de vinte minutos de caminhada,

chegámos a um grande canteiro de flores. Era uma massa de cor; cada flor fundia-se com a seguinte. Nenhuma estava fora do lugar. Era o sonho de um jardineiro. O aroma do canteiro era celestial e desencadeou um fluxo de pensamentos exóticos. Virei-me para ver a reação do Bill. Como esperava, ele tinha um olhar distante. Percebi que os seus pensamentos o tinham levado de volta a uma parte importante da sua vida, uma parte feliz, apresso-me a acrescentar. «Estás bem, Bill?» perguntei. Um suspiro saiu-lhe dos lábios.

«Sim, Jim», respondeu ele. «O aroma tem um efeito mágico em mim. Faz-me pensar em todas as coisas boas que aconteceram na minha vida. Não consigo lembrar-me de uma única experiência má. Estou muito feliz por estar aqui. Quem diria que este lugar existia? Se as pessoas soubessem deste lugar, quereriam vir antes do tempo. Isso não seria sensato, porque tudo parece ter um propósito.» «Sei exatamente o que queres dizer», disse eu. «Se todos quisessem juntar-se a nós, não ficaria ninguém na Terra. Talvez não houvesse espaço aqui para todos nós.»

O Ben entrou na conversa: «Tens toda a razão. As flores têm um efeito hipnótico que permite à alma de cada um ver apenas a beleza na sua vida. Em breve estareis fora do fluxo principal do pensamento negativo. Nada foi descurado na criação deste parque, desde a relva que pisais até ao ar que respirais. Tudo está em perfeita harmonia. Começareis a ouvir um chamamento dentro de vós para subir mais alto. O chamamento ficará convosco como uma cenoura à frente do burro.»

«Isso é muito interessante», disse eu, «mas podes explicar mais sobre as suas origens?» O Bill interveio: «Sim, por favor.» «Vou tentar torná-lo o mais simples possível», disse o Ben. «Como disse antes, o parque começou com amor. Atraiu a si seres afins que são muito evoluídos e capazes de usar a sua força de vontade para criar muita beleza. Primeiro houve uma ideia que levou ao desejo de criar. Já o pensamento começava a tomar forma. Atraiu então almas ainda mais elevadas que acrescentaram o seu poder para alcançar a forma desejada.

«Quando o plano foi finalizado, foi oferecida uma bênção para a sua conclusão. Primeiro o grupo criou uma imagem mental do plano e manteve-a até ser o mais perfeita possível. A força de vontade combinada do grupo trouxe a visão subjetiva do parque ao mundo objetivo onde o viram. Deveis lembrar-vos de que este plano é vosso, não deles. Isso torna

mais difícil para eles manterem o conceito do parque, mesmo que estejam bem versados no pensamento espiritual e místico em si. Espero que isto tenha respondido à vossa pergunta.»

O Bill virou-se para mim com as sobrancelhas erguidas. Pressenti o que ele pensava e disse: «Isso vai precisar de ser digerido.» O Ben riu-se. «Não fiquem demasiado confusos. Compreendereis tudo o que disse quando ganharem experiência. Gostam de música?» «Oh, sim», disse eu.

«Ótimo», respondeu ele. «Há um coreto magnífico que quero mostrar-vos.»

Atravessámos o parque. O Ben apontou para algumas árvores e ladroulhes ao passar. Em breve chegámos a uma colina com o coreto no topo. Embora não houvesse sol, brilhava como um diamante. Estava ansioso por ouvir música, porque não ouvira nenhuma desde que deixara o plano terreno. À entrada havia um par de grandes portões ornamentados, que estavam abertos, revelando escadarias de mármore que levavam aos assentos. Subimos os degraus e encontrámos lugares para nos sentarmos. O Ben recusou, dizendo: «Tenho de voltar ao meu trabalho. Espero que tenham gostado da visita.»

Agradecemos-lhe e pedimos para voltar. Ele sorriu, acenou e em breve desapareceu de vista. Virei-me para o Bill e disse: «Parece um tipo simpático.» «Tens razão, Jim», respondeu o Bill, «pergunto-me há quanto tempo ele está aqui.» «Não te sei responder», disse eu, «tenho-me perguntado há quanto tempo estamos nós aqui. Por não haver noite, não há nada com que medir os dias, por isso perdi a noção do tempo. Perguntarei ao Chan da próxima vez que o vir. Acho que estão prontos para começar.»

Valeu a pena a espera; a música superou as minhas expectativas. O maestro esforçou-se ao máximo na atuação. E ainda mais notável era o efeito que os músicos tinham no éter. Formaram-se luzes maravilhosas acima das cabeças dos instrumentistas, as suas notas vibrando e criando diferentes tons de cor. Havia azuis, rosas e malvas com laivos de ouro a percorrê-los. As cores dançavam ao ritmo da música. O maestro tornou-se parte do ritmo. Havia uma luz azul ténue à sua volta que por vezes relampejava das pontas dos seus dedos enquanto agitava os braços. À medida que a música se intensificava, a cor à volta do maestro também.

Mudava de um azul claro para um índigo e estendia-se longe dele. Era de cortar a respiração.

À medida que a música ficava mais alta, mais cores apareciam acima dos instrumentistas. Era semelhante a olhar através de um caleidoscópio, mas muito mais belo do que qualquer coisa que eu tivesse visto na Terra. Cada músico estava em perfeita harmonia com o seguinte. Num momento, o público cantou com a música. A atuação durou algum tempo até o maestro se curvar em agradecimento. As luzes à volta dos músicos desvaneceram-se rapidamente. Tudo o que restava era a luz azul à volta da cabeça e dos ombros do maestro. Toda a atmosfera se tornara carregada e teve um efeito tremendamente edificante em nós. Saímos intensamente felizes e regressámos ao quartel.

Quando chegámos ao quartel, fomos recebidos pelo sargento, que disse: «Espero que os senhores tenham tido um tempo interessante.» A voz dele não deixava dúvidas de que estava irritado connosco. «Tenho estado à espera para vos dizer que há uma reunião a que todos devem assistir.» O sargento ia cinco passos à nossa frente enquanto caminhávamos para o salão. Virava-se de vez em quando para nos dizer o quão atrasados estávamos. A reunião estava prestes a começar quando entrámos e tomámos os nossos lugares.

«Bom dia, senhores», falou o capitão do pódio. «Chamei-vos para vos dar a boa notícia. A guerra acabou, a Alemanha rendeu-se.» Ergueu-se um grande aplauso. Muitos levantaram-se e agitaram os braços, outros ficaram sentados, imóveis. O Bill virou-se e deu-me um abraço fortíssimo que me tirou o fôlego. Arquejei por ar e fiquei bastante vermelho antes de poder gritar: «Pelo amor de Deus, Bill, estás a sufocar-me.» «Desculpa, Jim», disse ele, «deixei-me levar.»

O capitão chamou-nos à ordem: «Agora, agora, senhores. A guerra pode ter acabado no plano terreno, e esperemos que haja um declínio de almas jovens a chegar aqui. Mas o nosso trabalho apenas começou. A batalha continua entre as forças do bem e do mal no plano astral inferior. Neste momento a batalha está a correr a nosso favor, mas não subestimem o inimigo.»

Os poderes do mal ainda não estão vencidos; apenas mudaram de terreno. Em breve eclodirão noutro lugar no plano terreno. Isto causará

grande desconforto até que as pessoas se afastem do seu caminho destrutivo e materialista. O materialismo só pode levar à guerra entre irmãos e irmãs, criando assim dificuldades incalculáveis para muitos. Esperemos que algo tenha resultado desta guerra. Já a chamam de Grande Guerra, mas não há nada de grande na guerra. Os governos devem trabalhar em conjunto para criar um mundo melhor para as crianças de amanhã.

«É peculiar que, quando os poderes do mal tomam o controlo, nunca consigam formar um governo estável. Mais cedo ou mais tarde, voltam-se contra si próprios e colapsam num estado de anarquia, que não é uma democracia justa, nem permite liberdade de expressão. Tira a liberdade e a vontade própria e substitui-as pelo medo, que introduz a tirania como o inferno vivo. Os que estão na Terra celebram o fim da guerra, e nós também o faremos. Haverá uma reunião mais tarde. Serão informados quando e onde. Digo adeus e que Deus vos abençoe.»

Senti-me jubiloso com o fim da guerra. O salão era um alvoroço de cantorias e risos. O Bill e eu juntámo-nos até acharmos que era hora de regressar ao quartel. Antes de entrar, o Bill virou-se e disse: «Acho que vou dar outro passeio.» «Queres que vá contigo?» perguntei. «Não», respondeu ele, «gostaria de estar sozinho.»

Fiquei preocupado porque senti que o Bill tinha caído em depressão. Não queria que ele ficasse sozinho, por isso perguntei novamente se queria que eu fosse. Ele foi inflexível em querer estar só. Sabia que nenhum mal lhe poderia acontecer, por isso despedi-me. Tive uma sensação horrível de que talvez não o visse mais; mas isso era parvo, por isso afastei-o da mente. Quando entrei, estava sozinho porque todos ainda celebravam. Isto não era bom porque tinha tempo para pensar. Afundei-me em autocomiseração e tentei livrar-me dela, mas veio sobre mim em ondas. Fiquei irritado comigo mesmo e sentei-me a pensar nos lugares para onde o Chan me levara.

A piscina de banhos surgia repetidamente na minha mente. Saltei da cadeira, excitado com a decisão de voltar à piscina. Certo, pensei, vamos tentar. Fechei os olhos, pensei na piscina e mantive firmemente a imagem na mente. Dirigi a minha vontade ao pensamento e comecei a puxar. Uma sensação de leveza e movimento invadiu-me. Desta vez não abri os olhos. Plop! Estava na água em vez de na margem. Raios, pensei enquanto me arrastava para fora. Cheguei aqui, mas da próxima vez concentrar-me-ei na margem. Tirei a roupa e voltei a entrar na piscina. Flutuei para cima e para

baixo durante cerca de uma hora enquanto pensava no fim da guerra. O capitão tinha razão. É da natureza humana as pessoas encontrarem algo por que lutar. Perguntei-me se alguma vez aprenderiam. Estendi a mão para verificar se a roupa estava seca e vesti-me. Mal acabara de calçar os sapatos, ouvi uma risadinha atrás de uma árvore.

A curiosidade levou-me a espreitar atrás da árvore. Devia ter adivinhado. O Chan, com aquele sorriso de quem tudo sabe, estava sentado numa das suas cadeiras. A minha atenção foi imediatamente atraída para os pés do Chan. A espreitar por baixo da roupa dele estava o gato mais invulgar que alguma vez vira. «O que é isso?» perguntei. «Um gato, claro», disse ele. «Não vês?» «Eu sei isso», disse eu, «mas que tipo de gato? Nunca vi um assim.» «É um siamês», respondeu ele. «Chama-se Sr. Chow e é meu amigo.»

«Certamente queres dizer um animal de estimação», disse eu. «Não, não quero dizer um animal de estimação», respondeu ele. «É um amigo. Se fosse um animal de estimação, poderia dominá-lo. Aqui não se pode dominar nenhum ser individual que tenha a sua própria vontade. Ao mostrar amor ao Sr. Chow e ao dar-lhe liberdade, mantive-me seu amigo durante anos. Ele vem sempre visitar-me.»

«Tenho uma pergunta», disse eu. «Como soubeste que eu estava aqui?» «Muito simples», respondeu ele. «Coloquei a ideia da piscina na tua mente. É o meu trabalho cuidar de ti. Isto significa que devo saber o que pensas e fazes.»

«Ora, eu vou...», comecei. «Não digas isso», ladrado o Chan. «Precisavas de ajuda, e eu não queria intervir diretamente. O melhor a seguir foi plantar um pensamento. O resto conseguiste fazer. Na minha opinião, funcionou bastante bem. Quero felicitar-te pelo esforço; apenas um pequeno contratempo. Com prática, aperfeiçoarás. Agora, para uma surpresa, vamos ao quinto plano.»

«Pensei que não podia ir lá até estar pronto?» questionei. «Isso é bastante correto», respondeu ele. «Tens feito um trabalho excelente desde que chegaste aqui e aprendeste muito. A tua aprendizagem afetou os teus átomos mentais, fazendo-os vibrar a um ritmo muito mais rápido. À medida que isto acontece, o corpo também precisa de acelerar; caso contrário, a mente queima rapidamente o corpo.

«Na maioria dos casos, o corpo acompanha a atitude mental. Mas no teu caso, a aprendizagem da verdade tornou-se combustível para a tua mente, levando-te a estados de êxtase. Por isso, em breve estarás pronto para evoluir para o plano seguinte. O teu plano atual é onde o trigo é separado do joio. A tua capacidade de aprender coloca-te com o trigo. Quando evoluíres para o plano seguinte, deves perceber que o teu trabalho começa a sério. Porás em prática o que te foi ensinado. O nosso pequeno mimo é mostrar-te para o que estás a trabalhar.»

Pela primeira vez na vida, fiquei sem palavras. Fiquei em silêncio até o gato do Chan saltar para o colo dele. Era óbvio que o gato tinha mente própria. Parecia falar com o Chan, que parecia compreender. O Sr. Chow foi o primeiro animal doméstico com que me deparei desde que deixara o plano terreno.

«Sinto que tens outra pergunta sobre animais», disse ele. «A esta altura já sabes que posso ler os teus pensamentos, tal como leio os do Sr. Chow. Noutra ocasião explicarei sobre a linha evolutiva do reino animal.»

O Chan pousou o gato e levantou-se do assento. Virou-se, acenou com a mão, e o assento desapareceu. Já vira isto várias vezes, mas ainda achava fascinante. O Chan olhou para onde o Sr. Chow estava deitado e falou-lhe. Depois virou-se para mim e disse: «O Sr. Chow quer conhecer-te.»

O gato aproximou-se de mim e sentou-se, os olhos cravados nos meus. Depois ronronou e correu de volta para o Chan. «Estás satisfeito agora?» perguntou o Chan enquanto afagava a cabeça do gato. Depois acenou com a mão, e o gato desapareceu. Gritei: «Não o dispersaste, pois não?»

«Claro que não», respondeu ele, «como pudeste pensar tal coisa depois de tudo o que disse? O Sr. Chow não consegue usar a vontade da mesma forma que nós, por isso ajudo-o. Somos limitados pelo nosso desenvolvimento consciente; os membros do reino animal também são limitados pelo deles. Cada um está no seu caminho individual de evolução. Ficarás surpreendido ao saber que os animais estão num degrau da escada tal como nós. Alguns estão muito abaixo, outros apenas um degrau abaixo. Todos sobem para expressar melhor o Deus interior. Agora, se estás pronto, vamos.»

O Chan ergueu o braço na minha direção, e eu segurei-o. Imediatamente senti a sua força de vontade. Houve um efeito imediato,

semelhante a estar num elevador. Em momentos chegámos. Uma luminosidade atingiu-me como um relâmpago e cegou-me por alguns segundos. «Chan, não consigo ver», gritei. «Espera um momento», respondeu ele, «vou ajudar.»

Mais uma vez senti a vontade de ferro do Chan a afetar-me. Parecia que estava a ser envolto num tecido fino. «Podes abrir os olhos agora», disse ele. Desta vez a luminosidade não me incomodou; no entanto, achei muito mais difícil respirar. «Isso é normal», disse ele, «relaxa e respira fundo de vez em quando.»

Finalmente vi que estávamos numa colina com vista para um vale. Era absolutamente de tirar o fôlego! Colinas ondulantes estavam cobertas de verde-esmeralda; cada planta fundia-se com a seguinte. Muitas das árvores estavam em flor, e a cena estendia-se até onde a vista alcançava. Aqui e ali havia pequenas casas, e perguntei se as pessoas viviam nelas. «Sim», respondeu o Chan, «são amantes da natureza e sentem-se em casa neste ambiente. Há também cidades e aldeias, tal como no plano terreno. Quando estiveres totalmente pronto para a transição final, esta será a tua casa. Vem, vamos caminhar, temos tempo.»

«A propósito de tempo», disse eu, «podes dizer-me há quanto tempo estou no meu novo mundo? Perdi completamente a noção do tempo. Não me queixo, claro, porque é bom não ser governado por um relógio. De certa forma, estou a divertir-me, mas ainda sinto falta dos meus pais.»

«Sabia que perguntarias sobre isso», disse ele. «Já calculei o teu tempo aqui. Estás aqui há vinte e dois meses terrestres, mais ou menos um dia.» «Mas isso é impossível», disse eu. «Parece que cheguei na semana passada.»

«Claro, perdeste toda a noção de tempo», disse ele. «A razão é que estás a vibrar a um ritmo muito mais elevado. Os teus dias são compostos por coisas que te dão a maior satisfação espiritual, não pelos labores do plano terreno que podem sugar a tua força vital interior.

«O tempo como o conheces não tem importância para o espírito. O tempo e o espaço são limitações da Terra. Onde quer que estejas, podes sempre estar tão perto de mim como agora. Um pensamento enviado em qualquer direção chega num instante ao seu destino. Agora, não olhes para trás. Em vez disso, pensa no presente vivo, não no passado ou no futuro.

Não há amanhã porque, quando chega, é hoje. Só o hoje é nosso. Pensamentos do passado enevoam a tua mente e criam uma sensação de depressão. Não deixes que tais pensamentos ofusquem a luz de hoje. Agora, continuemos a caminhar.»

Havia pinheiros de ambos os lados do caminho que enchiam as narinas com um aroma celestial. A relva era tão bela que hesitei em pisá-la. Descemos para o vale. Ao fazê-lo, tornei-me ainda mais consciente da relva porque estava coberta de toda a espécie de flores silvestres que na Terra são apenas sazonais. As mais impressionantes eram papoilas silvestres que pontuavam aqui e ali, criando a ilusão de pequenos sóis refletidos num mar verde. Lentamente as cores desfocaram-se. Sabia que isso significava que era hora de partir, mas mal podia esperar para viver aqui permanentemente. O Chan sorriu e perguntou se eu estava pronto para partir. Mais uma vez estávamos em movimento e rapidamente aparecemos no mesmo local junto à piscina. Era como se nunca tivéssemos saído. Apenas a minha memória acarinhada da visita permanecia.

«Disse-te que seria uma surpresa», disse ele. «Eventualmente viverás lá. Até lá, deves trabalhar para ganhar o direito de lá viver. O que viste é apenas o glacé no bolo, não o bolo em si. À medida que se sobe a escada do progresso, os planos tornam-se mais refinados. Já reparaste nisso na tua visita ao quinto plano. Embora possa ser inconsciente, o chamamento a todas as almas é para subir mais alto. A partir de agora, deixa que preencha a tua consciência. Esforça-te sempre pelo chamamento porque é para teu benefício, como viste hoje.

«Vamos visitar o plano terreno a seguir. Tenho trabalho a fazer e gostaria da tua ajuda. Em troca, ganharás experiência. Quando terminarmos, visitaremos a tua antiga casa.»

Fiquei encantado por me darem algo para fazer, e o pensamento de ver os meus pais deixou-me ainda mais feliz. O Chan aproximou-se e perguntou: «Estás pronto?» Segurei-lhe o braço, e em breve aparecemos num lugar reminiscente de um campo de batalha. Caminhámos algum tempo até chegarmos a uma cidade aparentemente deserta. Entrámos na Praça da Câmara onde várias pessoas estavam a falar. A maioria delas eram astrais superiores como o Chan. «O que se passa?» perguntei.

«Houve uma intrusão do segundo plano», disse ele. «É apenas menor, mas temos de os repelir. Caso contrário, o fio tornar-se-á uma inundação, e será declarada guerra total. Estamos aqui para discutir táticas.»

Caminhámos até onde os outros estavam. Um homem parecia ser o porta-voz. Não era muito grande e parecia insignificante. Se não usasse um capuz de monge, não olharias duas vezes para ele. Começou a falar; e, mesmo do sítio onde estava, senti a sua força de vontade.

«Meus irmãos», disse ele, «estou satisfeito por trabalhar convosco novamente. Chamei-vos porque há trabalho a fazer. Uma dúzia ou assim de recém-mortos estão nestas ruínas. São mantidos pelas suas emoções inferiores e alimentados por almas malignas que os usarão na escalada para sair do seu próprio inferno sombrio. Devem ter cuidado porque estas forças sombrias usarão todos os truques para se agarrarem às almas novas. Por isso, fiquem alerta em todos os momentos.» O monge fez então uma pausa antes de continuar. «Vejo que temos alguns ajudantes novos. Estou satisfeito por vos dar as boas-vindas. Precisamos de toda a assistência nestas operações. Como é a vossa primeira vez neste trabalho, ficarão sob a minha jurisdição. O resto de vós está bem versado, pois trabalhámos juntos muitas vezes. Antes de começarmos, oremos.»

«Em que raio me meteu o Chan», perguntei-me. «Não parece muito saudável por aqui.» O Chan deu-me uma palmada nas costas e disse-me para ouvir a oração. Foi muito inspiradora e ajudou-me a superar o medo. As palavras infundiram-nos com o amor do monge, carregando as nossas baterias para a luta vindoura.

O grupo foi dividido em pares, exceto os recém-chegados. Quando os outros partiram, ficámos quatro. O monge aproximou-se de nós e apresentou-se como Irmão David. Falou brevemente sobre o seu trabalho e o quão satisfeito estava por nos ter consigo nesta missão.

Era hora de partir, e o David liderou o caminho. Em breve chegámos à parte da cidade controlada pelos astrais inferiores. Os edifícios estavam em estado de decadência, e a névoa era muito espessa em alguns sítios. Lembrava-me do smog da Terra; sabes, aqui num minuto, gone no seguinte. Ocasionalmente, reparei em figuras sombrias a olhar-nos de esguelha dos cantos dos edifícios. Passámos pela névoa. O David ainda

liderava e projetava uma luz, tornando bastante fácil segui-lo. A cada passo sentia uma maior força de propósito.

Em breve parámos à porta de um edifício que se assemelhava a um dos antros de bebida sórdidos da Terra. A porta estava parcialmente danificada, o que me deu oportunidade de espreitar. Havia seis pessoas lá dentro; algumas estavam ao balcão, outras sentadas a jogar cartas. A minha atenção foi atraída para um dos cantos escuros. Uma sensação avassaladora de mal invadiu-me. Uma enorme massa negra espreitava nas sombras. Vi o mal desta massa, mas senti que as almas que viéramos resgatar não o viam. Virei-me para o David e perguntei: «O que é aquilo?» Acho que no fundo já sabia.

Ele afastou-me da porta e disse: «Deves levar muito a sério o que te vou dizer. As quatro almas que viemos resgatar estão a ser encorajadas a degradar-se por dois astrais inferiores. O maligno que espreita no canto alimenta-se da energia negativa para aumentar o seu poder. Quando entrarmos, deves ficar perto de mim. Não te afastes do meu lado por motivo algum. Não esperava que o maligno estivesse tão perto.»

Havia muito pouco tempo para ter medo porque, com um empurrão na porta, estávamos lá dentro. O cheiro pungente de carne em decomposição encheu-me os pulmões; uma sensação de náusea invadiu-me. Queria fugir o mais depressa possível, mas sabia que não podia. Fomos diretamente às almas que precisavam de ajuda. Elas olharam em volta com surpresa ao verem os cinco ali de pé. «O que querem aqui?» gritou um dos astrais inferiores.

Olhei para o canto e vi o maligno a tentar esconder-se. Se se mostrasse agora, o jogo acabaria. Cabia aos dois astrais inferiores deter-nos. Não eram páreo para o Irmão David. Com um aceno da mão e um enunciado, fugiram. Isto pareceu fácil. Ao ver o que acontecera aos seus lacaios, o maligno entrou na refrega. Isto era outro calibre. Erguia-se acima de nós. A pouca luz que tínhamos desapareceu.

Procurei as quatro que viéramos ajudar e vi-as encolhidas debaixo de uma mesa. Vi o medo nos olhos delas enquanto observavam a aparição hedionda vir do canto. A cara dela assemelhava-se a algo saído do inferno. «Deus!», pensei, «ajuda.» O maligno deve ter lido os meus pensamentos. A sua boca hedionda abriu-se e falou de forma arrastada; um cheiro

insuportável escorria de cada palavra. Tornou-se insuportável respirar enquanto estas palavras rolavam dos lábios imundos do maligno. «Deus! A danação é tua. Tudo o que é meu, é meu; e reclamo estas almas como minhas.»

O Irmão David virou-se imediatamente para nós e ordenou: «Pensai apenas na luz e não vos distraiais dela. O maligno está a tentar assustar-vos para se alimentar disso para ganhar força.»

O David virou então a atenção para o maligno: «Em nome do Altíssimo, aquele que te lançou no poço dos teus próprios desejos, reclamo estas almas no seu amor. E pela minha vontade, ordeno-te que vás.»

Percebi que a batalha era uma luta intensa de vontades entre as forças da luz e das trevas. Concentrei-me na luz, e uma imensa onda de energia fluiu através de mim. Ao ver os meus três amigos, soube que eles também estavam a experienciar esta nova onda de energia.

A batalha era equilibrada. Nenhum ganhava terreno até o Chan e outro astral entrarem na sala. Ao verem o que se passava, juntaram-se à luta. A sua força de vontade adicionada derrotou a coisa hedionda, e ela começou a perder terreno. «Malditos, malditos», resfolegou enquanto desaparecia. «Não venceram, haverá outros.» «Temo que tenha razão», disse o David. «Haverá sempre outros.»

Um brilho de luz entrou na sala, tornando mais fácil ver. O fedor diminuiu gradualmente. A minha preocupação imediata era com as pobres almas que viéramos ajudar. Caminhei até à mesa e levantei-a das quatro que ainda se encolhiam debaixo dela. Pareciam lamentáveis; estavam rapidamente a afundar-se na armadilha montada pelo maligno. Os olhos tinham-lhes afundado nas órbitas, deixando uma expressão macilenta nas caras. «Venham, estão em segurança agora», encorajei.

Quando os meus amigos viram o que eu fazia, vieram ajudar. Estendi a mão e segurei a de uma das vítimas. Sentia-se como um peixe frio e molhado. A minha reação imediata foi afastar-me, mas algo dentro de mim proibiu-o. «Venha, tem de me seguir», ordenei. Reunimos os quatro e dirigimo-nos à praça da câmara.

Enquanto caminhávamos, pensei nestas pobres almas e na cena que acabáramos de presenciar. Que sorte a minha ter sido encontrado pelo

capitão e não acabar neste lugar. Fomos os últimos a aproximar-nos da praça da câmara, onde o Irmão David esperava. Os outros grupos também tinham sido bem-sucedidos. Levámos o nosso grupo para um quadrado formado pelos outros salvadores. O Chan disse-nos para ficarmos de guarda.

Tinha a certeza de que já não lhes restava força de vontade. A luta tirara-lha. O David entrou no quadrado e falou: «Agora ouçam, viemos ajudar-vos a escapar do mal que persegue almas como as vossas. Alguns de vós já viram o mal que vos espera aqui. Estais num caminho escorregadio, meus amigos, que eventualmente vos levará ao inferno. Emendai-vos, ou acabarão lá. Não vireis as costas a esta oportunidade. Não terão outra. Se a nossa ajuda não for desejada, podem ir com a bênção de Deus.»

Dois dos astrais superiores afastaram-se. Apenas três dos que estavam no quadrado avançaram e desapareceram rapidamente. Os restantes discutiram entre si. Os quatro que ajudáramos descreveram convincentemente o que tinham presenciado.

Após muita discussão, um deles avançou e falou hesitantemente: «Gostaríamos de vir convosco.» Lágrimas rolavam pelas suas feições ossudas. «Por favor, ajudem, não quero voltar àquele pesadelo.»

Caiu de joelhos e chorou como uma criança. O meu coração foi ao encontro dele porque senti que estava profundamente envergonhado. O Irmão David curvou-se, segurou-lhe o braço e ajudou-o a levantar-se. Durante vários minutos falou-lhe numa voz cheia de compaixão. Depois virou-se para os outros e falou-lhes também. Todos os presentes sentiram o seu amor e compaixão enquanto falava: «Fico contente por terem recuperado o juízo. Vamos agora levar-vos para um lugar onde serão ajudados.»

Suspirei um silencioso «obrigado» a Deus por estar connosco. O Irmão David virou-se para nós, os ajudantes, e pediu-nos para darmos as mãos, formando uma cadeia à volta das almas no meio do quadrado. Depois ergueu a mão e fez um gesto no ar. Uma luz formou-se imediatamente acima da sua cabeça e espalhou-se por todos nós.

Gritos ergueram-se dos que estavam dentro da nossa cadeia. Mas os gritos acalmaram à medida que a luz se desvanecia, revelando um hospital. Levámo-los para dentro do edifício e fomos recebidos por uma irmã e

algumas enfermeiras. Disseram-nos para esperar enquanto o Irmão David falava longamente com o pessoal do hospital. As enfermeiras levaram então os que tínhamos trazido. Antes de o último virar a esquina, parou e sorriu, como que a dizer obrigado. Foi a última vez que os vi.

Dirigi-me ao Irmão David e perguntei: «O que lhes acontecerá agora?»

«Serão cuidados», respondeu ele, «até estarem prontos para a educação na vida superior.»

«Se não podemos morrer outra vez», questionei, «porque os trouxemos para um hospital?» «Pergunta lógica», respondeu ele. «Tens toda a razão, não podemos morrer uma segunda vez. As experiências que temos na vida deixam uma impressão na mente inconsciente. Essas impressões tornam-se realidade aqui porque as nossas mentes infligem a medida dos nossos pensamentos a nós próprios. Ou somos enviados a alturas de êxtase ou aos poços dos nossos próprios desejos. As almas que acabámos de salvar estavam nesse tipo de poço. As suas vontades fracas tornaram-nas presas fáceis.»

«Não nos preocupamos com os seus corpos; as suas mentes precisam de cura. Neste hospital terão descanso, serão ensinados a superar os pensamentos negativos e a enfrentar as suas responsabilidades. Eventualmente, tornar-se-ão bons cidadãos.»

Acabáramos a conversa quando a irmã reapareceu e falou com o Irmão David. Depois saímos do hospital e prosseguimos, chegando em breve a um ribeiro. A água reluzia intensamente. As margens relvadas pareciam tão convidativas que fiquei mais do que grato pela oportunidade de descansar quando o Irmão David perguntou se queríamos sentar-nos. Ele permaneceu de pé. Quando os restantes estávamos sentados, dirigiu-se a nós sobre a autossuficiência. «Não podemos caminhar o caminho de outro por ele. Cada indivíduo deve dar cada passo sozinho. Podemos segurar uma luz orientadora para aqueles cujos olhos estão abertos e rodeá-los de força espiritual. Nem um espírito nem um ser humano deve tentar controlar a mente de outro ou compeli-lo a agir contra a sua vontade. Devemos ser colaboradores, ajudando-nos mutuamente no Espírito de Cristo. Podemos inspirar, auxiliar e guiar, mas nunca compelir.

«Não é correto dizer que não confiais na vossa própria força, porque é nisso que deveis confiar. O espírito permeia-vos individualmente — vós

sois isso. É o vosso espírito, e é suficientemente forte para governar a vossa mente e cada célula do vosso corpo. Ao não confiar nele, renega-lo. Qualquer pensamento de dúvida, qualquer palavra de medo deve ser extinto antes de tomar forma ou expressão. Crede no vosso Deus interior, e todo o poder é vosso.»

«Que discurso maravilhoso», pensei. Tirou-me qualquer medo possível sobre o meu novo trabalho. O Irmão David agradeceu aos astrais superiores. Virou a atenção para nós. «Mais uma vez agradeço a vossa ajuda. Hoje cada um de vós mostrou coragem e força que superaram as nossas expectativas. Os vossos professores tinham razão em vos propor para este trabalho. Espero que trabalhemos juntos novamente; até lá, que Deus vos abençoe.»

O Irmão David fez o sinal da cruz, depois começou a tremeluzir e a desvanecer-se. As suas palavras ainda ecoavam nos meus ouvidos. Quando ele se foi, o Chan aproximou-se de mim e estendeu a mão. Segurei-a, e ele puxou-me para me levantar. Nenhuma palavra passou entre nós porque nenhuma era necessária. Foi a primeira vez que compreendi o significado pleno dos ensinamentos do Chan. O Chan quebrou o silêncio dizendo: «Cumpriste as minhas expectativas.»

Os meus pensamentos voltaram ao momento em que o Chan me falara sobre os planos inferiores e como pensava que eu poderia trabalhar lá com ele. «Ele tinha tudo planeado, o esperto do caraças», pensei.

«Agora, Jim, consigo ler os teus pensamentos», disse ele com um sorriso. «Prometi levar-te a ver os teus pais depois de o nosso trabalho acabar, mas mais esforço seria demais por agora. Em vez disso, sugiro que vamos à piscina para lavares o fedor da batalha.»

O Chan segurou-me o braço, e mais uma vez partimos. Reaparecemos junto à piscina. A água tremeluzia diante dos meus olhos, convidando-me a entrar. Perdi muito pouco tempo a despir-me e, ao fazê-lo, perturbei o padrão na água formado por alguns ramos pendentes. O Chan recusou o convite para se juntar a mim e sentou-se debaixo de uma das árvores.

Durante algum tempo, absorvi a energia que a água dava livremente. Fiquei satisfeito com a forma como me conduzi na luta e senti-me afortunado por ter o Chan como professor. Sentia-me muito melhor agora e decidi vestir-me. Caminhei até onde deixara a roupa e fiquei espantado ao

ver que desaparecera. No seu lugar, uma bela túnica de muitas cores estava cuidadosamente disposta. Isto deve ser obra do Chan, pensei, e virei-me para a árvore onde ele estava sentado. «O que é tudo isto?» gritei e peguei na túnica.

«Veste-a», respondeu ele, «assim é que é, bom rapaz. Não queremos que as pessoas falem de ti.» Olhei para mim, corado de embaraço, e vesti rapidamente a túnica. Assentava perfeitamente e sentia-se extremamente confortável nos ombros. Havia também um par de sapatos de aspeto engraçado que calcei. Se os meus amigos me vissem agora, pensariam que ia a uma festa de disfarces. O Chan acenou-me para me sentar ao lado dele.

Caminhei com cuidado até à cadeira que ele materializara. Tive de caminhar com cuidado nos sapatos novos; caso contrário, teria caído. Mesmo morto, ainda sentia dor porque não aprendera a controlar esse lado da mente. Parei diante do Chan e perguntei: «O que achas?»

«Estás esquisito», disse ele, «tal como um imperador do meu período. Agora vem sentar-te. Vou explicar porque mudei a tua roupa.»

Quando me acomodei, o Chan continuou:

«A parte mais importante dos meus ensinamentos até agora tem sido o princípio criativo do pensamento. Sabes, pela tua experiência na batalha recente, que os pensamentos — bons ou maus — podem refletir-se de volta sobre si próprio. Isto aconteceu-te. Os teus pensamentos emocionais induzidos pelo conflito da batalha afetaram a tua aura mental.

«Será necessário limpar o teu campo emocional sempre que trabalhares assim. Ainda não te ensinei como fazê-lo, mas fiz o melhor a seguir sugerindo que tomasses banho. Desta forma, a força magnética da água limpou automaticamente não só o teu corpo, mas também a tua aura magnética. À medida que os teus pensamentos ganhavam ímpeto na batalha, afetaram não só a tua aura mental, mas também a corporal. Tudo o que o teu corpo contactou, como a tua roupa, reteve as tuas vibrações, boas ou más. Será necessário limpar não só a aura mental, mas também a tua roupa. Se pensares na primeira vez que tomaste banho aqui, lembrar-te-ás de que também vestiste roupa nova.»

«Oh, sim, lembro-me», disse eu, «tiraste-me o uniforme.»

«Isso é bastante correto», respondeu ele. «Expliquei porquê na altura. Desta vez, tomei a liberdade de te dar roupa nova. A roupa que forneci é uma prenda minha. Não espero que a uses sempre. Quando partirmos, materializarei roupa ocidental para ti.

«Devo pedir-te desculpa. Deverias ter assistido a uma festa de armistício; em vez disso, obtive permissão para trabalhares comigo. Não demorará muito até saíres do teu quartel porque o teu período de ajustamento está quase terminado. Ganhaste o direito de passar para um plano superior. Isto explica porque visitámos o quinto plano. Também precisava de uma oportunidade para te introduzir no trabalho para o qual pensávamos que eras mais adequado. Há almas que gostariam de trabalhar connosco nestas operações, mas não têm a mentalidade certa e faltam-lhes a força de vontade necessária. Tu possuis estas duas qualidades necessárias, como já demonstraste. O resto estou a trabalhar.

«Agora deixa-me explicar algo sobre a aura. Reparaste que não podes mentir aqui porque toda a tua vida pode ser lida por alguém capaz de ler o padrão de vida de outro. A tua foi lida quando chegaste aqui. Indicava as tuas forças, fraquezas e ideias.

«Com base nesta avaliação, pudemos determinar o caminho correto que devias seguir. Fui abordado por aqueles que pensavam que eu seria o professor mais adequado, e aceitei com prazer a oportunidade de ajudar.

«Toda a gente tem um padrão de vida. É uma impressão de cada pensamento e emoção que a alma experienciou, não só numa vida, mas em muitas. Alguns diriam que é o modelo do caráter, outros referir-se-iam aos registos akáshicos. Ambos estariam certos.

«Gosto de pensar nisso como o Livro do Julgamento porque é exatamente isso, o nosso próprio livro da vida. Nós, os autores, escrevemos uma peça dentro do livro, e nós, os atores, colocamos a máscara correta para cada experiência ao longo de cada vida. É por isso que a Lei de Deus é perfeita, porque Ele permite-nos ser os nossos próprios juízes, jurados e carrascos. Não podemos escapar de nós próprios porque somos a Lei manifestada.

«Gostaria que pensasses na primeira vez que nos encontrámos. Levei-te para roupa nova e para a piscina onde tomaste banho. Falei sobre os carros na Terra precisarem de uma bateria. Comparámo-los com corpos astrais e

dissemos que ambos utilizam baterias para movimento.» O Chan tinha uma memória maravilhosa. Demorei um pouco a recordar esse período da minha vida, mas com a ajuda do Chan, lembrei-me da lição.

«Bom, lembras-te», disse ele. «O corpo físico também precisa de uma bateria. Em cada caso, a bateria não só retém uma carga como também liberta uma carga no éter, criando um campo magnético à volta do veículo. Este campo de radiação chama-se aura. As auras humana e astral são muito mais complexas do que outras porque estão sempre num estado de fluxo constante. Por vezes, a aura pode ser vista à volta do corpo humano como uma nuvem de eletrões que tremeluz da cabeça aos pés. A sua densidade aumenta e diminui com o humor do indivíduo. Jim, sei que estas palavras são novas para ti. Com o tempo, serás ensinado o seu significado e importância.

«Todas as coisas materiais na Terra têm um campo de radiação à sua volta, mas o homem tem o mais complicado. Ao atuar nos átomos mentais, o seu pensamento consciente cria um padrão dentro do campo. Esta é a parte da aura vista por aqueles na Terra que desenvolveram o sexto sentido. No entanto, há duas outras vibrações mais refinadas. São a mental e a espiritual. Ambas são afetadas pelos éteres mais finos e, claro, pela mentalidade da pessoa.

«Dentro destes campos, grandes cores pulsantes mudam de momento a momento. Desde o seu nascimento no mundo físico, o homem constrói o seu caráter. Os átomos sencientes pulsam com os seus pensamentos e são os tijolos e argamassa da sua estrutura.

«Os tons e, consequentemente, as cores da aura humana são manifestações irrefutáveis do que o eu faz ou molda a partir das oportunidades na sua vida terrena. Indicam os seus estados físico, mental e espiritual. Assim, o tom e a cor da aura refletem o homem em si.»

O discurso do Chan era interessante, por isso perguntei se explicaria mais sobre as cores da aura humana.

«Há sete cores principais que formam a aura», disse ele. «Cada uma tem a sua própria vibração, e cada uma é influenciada pelo pensador. Dou um exemplo. Já ouviste falar de alguém ver vermelho após um acesso de raiva. Se olhares para a aura dele imediatamente depois, notarás grandes tons pulsantes de vermelho flamejante que refletem o seu humor. Esta é a

primeira cor da constituição humana. Quais são as outras seis cores principais... Jim?»

O Chan apanhou-me desprevenido porque não me lembrava do que aprendera na escola sobre cores. «Não faz mal», disse ele, «vou lembrar-te.» Estivemos lá algum tempo enquanto o Chan explicava o resto das cores. Pediu-me para repetir a sequência das cores para não as esquecer. «Vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta», disse eu sorrindo.

«Muito bom», respondeu ele, «são as sete cores principais, mas devo explicar que há sete subdivisões de cada uma. As combinações possíveis de tons de cor que compõem a aura são incontáveis. Pode ter reparado no que disse, há uma aura tripla que se relaciona com a constituição humana tripla. Estas três partes são o corpo físico, a alma e o espírito. O corpo físico está mais ligado às vibrações etéricas, a alma expressa-se mais no astral (mental), e o espírito mais no mental superior (espiritual).

Deves ter em mente que, enquanto alguém pode esconder os seus pensamentos dos que estão na Terra, é impossível mentir e enganar aqui porque os pensamentos de cada um determinam para que plano vai após a morte física. O semelhante atrai o semelhante. Há um ditado apropriado que talvez tenhas ouvido: Como pensas, assim te tornas. Estas palavras têm um grande significado na vida. Há alguma pergunta que queiras fazer?»

Respondi que não tinha nenhuma.

«Bom, agora vou mostrar-te como limpar a tua aura sem tomar banho.» Saltei da cadeira e perguntei: «Isso significa que não poderei nadar na piscina?»

«Claro que não», respondeu ele. «Limpar a aura pelo pensamento é necessário, enquanto nadar é uma recreação. É uma conclusão antecipada que o pensamento é mais rápido do que nadar a agitar os braços.» O Chan viu o lado engraçado do que dissera, e explodimos em risos. Quando acabámos, continuou a falar-me sobre limpar a aura.

«Agora que estás de pé», disse ele, «podemos começar. Seria melhor fechar os olhos, depois estender as mãos, palmas viradas para cima. Agora pensa numa luz branca a entrar pela tua testa e a fluir pelo teu corpo, depois

trazê-la para fora pelas palmas das mãos. Deves usar a tua força de vontade para operar o teu pensamento. Agora tenta.»

Tentei várias vezes antes de sentir a força plena da energia a fluir através de mim. Teve um efeito bastante invulgar. Fiquei muito leve de cabeça e fiquei num humor bastante elevado. Quando comentei, o Chan respondeu: «O sentimento que agora experimentas deve-se à limpeza da aura de todos os pensamentos negativos. É um bom indicador. Qualquer novo sentimento de negatividade deve ser limpo para que sintas sempre como agora. Leva apenas um momento, e claro, força de vontade.»

O Chan parou de falar e sentou-se ali com um sorriso na cara. «Estás bem?» perguntei. O Chan demorou a responder. «Estava apenas a refletir sobre quando cheguei aqui, há tanto tempo. Tive de me ajustar da mesma forma que tu, mas era muito mais velho quando me despedi da minha família e amigos. Sim, Jim, os teus pensamentos perguntam-me quantos anos tenho. Queres adivinhar?»

Não sabia o que dizer para não o insultar. Procegui com cuidado. «À primeira vista, diria que estás aqui há mais de duzentos anos ou assim.» Esperei pela reação dele. «Meu rapaz», disse o Chan sorrindo, «estás a ser demasiado amável.» Fiz um pedido de desculpas fraco por qualquer indiscrição: «Oh, esqueci-me de que consegues ler os meus pensamentos.»

«Asseguro-te que não é necessário pedir desculpa», disse ele. «Tenho mais de oitocentos e dezasseis anos, mas cada dia é como uma página nova para eu escrever.» Fiquei ali com a boca aberta. Não conseguia acreditar na idade dele. O Chan levantou-se da cadeira, olhou-me diretamente nos olhos e disse: «Lembra-te do meu ditado de que, como pensas, assim te tornas? A minha forma de pensar reflete-se na minha aparência. O teu pensamento também se refletirá na tua, com o tempo.»

Mais uma vez, o Chan riu-se. Não entendi a piadinha dele, mas, afinal, pensei, ele é um chinês com um sentido de humor engraçado. O Chan virou-se, enfrentou as cadeiras, acenou com a mão, e as cadeiras desapareceram. «Vais ensinar-me a fazer isso?» perguntei. Esperava que ele dissesse que o faria mais tarde.

Em vez disso, virou-se e respondeu: «Não há momento como o presente. A coisa mais importante a lembrar, ao materializar um objeto, é manter a imagem mental. Agora pensa em algo pequeno para começar.

Mantém o pensamento até teres a certeza de que tens as proporções corretas. Depois usa a tua força de vontade para dirigir a forma subjetiva para o teu mundo objetivo. Presto, tornar-te-ás num mágico! Agora deixa-me ver o que consegues fazer.»

Pensei que seria melhor materializar algo familiar, como um dos livros que tinha na Terra. O que imediatamente me veio à mente foi *As Aventuras de Toby*. Lia-o frequentemente, embora fosse para pessoas muito mais jovens. Imaginei a capa do livro e o seu tamanho, que era apenas de dez por vinte centímetros. Esta parte foi fácil. Foi mais difícil trazer o livro da minha imaginação, mas estava determinado. Acho que me esforcei demasiado porque algo aconteceu, mas não da forma que queria. Um livro apareceu, mas era demasiado grande. Na verdade, mal se assemelhava ao livro que tinha em mente. Tinha a cor errada e o título estava ao contrário. «Oh, céus, o que correu mal?» perguntei.

«Fizeste um trabalho excelente para a tua primeira tentativa», disse o Chan. «Agora vou dizer-te onde erraste. Tinhas uma boa fixação na imagem do livro, o que foi bom. A tua força de vontade estava bem sob o teu controlo, mas a tua imaginação fugiu contigo. Deves ganhar mais autocontrolo e paciência. Agora dissipa o que criaste.»

«Como faço isso?» perguntei.

«Simplesmente olhando para o livro e dissipando-o nos elementos de que foi criado. É precisa mais força de vontade», respondeu o Chan.

«Certo, aqui vai», disse eu. A minha força de vontade aumentou enquanto me concentrava no livro. Em momentos, o livro tremeluziu e desvaneceu-se. Alguns momentos depois, desaparecera. «Bem, parece que me safei.»

«Bom», exclamou o Chan, «agora começa de novo. Só devagar e traz a tua imaginação sob controlo. Mostras jeito para isto; no entanto, precisa de ser trabalhado.»

Estivemos lá bastante tempo. Finalmente, segurei um livro idêntico ao que tinha na Terra. Sorri ao Chan: «Isto traz memórias.» O Chan acenou com a cabeça. Tinha a paciência de um santo para me aturar, e agradeci-lhe por isso. Sentia-me muito feliz comigo mesmo. Por fim, conseguira algo que me beneficiaria na minha nova vida. Era como uma criança com um

brinquedo novo. Se dependesse de mim, passaria a semana seguinte a materializar tudo e mais alguma coisa pela diversão; mas o Chan tinha outros planos. Materializou roupa nova para mim, que vesti apressadamente. A roupa era uma prenda, por isso não lhe podia dizer que era inadequada. Mais tarde, tornaram-se algumas das minhas posses mais acarinhadas. Reparei num olhar nos olhos do Chan que me dizia que tinha uma surpresa. Começou a rir-se. «Estás a aprender a ler-me. Tens toda a razão, tenho uma pequena surpresa para ti. Vamos visitar os teus pais. Só que desta vez viajarás pela tua própria força de vontade.»

Oh, céus, pensei. Lembrei-me da vez em que tentei isto sozinho. «Não te preocupes, Jim», comentou o Chan, «estarei por perto. Lembra-te apenas de te concentrares na sala onde queres materializar.» Fiquei excitado com a ideia de ver os meus pais e construí rapidamente uma imagem da sala de estar que conhecia tão bem. Liguei a minha vontade ao meu pensamento e puxei. O movimento começou e acabou rapidamente. Abri os olhos para uma escuridão completa. Para meu horror, percebi que não me conseguia mexer, por isso gritei por ajuda ao Chan. A voz distante dele encontrou-me: «Não entres em pânico, estás completamente em segurança. Dá apenas dois passos em frente.»

Fiz o que me disse e avancei para a sala de estar dos meus pais. O Chan estava ali a sorrir. «O que correu mal?» perguntei. «Vira-te e olha tu mesmo», respondeu ele. Virei-me e enfrentei uma parede. «Não entendo», disse eu. «Num minuto estou na escuridão, no seguinte estou de frente para ti.» O Chan perguntou: «Não percebes o que aconteceu?»

«Temo que não», respondi. «Bem, materializaste-te dentro daquela parede», disse ele. «Nada de drástico teria acontecido, mas a tua chegada ali trouxe mais matéria ao tijolo do que precisa. É necessária um pouco mais de explicação. Sabes que o teu corpo não é feito dos mesmos átomos que o tijolo. Os teus átomos são mais finos e contêm mais éter, o que lhes permite passar pelos átomos mais grosseiros e pelo éter do tijolo. Problemas só surgem se te demorares no local exato em vez de passares rapidamente. Os teus átomos expandiriam então os do tijolo e criariam força excessiva num espaço demasiado pequeno. Os estalos e ruídos altos produzidos por esta força excessiva chamam-se manifestação. É frequentemente ouvido quando um espírito visita pessoas na Terra.»

«Oh, sim», disse eu, «isto foi falado numa lição com o guia de ensino. Mas ainda fiquei surpreendido por me encontrar na escuridão.»

«Deves focar os teus pensamentos com mais clareza», disse ele, «caso contrário, enfrentarás o mesmo problema noutras visitas. Agora tens experiência em primeira mão de entrar numa parede. Isto raramente acontece, e agora podes facilmente retificar a situação. Vamos encontrar os teus pais.»

O Chan caminhou para a parede e passou diretamente por ela. Hesitei em segui-lo e fiquei ali. Ele voltou e perguntou: «Bem, o que esperas?» Ri-me ao vê-lo passar pela parede. «Sei porque te ris», disse ele, «mas não pareço tão ridículo como alguém que poderia mencionar que ficou preso ali há uns minutos.»

«Tens razão. Desculpa», respondi e dirigi-me pela parede para o jardim. Senti um pesadume momentânea ao passar pela parede. A mãe estava sentada na cadeira de jardim rodeada de flores. Só passava tempo no jardim quando estava calor, por isso deduzi que era verão. Observar as atividades e o ambiente das pessoas é a única forma de um espírito determinar a estação ou a hora na Terra. Do nosso lado da vida, não há dia nem noite, nem relógio para vigiar.

Havia uma névoa ligeira à volta da minha mãe, mas, quando me aproximei, consegui distinguir as suas feições: um pouco mais velha e grisalha, mas ainda a minha velha mãe. Procurei o pai, mas não estava em lado nenhum. Esperava que estivesse em casa.

«Sim, está», respondeu o Chan, olhando para o barracão de jardinagem. Esquecera-me de que o Chan estava comigo. «Isto é o teu mimo», respondeu ele. «Ficarei em segundo plano por agora.»

Corri para o barracão de jardinagem. Mesmo antes de lá chegar, a porta abriu-se, e o pai saiu com algumas flores em vasos nas mãos. Era um jardineiro muito entusiasta e ganhara muitos prémios em exposições pelos seus crisântemos. Aproximou-se a centímetros de mim. Não tentei tocá-lo, mas gritei: «Pai, pai!» Deve ter-me ouvido porque olhou para a minha mãe, pensando que ela o chamara. Mas ela estava a dormir. O pai murmurou baixinho: «Podia jurar que ouvi a voz do Jim. Não pode ser, já se foi há três anos — que desperdício de uma vida jovem, que desperdício. Deve ter sido o vento nas árvores.»

Três anos, dissera o pai, para onde fora? Parecia a semana passada que estava na batalha a subir para o meu país, a chegar ao mundo seguinte em vez de voltar para casa com os meus pais. Lágrimas formaram-se nos meus olhos.

«Um dia poderás falar com eles novamente, Jim.» Sabia quem me falava e virei-me para responder: «Apareces sempre quando estou um pouco em baixo, Chan. Sei que tens razão, e anseio pelo dia em que a minha família se reunirá.» Sentia-me melhor. «Bom», respondeu ele. «Agora temos de voltar ao teu quartel. Tenho outro trabalho a fazer.»

Reaparecemos mesmo à porta do quartel. Falei com o Chan durante alguns minutos, depois ele partiu. Ao entrar, encontrei vários rapazes de pé a conversar. Um avançou e disse: «Pensámos em dar um passeio no parque. Queres juntar-te a nós?»

«Não, obrigado», respondi, «preciso de me deitar.» Dirigi-me à minha cama. Na verdade, não me sentia cansado, mas precisava de rever os ensinamentos do Chan.

Nos dois anos seguintes, visitei regularmente o plano terreno para ver os meus pais e vi-os envelhecer graciosamente juntos. A essa altura, crescera tanto mental como espiritualmente e podia ir sozinho sem me meter em sarilhos.

Cresci a amar o Chan como o meu próprio pai. Ele estava sempre um passo atrás de mim nos meus anos iniciais.

O tempo aproximava-se rapidamente para eu me mudar para o quinto plano. Passava tanto tempo, se não mais, nesse plano do que no quartel (=campo/quartel). Se fosse honesto, o que claro sou, não gostava de ir ao quartel.

Então algo me aconteceu que nunca experienciara antes. Estava sentado na minha cama quando senti um formigueiro começar nos pés que subiu pelas pernas até todo o meu corpo vibrar. Não sabia o que se passava, por isso chamei pelo Chan. Enquanto esperava, os meus pensamentos atropelaram-se nos últimos dois anos. Havia muito para aprender. Também tivemos a última lição do guia de ensino. Ele disse-nos o quão satisfeito estava por termos feito tanto progresso. Agora podia entregar-nos

completamente aos nossos próprios guias. Mas o Bill, pobre do Bill, foi mudado para outra parte do plano astral. Disseram-me que ele tinha dificuldade em ajustar-se, e pensaram que era melhor afastá-lo das suas antigas condições. Por enquanto, perdi contacto com ele, mas sabia que o encontraria novamente. «Hmm, o Chan está a demorar», pensei. Deve estar ocupado. Falei cedo demais porque ele apareceu imediatamente a menos de sessenta centímetros de mim. «Ah, aí estás», disse eu, «algo estranho está a acontecer-me.»

«Eu sei», respondeu ele com um sorriso, «é hora de deixares este lugar para sempre. Ganhaste o direito de te mudares para a tua nova casa no quinto plano. Os sentimentos que agora experimentas significam que o teu corpo está pronto para se desfazer. Tal como uma borboleta se liberta da sua crisálida para um novo mundo, tu também te libertarás para um plano superior.»

Perguntei-me o que aconteceria a seguir, mas fi-lo com uma mistura de medo e felicidade. O Chan deve ter lido os meus pensamentos e disse: «Agora acalma-te, não tens nada a temer. Vou ajudar-te. Estou tão feliz como tu por este momento ter chegado. Fizeste um trabalho excelente ao evoluir tão rapidamente para o estágio seguinte. Quero que te sentes passivamente. Vou adicionar a minha força de vontade à tua, e isso ajudará. Agora fecha os olhos e não os abras por motivo algum até eu dizer. Entendes?»

«Sim, Chan», respondi. A minha mente zumbia de excitação, mas sabia que devia acalmar-me e relaxar. Respirei fundo e controlei os meus sentimentos. Lentamente senti a força de vontade do Chan convergir com a minha. O formigueiro aumentou até todo o meu corpo tremer violentamente. Parecia que me sacudia para me libertar de um fato muito apertado. Lentamente o tremor diminuiu e foi substituído por uma sensação de leveza. O meu corpo estava agora completamente imóvel. «Podes abrir os olhos agora», disse ele. Senti hesitação em abri-los quando me lembrei da luz ofuscante da minha primeira visita. O Chan leu os meus pensamentos. «Agora vamos, Jim», disse ele. «Disse-te que seria seguro abrir os olhos. Agora que és habitante deste plano, não experimentarás um efeito adverso.»

Lentamente abri os olhos e descobri que estava sentado numa sala que parecia muito familiar, mas nunca lá estivera antes. «Onde estamos?»

perguntei. «Estás na tua nova casa», respondeu o Chan. «Chega de quartel, tudo aqui te pertence. Tenho trabalhado nesta surpresa há algum tempo. Os móveis e as pinturas são o que apreciaste no passado.»

«Por isso tudo parece tão familiar», disse eu. «Mas claro», respondeu ele, «como poderia eu saber o que gostavas? Foi mais fácil ler os teus pensamentos do que adivinhar as tuas preferências. Não construí a casa eu mesmo; houve outros que ajudaram. Ao longo de um período de tempo, os construtores e eu trouxemos esta casa à existência para ti. A parte mais difícil foi encontrar o local certo, mas indicaste-o numa das tuas visitas.»

«Deve ter demorado algum tempo a construir», comentei. «Pelo contrário», disse ele, «assim que soubemos que estavas pronto para vir, começámos o nosso trabalho. Desenhei a casa e fiz um plano aproximado para o arquiteto que, com a ajuda dos construtores, criou a casa. No total, demorou pouco mais de uma semana. Os móveis ficaram a meu cargo.»

«Mas onde estamos?» perguntei. «Lembras-te da tua primeira visita a este plano?» perguntou ele. «Sim, lembro-me», respondi. «Visitámos um vale. Disse o quão bonito era e como desejava poder viver lá. Espera um minuto, não queres dizer!» O Chan não me deu tempo para terminar antes de interromper: «Sim, é aqui que a casa fica», disse ele. «Espero que gostes da minha prenda. Trabalhaste arduamente, e esta nova casa é o fruto dos teus labores. Agora vem cá fora, tenho mais algo para te mostrar.»

Levantei-me da cadeira e dirigi-me à porta. Antes de a abrir, virei-me e dei outra olhadela à sala. Parecia reconhecer cada peça de mobiliário. Era como se cada uma se estendesse para mim, mas nunca pusera os olhos em nenhuma antes. Era uma sensação estranha, mas estava muito satisfeito.

Virei-me e abri a porta. Imediatamente ergueu-se um grande aplauso de um grupo de pessoas de pé no relvado. Virei-me para o Chan e perguntei: «Quem são eles?»

«Os teus vizinhos», respondeu ele. «Lembras-te das casas no vale? Estas pessoas vivem nelas e vieram dar-te as boas-vindas. É costume aqui conhecer os vizinhos. É o comportamento correto. Vou deixar-te para conheceres os teus novos amigos. Depois de te instalares, haverá trabalho para ti.» O Chan afastou-se e, em momentos, desaparecera.

Uma do grupo avançou e apresentou-se. «Chamo-me Rose», disse ela sorrindo, e estendeu a mão. Segurei-a e senti calor a irradiar dela. «Tens mãos muito reconfortantes», disse eu. Olhei para os seus olhos azul-profundos e fiquei tão cativado pela sua beleza que fiquei pregado no lugar.

«O que se passa?» perguntou ela. «Oh, perdoa-me por olhar fixamente», murmurei. «Já passou muito tempo desde que falei com uma mulher. Começara a pensar que homens e mulheres seriam mantidos separados para sempre. Disseram-me que era para dar tempo às nossas paixões inferiores para se acalmarem, mas não tenho problemas nessa direção.» Ambos vimos o lado engraçado do que eu dissera e rimo-nos.

«Qual é o teu nome?» perguntou ela. «James Legget», respondi, «mas os meus amigos chamam-me Jim.»

«Bem, Jim», disse ela, «vem conhecer os outros.» Havia outras cinco mulheres e doze homens. A Rose apresentou-me a cada um, após o que nos sentámos no jardim da minha nova casa. Era um dia glorioso e senti-me em casa pela primeira vez desde que chegara a este lado da vida. Bebi uma bebida feita de frutos silvestres. Sabia a néctar. A minha apreciação disto era acentuada porque o Chan se certificara de que superara o meu desejo por carne. As minhas papilas gustativas foram refinadas para o processo. Achei difícil no início, mas agora que entendo mais sobre animais, não vejo como poderia alguma vez os ter comido.

Falámos durante muitas horas até finalmente todos partirem exceto a Rose. «Quando te instalares, deves visitar-me. Vivo mesmo ao fundo da rua», disse a Rose, apontando na direção da casa dela. Virou-se para mim, colocou as mãos nos meus ombros para me beijar na testa e disse: «Adeus. Não te esqueças de visitar.» Caminhou pelo caminho e virou-se uma vez para acenar, depois desapareceu de vista. Fiquei muito satisfeito por ter uma vizinha tão amável.

Entrei para examinar a maravilhosa prenda do Chan. A minha primeira impressão foi que as salas eram pequenas mas adequadas. Havia quatro salas no total. A maior era para entretenimento. Havia uma sala adjacente mais pequena sem móveis. Os pisos estavam alcatifados num azul profundo, e as paredes pintadas da mesma cor. «Sei para que é esta sala», disse eu em voz alta. O Chan sempre se certificara de que meditava, por isso incorporara esta sala para esse propósito. Uma casa de banho e um

quarto totalmente mobilado ficavam no andar de cima. Embora não precisemos de dormir, é muito difícil quebrar o hábito. Por vezes, é bom apenas deitar-se e relaxar.

As minhas coisas estavam cuidadosamente dispostas na cama: roupa de um lado, livros do outro. O Chan pensara em tudo, até nas minhas posses. Passei um bocado a arrumar as minhas coisas antes de dar um passeio exploratório. Quando cheguei ao fundo do jardim e me virei para olhar para a casa, senti um nó na garganta. Lágrimas rolaram pelas minhas faces. Limpei-as rapidamente. A minha própria casa, depois de tanto tempo.

A casa estava situada entre um grupo de árvores; o jardim estendia-se cerca de doze metros a partir da casa. Estava vivo com as flores mais requintadas que se possam imaginar. O ar estava carregado com o aroma de madressilva. A única cena que alguma vez vi na Terra que se comparava era num postal de férias de Devon enviado pela minha tia Kate.

Caminhei pelo caminho que sabia que me levaria pela casa da Rose — apenas para ver como era e, esperava, vê-la novamente. Caminhei cerca de oitocentos metros antes de chegar a uma pequena casa de campo cor-de-rosa recuada do caminho. «Deve ser esta», pensei, mas ela não dissera que era uma casa de campo. No início, hesitei em aproximar-me caso fosse a casa errada, mas caminhei até à porta da frente onde um letreiro anunciava «Casa de Campo da Rose». Ri-me com o pensamento de «Lugar do Jim» para a minha casa.

Bati e esperei, mas não houve resposta. Afastei-me bastante desapontado. Continuei pelo caminho, por um prado e por alguns campos. Parecia que caminhara quilómetros, por isso procurei um lugar adequado para descansar. À minha esquerda havia grandes carvalhos com anémonas e campainhas aninhadas debaixo deles. As suas pétalas, totalmente abertas para os céus, adicionavam salpicos gloriosos de cor à relva verde rica. Era como se me convidassem a sentar-me entre elas, mas o meu medo de as esmagar impediu-me.

Aproximei-me de uma das árvores e sentei-me com as costas contra o seu grande tronco. Relaxe e pensei o quão bom era fechar os olhos por cinco minutos.

De repente, um arrepio frio passou por mim, e senti alguém tocar-me. Saltei em pé e olhei à volta para ver se alguém estava a brincar comigo,

mas estava sozinho. Perguntei-me de onde viera o toque. Novamente, senti uma intrusão na minha aura. Como isto ocorrera primeiro quando me sentei contra a árvore, caminhei nervosamente à volta dela. «Pergunto-me...», disse eu em voz alta, ao pensar no jardineiro do quarto plano que falava com árvores e que dizia compreendê-las.

Talvez a árvore estivesse a tentar comunicar comigo. Coloquei as mãos no tronco. O arrepio intensificou-se quanto mais me concentrava. Assumi que estava a ter um efeito; no entanto, fiquei extremamente chocado quando senti uma emoção forte da árvore. Tirei rapidamente as mãos da árvore e recuei. Estava a tentar comunicar! Fiquei ali vários minutos com uma mistura de medo e apreensão. A minha curiosidade acabou por levar a melhor, e coloquei as mãos de volta na árvore. Mais uma vez, um arrepio passou por mim. Desta vez, não me afastei. Lentamente, a minha sensibilidade fundiu-se com a da árvore.

Tornei-me consciente da sua totalidade, desde as profundezas das raízes até às pontas dos ramos. As suas experiências passadas passaram diante de mim como se estivesse a ver um cinejornal. Que forma maravilhosa de compreender a história. Quando o Ben falou de comunicar com a árvore, não reconhecera nem apreciara plenamente a imensidão da natureza, nem que todas as coisas no jardim de Deus tinham tal sensibilidade. No meu estado iluminado, tornei-me consciente das outras árvores vizinhas e percebi, de forma misteriosa, que a árvore com que comunicava também podia comunicar com a sua própria espécie. O que uma árvore sentia, todas sentiam. Ao tornar-me parte da sua sensibilidade, transmitir-lhes-ia uma vibração de amor.

Isto era o que o Ben queria dizer quando afirmou: «Ao dar-lhes amor, elas respondem a esse amor e crescem em conformidade.» Passei a melhor parte do dia a desfrutar plenamente de aprender com a árvore. Ao partir, agradeci à árvore, embora pensasse que isso poderia parecer estranho. Mas sabia que ela responderia. Pensei nas árvores e plantas no plano terreno.

A mãe falava frequentemente dos dedos verdes do pai. Agora sabia que ela tinha razão. As plantas respondiam à sua bondade e frequentemente ganhavam prémios para ele nas exposições locais de flores. O pai falava muitas vezes com as suas plantas. Achava que era um pouco parvo, mas ele jurava que elas o compreendiam. Como tinha razão, mas tive de morrer para o entender.

Ao passar por uma colina, ouvi o tilintar de água a cair. Escutei por um momento e dirigi-me ao som. Subi a colina e descobri um pequeno riacho que cascateava sobre algumas rochas antes de formar uma ampla lagoa no vale abaixo. Fetos graciosos bordejavam a cascata e o caminho que levava ao vale. Decidi seguir o caminho; mas antes, parei para admirar a vista. Colinas ondulantes estavam cobertas por um tapete de verde-esmeralda, e grandes carvalhos e pinheiros cresciam lado a lado nas encostas.

Ao descer, tive cuidado para não escorregar na relva, que era como seda. Aproximei-me da lagoa e parei na sua margem. A água era cristalina. O único movimento na superfície da lagoa era o reflexo tremeluzente de um raio de luz. A minha atenção foi atraída para os lados da lagoa, onde grandes tufos de juncos reluziam ao sol. Estes criavam a impressão de setas a perfurar a tranquilidade da lagoa. A lagoa parecia muito convidativa, por isso decidi nadar. Olhei à volta para ver se havia alguém, mas tinha o lugar só para mim. Tirei rapidamente a roupa e entrei na lagoa. Era bastante funda, mas nadava bem. Ri-me para mim mesmo com a preocupação de me afogar. Saí da lagoa sentindo-me revigorado e em breve seguia para o vale.

Deparei-me com um jovem e uma jovem e, de alguma forma, soube que estavam perturbados. Parei para perguntar o que se passava. «É o meu pai», respondeu a jovem com lágrimas nos olhos. «É um bêbado e espancador de mulheres. A minha mãe está agora muito doente no hospital, e estamos à espera que ela passe para o outro lado. Não é a minha mãe que me preocupa. Ela é uma alma maravilhosa e virá diretamente para aqui. Não, é o meu pai que terá de pagar pelo que fez. Amo-os a ambos e culpo-me um pouco pelo comportamento do meu pai. Ele começou a beber muito logo após eu morrer num acidente de barco.»

A jovem começou subitamente a chorar descontroladamente. «Tenho a certeza de que se resolverá», disse eu. O jovem passou os braços à volta da mulher e também a reconfortou. Perguntei-me se devia ficar com eles, mas concluí que encontrariam consolo um no outro, por isso continuei a viagem. Ouvi cânticos e dirigi-me a eles para descobrir um grande grupo de pessoas de pé num círculo. A voz de um homem destacava-se. Quando parei e escutei, percebi que a voz pertencia a um clérigo. Temo que isso não fosse para mim. Continuei pelo vale. De vez em quando, parava para falar com alguém; toda a gente era tão amigável.

O meu encontro seguinte foi com um homem a passear um cão. O cão não estava com trela, mas trotava feliz ao lado do seu dono. «Bem, sou tio de um macaco», pensei, «este é o primeiro cão que vejo desde que deixei o plano terreno. Pensando bem, é apenas o segundo animal que vejo. O primeiro foi o gato do Chan.» A minha curiosidade levou a melhor. «Desculpe, espero que não ache rude. É sobre o seu cão.»

«O que tem ele?» respondeu o homem, de forma abrupta. Hesitei em terminar a pergunta por medo de o aborrecer.

«Desculpe, não devia ter interrompido», disse eu ao começar a afastar-me.

«Espere um minuto», chamou ele, «parece ter uma pergunta. Tenho algum tempo livre, e se quiser sentar-se, podemos falar. A propósito, chamo-me Albert, e este é o Ben.» Apresentei-me e afaguei o Ben na cabeça, o que me valeu uma lambidela na mão. «O Ben parece gostar de ti», disse o Albert. «Se o Ben acha que estás bem, isso chega-me.» Encontrámos um lugar para nos sentar, e o cão deitou-se ao nosso lado. «Assim está melhor», comentou o Albert enquanto o Ben se esticava na relva. «Agora, qual é a tua pergunta?»

«Bem, o Ben é apenas o segundo animal que vi deste lado da vida. Onde estão todos eles?» perguntei. «Para dizer a verdade», disse ele, «não sei a resposta a este mistério. Tudo o que sei é que o Ben me esperava quando passei para o outro lado. Morreu apenas uma semana antes de mim. Tínhamos tido uma boa vida juntos e senti muito a falta dele. Sabes, nunca me casei, e o velho Ben era uma companhia maravilhosa. Quando ele se foi, senti-me bastante sozinho. Pensamentos sobre o Ben toldaram-me a mente, e não prestei atenção ao trânsito ao atravessar uma estrada movimentada. Ouvi o sino do elétrico tarde demais. A próxima coisa de que me lembro foi acordar numa cama de hospital. Tentei mexer-me, mas não conseguia. A minha mente estava viva, mas o meu corpo não respondia aos meus comandos.

«Havia uma névoa pesada na sala. Ocasionalmente, reparei em sombras a voar na névoa. A minha audição não fora afetada, por isso ouvia o que se passava à minha volta. Duas das sombras aproximaram-se e curvaram-se sobre mim. Percebi que eram enfermeiras e que a minha visão fora danificada no acidente. Ouvi uma delas explicar à outra que provavelmente

não duraria a noite. Pensei: «Que ridículo, tenho a certeza de que sairei daqui em breve.» Como essas palavras estavam certas, mas não da forma que esperava.

«Adormeci e tive um sonho notável. Sonhei que a minha mãe e o meu pai estavam ao fundo da cama e me acenavam para ir com eles. Não era como nenhum sonho que alguma vez tivera. Parecia tão real, mas sabia que era apenas a minha imaginação porque os meus pais estavam mortos há mais de vinte anos. Vê-los angustiou-me, e acordei com as suas imagens firmemente na mente.

«Não conseguia mexer a cabeça, mas os meus olhos conseguiam perfurar a névoa. Vi as formas dos meus pais de pé junto à cama. O meu pai estava de um lado da minha mãe, que sorriu e disse: «Vem, Albert, é hora de deixares este lugar.»

«Levei toda a força que consegui reunir para erguer a cabeça da almofada e gritar: «Não, vocês estão mortos. São apenas um sonho.» A minha mãe falou então num tom que não me deixou dúvidas de que não era imaginária. «Agora ouve, Albert. Tiveste um acidente fatal. O teu pai e eu viemos levar-te para a tua nova casa.»

«Lentamente, a minha força esvaiu-se, e caí de volta na almofada. As duas enfermeiras ainda estavam por perto, e ouvi uma delas comentar: «Está a delirar, não demorará muito.» Queria sentar-me e dizer: «Olhem, estou bem», mas não tinha força.

«A minha mente estava a ser dilacerada. Por um lado, as enfermeiras diziam que eu estava a morrer, e por outro, os meus pais diziam que devia ir com eles. Gritei: «Chega.» Subitamente, uma onda de dor atravessou o meu corpo, sacudindo-me violentamente, depois uma sensação de paz invadiu-me. Isto foi seguido por uma sensação de flutuar por um túnel escuro em direção a uma luz no fim. A próxima coisa de que soube foi estar de pé, nu, ao lado da cama. Fiquei sobressaltado com a voz da minha mãe, dizendo: «Aqui, Albert, veste isto.»

Ela estava ao meu lado com um roupão na mão.

«Duvidei da realidade do que se passava. Parei por um ou dois minutos e depois disse: «Isto é tudo um sonho, não estás mesmo a falar comigo. Acordarei num minuto.» A mãe retrucou: «Não sou sonho. Agora veste o

roupão, assim é que é, bom rapaz.» Fiz o que me disse, principalmente por embaraço. O roupão parecia real o suficiente. «És mesmo a minha mãe?» perguntei.

«De quem pensas que é mãe?» disse uma voz que reconheci imediatamente como a do meu pai. Ele saiu da névoa. «Agora então, Albert, temos estado à espera aqui há algum tempo. Seria melhor vires connosco.»

«Olhei para a cama e vi uma forma escura deitada nela. Duas vozes distintas podiam ser ouvidas das figuras sombrias que se curvavam sobre a cama. Uma disse: «Ele se foi, pobre alma», e a outra respondeu: «É o melhor, teria sido um vegetal se vivesse.»

«Fiquei ali em descrença. «Porque não me veem?» gritei. «É porque já não és habitante do mundo deles», disse o meu pai. «Não entendo», tremi e virei-me para a minha mãe. «O que me aconteceu, estou mesmo morto?»

«Sei que é difícil entender», disse ela. «Sim, de certa forma, morreste há cinco minutos naquela cama, mas apenas para acordar para uma vida muito maior e mais plena. Agora, Albert, tenho uma surpresa para ti.» Não precisava de mais surpresas. Ser informado de que estava morto era bastante.

«Então, subitamente, ouvi um cão a ladrar. Os meus pensamentos foram diretamente para o Ben. Gritei: «Ben, Ben!»

Antes de poder proferir outra palavra, ele saltou sobre mim e começou a lamber-me a cara. Caí de joelhos e passei as mãos pela cabeça dele. Conhecia cada saliência na sua velha cabeça graciosa. Era o Ben, sem dúvida. A alegria de o ver a ele e aos meus pais foi demais. Explodi em lágrimas. Agora estava pronto para os seguir para onde quer que fosse. Levaram-me para um lugar para recuperar. Era semelhante a uma casa de convalescença. Os meus pais visitavam regularmente e traziam o Ben consigo. Quando fiquei suficientemente forte, o Ben e eu fomos dados uma pequena casa aqui.

«Tenho uma vizinha, a Sr.ª Carter, que vive mesmo ao fundo da colina. Tem um gato de estimação e queixa-se constantemente de que o Ben o persegue, mas tenho a certeza de que são amigos. Por vezes, vi-os deitados

lado a lado. O Ben também é conhecido por lamber o gato quando pensa que ninguém está a ver. Agora já sabes a minha história de vida.»

«Bem, é uma história e tanto», disse eu, «mas o que aconteceu aos teus pais?» O Albert respondeu: «Fico satisfeito por dizer que estão muito bem. Têm uma pequena casa de campo não longe da minha. A mãe sempre falou em mudar-se para uma casa de campo no campo quando o meu pai se reformasse. Mas não era para a vida terrena deles porque ambos morreram aos cinquenta e poucos anos. A minha mãe morreu primeiro, depois o meu pai seguiu seis meses depois. Os médicos disseram que morreu de coração partido. Foi um choque terrível para mim porque os amava muito. A casa deles passou para mim após a morte do meu pai, e vivi lá até vir para aqui. O choque teve um efeito duradouro em mim, e depois vivi uma vida muito privada.

Não suportava envolver-me com ninguém caso me fosse tirado. Suponho que isto era muito egoísta, mas era a única forma de viver. À medida que os anos passavam, tornava-me cada vez mais sozinho, por isso comprei o Ben para companhia. Foi o primeiro animal de estimação que tive. Desde o momento em que o vi pela primeira vez, houve uma ligação entre nós. Acho que o temperamento dele era semelhante ao meu. Foi o meu amigo fiel nos últimos doze anos da minha vida. Senti muito a falta dele quando partiu. Mas, como vês, estamos agora juntos. Nunca fui tão feliz. Bem, chega de mim, agora conta-me sobre ti.»

Falámos longamente sobre como cheguei a este plano e os problemas que surgem da vida terrena. Ainda assim, não resolvemos o mistério do paradeiro dos animais. O tempo passou rapidamente; e, por mais que quisesse continuar a conversa, tinha outras coisas a fazer.

Agradeci ao Albert e disse que provavelmente o veria novamente. Ao partir para casa, pensei que o Albert parecia um tipo simpático, mas talvez um pouco sozinho. Fiquei satisfeito por ele e o Ben estarem reunidos. Virei-me para olhar para trás para os dois e vi o afeto amoroso entre eles enquanto deitados na encosta relvada.

Agora tinha de decidir como chegar a casa — a pé ou pensar-me lá. Tivera um dia tão maravilhoso que decidi o caminho mais fácil e em breve reapareci no meu jardim. Ao abrir a porta, vi uma figura numa das cadeiras

e reconheci imediatamente o Chan. Perguntei o que ele fazia. Fiquei muito satisfeito por o ver, mas um pouco assustado com a presença dele.

«Passei para ver como te estavas a safar», disse ele rapidamente. Sabia que o Chan não fazia nada por impulso. Tinha de haver uma razão para a visita. Estava prestes a perguntar, quando ele me interrompeu: «Desculpa se te assustei.»

«Estiveste a ler os meus pensamentos novamente», respondi. «De certa forma, sim. Tens uma pergunta sobre os animais aqui. Antes de perguntares como sei, tenho estado a sintonizar contigo periodicamente ao longo do dia. Pensei, como tenho um pouco de tempo livre, mostrar-te parte da resposta. Teremos de visitar o plano terreno, e o que possas ver pode ser angustiante. Pensa nisso. Quando estiveres pronto para a viagem, avisa-me.»

O Chan era um tipo muito astuto. Sabia que a minha curiosidade seria despertada. Disse hesitantemente: «Não há momento como o presente.» Ele sorriu e ergueu o braço na minha direção. Coloquei a mão levemente no braço dele. Passaram alguns momentos, e reaparecemos num lugar muito enevoado. Uma sensação terrível de medo invadiu-me enquanto caminhávamos para um edifício. Parecia um celeiro em ruínas. «Onde estamos?» perguntei.

«Estamos em frente a um matadouro», respondeu ele. «Os animais são trazidos aqui e ejetados à força dos seus corpos terrenos muito antes do tempo devido, para fornecer comida ao homem.» «Então», disse eu, «é por isso que sinto este medo.» «Sim, estás a sentir as emoções dos animais antes de morrerem. Todo o edifício tem uma aura de medo. Os animais estão tensos de medo ao entrar. Quando a carne é comida, é este medo — não a carne — que pode ser prejudicial. Pode criar muitos tipos de problemas mentais e físicos.»

«Nunca percebi que estas criaturas sofriam tanto», disse eu numa voz algo envergonhada. «Poucas pessoas percebem», respondeu ele. «Não despertaram para o facto de que toda a vida é sagrada. O reino animal foi colocado nas mãos do homem para que ele o ajude a subir à Divindade — não para o comer.»

«Para onde vão todas as almas dos animais?» perguntei. «Não vi animais exceto um par de animais de estimação.» O Chan sugeriu que o seguisse, e ele mostrar-me-ia. Caminhámos ao lado do edifício até aos

fundos. Parei. A cerca de nove metros de onde estávamos, um vórtice de luz branca saía do chão e subia fora de vista. Várias pessoas vestidas com cafetãs azuis conduziam as almas dos animais para a luz, onde os animais simplesmente desapareciam. Virei-me para perguntar ao Chan o que se passava.

«É uma longa história, Jim. Só te posso delinear. Os animais que estão a ser conduzidos para a luz estão a voltar para a sua alma de grupo própria. Cada animal ganhou alguma experiência da sua vida terrena, e essas experiências são reunidas para ajudar a alma de grupo a evoluir. Quando a alma de grupo ganha vibração suficiente, evolui para o plano do homem.»

«Queres dizer que estes animais não sobrevivem à morte como nós?» perguntei. «Isso é bastante correto», respondeu ele. «O homem sobrevive à transição chamada morte, mas eventualmente as almas animais que são conduzidas para a luz terão a oportunidade de andar em duas pernas. Com isto quero dizer que se tornarão conscientes da sua verdadeira identidade, mas isto está longe. Deves entender, Jim, verdadeiramente nada pode morrer. Apenas evolui.»

«Então o que acontecerá aos animais de estimação domésticos que vi, como o teu gato?» questionei. O Chan respondeu mais: «Os animais de estimação que viste no teu plano estão lá através do amor e bondade dos seus donos do plano terreno. Por um tempo, sobreviverão à transição chamada morte. Eventualmente, o chamamento dentro deles tornar-se-á demasiado grande para ignorar, e serão atraídos para a sua própria alma de grupo — com o bónus do amor humano. Os seus companheiros humanos terão evoluído para entender isto e deixá-los-ão ir com bênçãos.»

«Há muito para aprender», disse eu. «Posso fazer apenas mais uma pergunta?» «Se quiseres», respondeu ele. «Quem são as pessoas a conduzir as almas dos animais para a luz?» O Chan parou por um momento. Senti que estava muito orgulhoso do trabalho realizado por estas almas. Suspirou e depois falou. «São os guardiões da luz. Esta tarefa é sempre realizada por seres muito evoluídos que dedicaram totalmente as suas vidas a ela.» «Posso conhecê-los?» perguntei. «Não, Jim, não até teres evoluído o suficiente para entender o trabalho deles», respondeu o Chan.

Era hora de viajar para casa. À chegada, o Chan parou e sentou-se comigo. Falámos sobre os eventos do dia até ele decidir que precisava de

ficar sozinho. Agradeci-lhe por dar uma resposta em primeira mão à minha pergunta; depois ele partiu. O Chan e eu tínhamos uma amizade profunda a essa altura, e eu olhava para ele como um pai.

Estava exausto da nossa viagem e precisava de relaxar e reunir os pensamentos. Decidi que a minha nova sala de meditação era o lugar perfeito. Uma sensação maravilhosa de paz inundou-me enquanto me sentava de pernas cruzadas no chão. Toda a sala estava viva com energia, elevando a minha consciência a uma grande altura. Conseguia comunicar com a força de Deus dentro de mim e ouvir as palavras de encorajamento que inundavam a minha mente. Ouvir é a verdadeira arte da meditação. Muitas pessoas rezam ao seu Deus por ajuda e orientação, mas não se preocupam em ouvir as suas palavras de encorajamento.

Somos ensinados sobre o amor de Deus assim que conseguimos aceitar as novas condições de vida após a morte. Ele não é o Deus abstrato que a maioria dos humanos na Terra chega a conhecer. Aqui reconhecemos que Deus está no coração de tudo; ele é o único poder que flui por toda a criação. Só podes verdadeiramente conhecer-te quando entendes que Deus é o único poço de onde podes tirar a água da vida. Não há outra fonte.

Quando temos este conceito mental de Deus, somos então ensinados a extrair do seu poder. No entanto, até lá, não somos deixados sozinhos num mundo objetivo. Pode parecer objetivo para nós, mas foi criado pela mente intangível de Deus, com a sua vontade a fluir por cada imagem da sua criação e a dar vida a tudo.

Somos capazes, de forma finita, de usar o mesmo método nas nossas próprias construções. Não foram precisos pedreiros ou carpinteiros para construir a minha nova casa. O arquiteto e as almas que reuniram os elementos construíram-na com o poder de concentração. Para além do plano terreno, todo o trabalho de construção é realizado pelo poder do pensamento.

Nos anos seguintes, usei a sala de meditação da minha nova casa mais do que qualquer outra. A minha vida e amizade com a Rose floresceram. Fizemos muitas viagens juntos, explorando e conhecendo novos amigos. Tínhamos muitas coisas em comum, como as artes, em que ambos participávamos ativamente.

Cresci em compreensão para com a vida vegetal e tornei-me um jardineiro entusiasta. Foi num dos meus dias no jardim que senti um chamamento interior para visitar a minha mãe. Sabia por este chamamento que ela estava a enviar uma oração para mim. Era diferente desta vez porque o chamamento tornava-se mais forte a cada minuto.

Liguei-me ao pensamento dela e, em momentos, estava ao fundo de uma cama. Mas não era a cama junto à qual tantas vezes ficara quando ela dormia. O ambiente era totalmente novo para mim. Olhei à volta da sala e em breve percebi que estávamos num hospital. O chamamento inconsciente da minha mãe para mim fez-me perceber que ela estava muito doente. Fui subitamente interrompido por uma voz que dizia: «Por favor, afaste-se, vai estar no caminho.»

Um homem de cabelos grisalhos, que assumi ser um médico (no nível astral há no hospital físico), aproximou-se da cama e fez algo à minha mãe. «O que se passa?» perguntei. «Posso perguntar quem é?» veio a resposta dele. «É a minha mãe», disse eu, «ela tem estado a chamar-me.»

«Estávamos à espera de alguém», disse ele e apresentou-se. «Chamo-me Dr. Forbes. Como vê, a sua mãe está muito doente e não se espera que dure a noite. Fiz tudo o que podia por ela. O espírito está disposto, mas o corpo está a desistir. Os médicos terrenos fizeram o que podiam para tornar as suas últimas horas confortáveis. Agora cabe-nos preparar as coisas aqui para que, quando a sua mãe acordar, seja recebida por alguém que conhecia e amava. Caso contrário, o choque da passagem poderia ter um efeito dramático nela. Não demorará muito. Vou ver se temos uma cama para ela.»

Em breve desapareceu de vista. Não sabia se devia rir de alegria ou chorar com a ideia de a mãe estar comigo. Enquanto esperava, olhei à volta da enfermaria e falei com outros visitantes astrais que também esperavam pelos seus entes queridos. As portas da enfermaria abriram-se, e o meu pai entrou com duas enfermeiras. Pararam junto à cama da mãe, onde as duas enfermeiras deixaram o pai sozinho. Ele segurou a mão da mãe, que ocasionalmente afagava e dizia: «Vais ficar bem, amor, estou aqui.»

Lutei contra as lágrimas ao ver o pai numa situação tão angustiante. Sabia que a mãe ficaria bem, mas não tinha tanta certeza quanto ao pai. Queria gritar: «Olha, pai, a mãe vai ficar bem. Não há morte.» Mas, claro,

ele não me ouviria. Esperei pacientemente ao fundo da cama pela libertação da minha mãe. Suponho que passou uma hora ou assim, quando subitamente a mãe soltou um gemido. O pai saltou em pé. «Doutor, doutor. Venha rápido, a minha mulher.»

Uma enfermeira e um médico responderam ao chamamento do pai. O médico examinou a mãe e virou-se para o pai. «Lamento, Sr. Legget. Ela se foi.» O pai caminhou até à cama e segurou novamente a mão da mãe. Lágrimas formaram-se e escorreram pelas faces enquanto olhava desamparado. Foi-lhe permitido ficar com ela durante alguns minutos antes de a enfermeira o levar para um lado e dar-lhe uma chávena de chá.

Perguntei-me o que fazer a seguir, mas o Dr. Forbes apareceu com uma enfermeira e dois outros. Pararam de um lado da cama como se esperassem por algo. Lentamente, uma névoa escorreu da forma sem vida na cama. O corpo astral da minha mãe, completamente intacto, estava agora a cerca de sessenta centímetros acima da cama. O cordão de que nos tinham falado, e ao qual eu estivera ligado quando morri, rompeu-se imediatamente no caso da mãe. Ela ainda não tinha consciência do que se passava.

O Dr. Forbes e os seus ajudantes tomaram controlo, reunindo-se à volta dela e erguendo-a para a maca que tinham trazido. O Dr. Forbes virou-se para mim e perguntou: «Poderia seguir-nos, por favor?» Saímos da enfermaria e em breve entrámos numa sala que fora decorada com bom gosto. Colocaram a mãe na cama, e os três ajudantes partiram. O Dr. Forbes pediu-me para me sentar enquanto a examinava para determinar se seria necessário algum tratamento.

Quando terminou, falou brevemente comigo: «A sua mãe está bem, não é necessário outro tratamento.» Falámos longamente. Explicou que alguns pacientes eram mantidos a dormir para que os seus níveis subconscientes pudessem ser trabalhados. Não eram usados instrumentos nesta clínica porque as salas tinham auras de cura maravilhosas, que eram infundidas continuamente por grandes almas de cima.

Eu também senti o efeito calmante; uma sensação de paz tocou cada fibra do meu ser. Não te poderia dizer como funcionava, mas aprendi mais tarde. O Dr. Forbes despediu-se de mim. Mas antes de partir, virou-se e disse: «A propósito, enviarei uma enfermeira para cuidar da sua mãe até ela estar suficientemente forte para partir.»

Sentei-me e acomodei-me. Perguntei-me quanto tempo teria de esperar até a mãe acordar. Que surpresa para ela ver-me sentado junto à cama. Sonhei acordado com todas as coisas de que falaríamos. Uma batida na porta fez-me saltar. A porta abriu-se a meio, e a cabeça de um homem apareceu: «Podemos entrar?»

«Por favor», respondi. A porta abriu-se completamente e revelou um homem bastante elegante (em forma/nível astral) de cerca de quarenta anos. Imediatamente atrás dele estava uma jovem de cabelos loiros vestida com um vestido florido cor de limão com cinto e sapatos brancos a condizer. O casal parecia-me familiar, mas nunca os vira antes. Sentia que os devia conhecer. O homem veio diretamente e estendeu a mão: «Prazer em ver-te, Jim. Esperei muito tempo por este momento.»

Segurei a mão dele, que tinha um aperto como um torno. Sacudiu-ma até eu pensar que cairia. «Tens vantagem», disse eu. «Sabes o meu nome, mas quem és tu?» «Bem, Jim, esta é a tua avó», respondeu ele apontando para a senhora, que se debruçava sobre a cama. «E eu sou o teu avô.»

Fiquei atónito com esta notícia. Nunca vira os meus avós quando estava na Terra, nem neste plano. Morreram antes de eu nascer. Perguntei porque não se tinham dado a conhecer antes. «Não era possível», disse o avô. «Fomos aconselhados a deixar-te em paz até desenvolveres a tua mente espiritual. Sei que é um momento triste para o teu pai, mas é uma alegria para nós. Teremos a nossa filha connosco mais uma vez, e sabíamos que estarias aqui.»

«Entendo. O que acontece agora à mãe?» perguntei. «Temos uma casa pronta para ela», respondeu ele. «Assim que ganhar forças, levamo-la para lá.»

A porta da sala abriu-se, e entrou a enfermeira que vira antes. Falou com uma voz doce: «Podem esperar lá fora, por favor? Em breve será hora de a Sr.ª Legget recuperar a consciência. Não queremos que entre em choque ao vê-los, pois não? É melhor se eu explicar o que aconteceu.»

A enfermeira conduziu-nos para fora e fechou a porta atrás de nós. Sentámo-nos num banco de madeira ao longo de uma parede do corredor. Falámos e falámos, pelo que pareceram eras. «Pergunto-me o que está a demorar tanto?» perguntei. «Tem paciência, Jim», coaxou a avó.

«Suponho que ela está bem», pensei. «Depois de tanto tempo, mais uns minutos não farão mal.» Foi um dos minutos mais longos que alguma vez suportei. Lentamente, a porta da sala abriu-se. A enfermeira saiu e disse: «Podem entrar agora, um de cada vez. Por favor, sejam suaves com ela porque está em choque.»

Tremi ao entrar e perguntei-me se ela me reconheceria. A mãe olhou para mim debaixo dos lençóis. Fiquei pregado no lugar e apenas olhei. O meu coração saltou para a garganta. Senti humidade nas faces e percebi que chorava. Não sei quem falou primeiro, mas corri para a beira da cama. «Jim, Jim, és mesmo tu ou estou a sonhar?» «Não, mãe, não é sonho», respondi enquanto me debruçava sobre a cama e a embalava nos meus braços. Abraçámo-nos durante algum tempo, mas estávamos completamente sem palavras. Nada precisava de ser dito; bem, não neste momento.

A mãe limpou as lágrimas e fez alarido sobre como devia estar. Confortei-a: «Não te preocupes com a aparência. Estás em segurança agora, e isso é o mais importante. Quando estiveres suficientemente forte, poderás sair daqui.»

Após o choque inicial de me ver ter passado, disse: «Há outra surpresa para ti.» Virei-me para a porta e chamei: «Tudo está bem agora.» «A quem estás a chamar, Jim?» perguntou a mãe. Antes de poder proferir outra palavra, a porta abriu-se e a minha avó entrou. Devias ter visto a cara da minha mãe; era uma imagem. Cumprimentaram-se como uma mãe e filha o fariam após uma longa separação. A mãe perguntou se o pai dela estava lá. «Sim», disse a avó, «está à espera lá fora.» Voluntariei-me para o ir buscar. Ele estava sentado no banco, nervosamente a rodar os polegares. Olhou para cima e perguntou se tudo estava bem. «Sim, tudo está bem. A mãe quer ver-te.»

O avô levantou-se, compôs-se e ajustou a gravata. «Como estou, Jim?» perguntou. «Vais ficar bem», disse eu, e entrámos na sala. Tivemos uma grande reunião a falar de velhos tempos. Subitamente, a mãe ficou em silêncio. Sentimos que entrara em choque novamente. Imediatamente perguntei o que a perturbava. «É o teu pai. O que lhe acontecerá? Sabes que ele está perdido sem mim.» Começou a chorar. Coloquei a mão na dela e disse: «Temo que ele tenha de gerir até o bom Senhor decidir o contrário.

Quando te sentires melhor, levar-te-emos a vê-lo — tal como eu fui levado a ver-te a ti e ao pai.»

Ela prestou atenção ao que eu disse. Através das lágrimas, perguntou: «Visitaste-me? Se ao menos te pudesse ter visto, a minha vida teria sido muito mais feliz.» «Temo que nem sempre seja possível as pessoas verem-nos, mas por vezes deixamos a nossa marca. Chamei-te em várias ocasiões, mas fui ouvido apenas uma vez.» Depois relatei o incidente com o pai no jardim. A mãe acalmou-se novamente e disse: «Rezava todas as noites por ti.»

«Eu sei. Senti os teus pensamentos amorosos, e ajudaram-me nos meus primeiros dias aqui. Encorajaram-me a tornar-me mais forte para poder visitar-te regularmente. Lembro-me das tuas férias em Devon. Sei que era Devon porque olhei por cima do teu ombro quando escreveste um postal à Sr.ª Wilson. Também olhei à volta da pensão onde ficaste. Era muito limpa e arrumada. Um dia segui-te até à praia. Achei que o pai parecia engraçado com o lenço na cabeça e as calças enroladas enquanto sentado na cadeira de convés com a cara virada para o sol. Lembro-me de pensar que ele poderia queimar os tornozelos. Lembras-te, mãe?»

«Demasiado bem», respondeu ela. «Ele ficou mal com os tornozelos queimados e deu-me o inferno durante uma semana. O único dano foi nos tornozelos, e ficaram de uma cor malva engraçada.» Parou por um momento antes de perguntar: «Ele ficará bem, não ficará?»

«Agora, mãe, o pai cuidará de si. De qualquer forma, a Sr.ª Wilson ao lado certificar-se-á disso. Sempre foi uma boa vizinha para ti, e tenho a certeza de que continuará a sê-lo.»

O avô deu-me uma palmada no ombro e indicou que a enfermeira entrara. «Lamento», disse ela, «têm de partir agora. A sua mãe precisa de descanso. Haverá muito tempo mais tarde para estarem juntos.»

Os meus avós despediram-se da mãe. «Voltarei assim que me permitirem», disse eu. Demorei-me à porta até a enfermeira me empurrar para fora. Lembrei-me de que a enfermeira tinha razão. Haveria muito tempo.

«Queres voltar connosco?» perguntou o avô. «Adoraríamos mostrar-te onde vivemos e onde a tua mãe viverá. Temos estado a prepará-la para ela.

Tínhamos uma boa ideia das escolhas de mobiliário e decorações da tua mãe. Quando soubemos que o tempo dela se aproximava, contratámos um arquiteto para desenhar e construir a casa. A tua avó também gostou de fazer coisas para a casa.» A avó interrompeu para perguntar se devíamos ir. «Sim, querida», respondeu o avô timidamente.

A avó estendeu a mão para mim. Em momentos, estávamos no jardim deles. Vi que fora criado com amor. Cada flor era perfeita em cor e tamanho. À esquerda de onde estava, um pequeno poço estava coberto de rosas cor-de-rosa profundas. Um banco de jardim estava colocado de um lado do poço. Um caminho ia de uma ponta do jardim à casa. As amoras-perfeitas mais extraordinárias que alguma vez vira cresciam ao longo do caminho. Cada uma fora escolhida individualmente por cor e tamanho. Havia também tufos de goivos-noturnos debaixo das janelas frontais da casa. Como não há noite no nosso plano, pensei que os meus avós poderiam ter uma longa espera pelo aroma dos seus goivos. Mas as leis físicas não se aplicam aqui. O ar estava cheio do doce aroma das flores maravilhosas. Era um prazer admirar a beleza de um jardim tão bem equilibrado.

«Gostas do nosso jardim?» perguntou a avó. «Com certeza que sim. Quem é o vosso jardineiro?» questionei. «Não temos jardineiro», respondeu ela. «É um esforço combinado entre o teu avô e eu. Passamos tanto tempo quanto podemos no jardim, após as muitas outras coisas que ambos desfrutamos — como as artes. A jardinagem fica em segundo lugar.»

«A propósito, vamos a uma nova peça escrita por Shakespeare. Fomos a várias das suas peças, e na verdade vi-o. É um homem de aspeto engraçado e não se parece nada com o que imaginava. Veste-se muito modestamente e tem cabelo curto e barba arranjada. Quando me foi apontado pela primeira vez, fiquei muito surpreendido. Esquecera-me de que as pessoas mudam e podem parecer o que escolherem, dentro do razoável, claro.»

Dirigimo-nos à casa. Era mais como uma casa de campo do que uma casa, mas insistiam em chamá-la casa, por isso não discuti. As paredes tinham um tom rosado e as molduras da porta e janelas eram brancas. A porta era uma porta de estábulo de duas peças; a parte de cima abre enquanto a de baixo permanece fechada. Hera cobria um lado da casa e

parte do telhado. Mesmo acima da porta, uma placa com o nome dizia «Harmonia», o que era certamente apropriado.

A avó e eu passeámos pelo jardim enquanto o avô entrava. «Entra, Jim», acenou ele. «Sente-te em casa. Queres uma chávena de chá?»

«Chá, disseste? Não bebo uma chávena desde que cheguei a esta vida — muita água, mas nenhuma comida exceto fruta fresca. Não sinto realmente falta de carne. Os primeiros meses foram difíceis, mas agora nem penso nisso. Mas uma chávena de chá, não acho que me faça mal. Sim, por favor, adoraria uma chávena.»

A avó riu-se para si mesma e depois falou: «Esta é a única luxúria que nos permitimos. Felizmente, não envolve tirar vida. É o único aspeto da nossa vida que não mudou, e não desejamos mudá-lo. No entanto, descobrirás que o chá não sabe exatamente como na Terra.»

«Bem, aqui tens», disse o avô ao entrar com uma bandeja de chás e caminhar para uma pequena mesa retangular junto à janela. «Aqui tens, Ray», disse ele e entregou uma chávena de chá à avó. «Como gostas do teu chá, Jim?» perguntou. «Como vem», respondi. «Posso fazer-te uma pergunta, avó?» «Certamente», respondeu ela, «o que é?» «Posso chamar-te Ray em vez de avó?» «Claro», disse ela, «caso contrário, sinto-me velha.»

«E podes chamar-me Charlie», interveio o avô enquanto me entregava o chá. «Espero que gostes do chá.» Sentou-se ao lado da Ray. Ambos olharam para mim e esperaram pela minha reação ao primeiro gole. Tomei um gole e disse: «Tens razão. Não é o chá que me lembro.» Consegui terminá-lo, mas recusei uma segunda chávena. «Disse que era um gosto adquirido», disse a Ray e riu-se. «Não podemos ter tudo ao nosso gosto, pois não? Habitámo-nos a ele, não foi, Charlie?»

«Sim», veio a resposta dele. Os dois davam-se muito bem considerando quanto tempo estavam juntos. Perguntei à Ray o que aconteceria a seguir à mãe e onde ela viveria. «Descansará um par de dias ou assim em tempo terreno. Depois disso, esperamos trazê-la aqui, onde podemos cuidar dela até poder mudar-se para a sua própria casa. Ajudá-la-emos a ajustar-se à sua nova vida, como nós, tu e muitos outros tivemos de fazer. Pode ser um choque para aqueles que não acreditam que há vida após a morte.»

«Agora, Jim, conta-nos o que tens feito. Tivemos muitos relatórios do teu guia a dizer o quão satisfeito estava contigo. Tens uma capacidade de aprender muito rapidamente. Ele espera que estejas pronto em breve para trabalhar com ele.»

«Assim que souber que a mãe está bem, falarei com o Chan. Decidi seguir o conselho dele sobre o trabalho que pensava ser adequado para mim.» Continuei a explicar sobre o encontro que tive com os astrais inferiores no terceiro plano. A Ray disse que achava que eu seria um excelente salvador, e que devia sentir-me muito privilegiado por ter sido convidado a ajudar.

O tempo parecia escorrer. «Oh, bem, é melhor mexer-me», disse eu e levantei-me da cadeira. O Charlie aproximou-se e apertou-me a mão. «Agora sabes onde vivemos», disse ele, «visita-nos quando quiseres.» A Ray ecoou as palavras do Charlie enquanto me dava um abraço. Ambos ficaram ao fundo do jardim a acenar-me. Em breve estava fora de vista da casa deles e dirigi-me para onde pensava que ficava a minha casa. Decidi caminhar parte do caminho para poder ver esta parte do quinto plano. Sabia que não me podia perder porque tudo o que tinha de fazer era pensar no lugar onde queria estar. Cobri treze ou catorze quilómetros a absorver as vistas, e viajei o resto do caminho pelo pensamento. Uma vez em casa, passei algum tempo em meditação e senti-me muito revigorado. Mesmo sabendo que seriam apenas dois dias até a mãe poder sair do hospital, decidi visitá-la. Não queria ir de mãos vazias, por isso colhi um ramo de flores do meu jardim.

À chegada à receção do hospital, fiquei surpreendido com o quão ocupados estavam. Uma ou duas enfermeiras voavam de um lado para o outro, mas o lugar estava cheio de familiares e amigos daqueles que acabaram de passar para o outro lado. Perguntei pela minha mãe e disseram-me que seria bom vê-la durante alguns minutos. A mãe estava sentada na cama. Assim que me viu, a cara dela iluminou-se como um recinto de feiras numa noite movimentada. Parecia muito melhor e as rugas à volta dos olhos tinham desaparecido, o que tirou o olhar de desespero. Perguntei como se sentia. «Não demasiado mal. Vem sentar-te ao meu lado, tenho tanto para te contar.»

Acomodei-me na beira da cama dela, e a mãe contou-me o que o Dr. Forbes lhe dissera. «É um homem simpático e disse que posso sair em breve. Mas para onde vou, e o que farei sem o teu pai?»

«Bem, mãe, não há necessidade de preocupar. Tudo foi arranjado. Ficarás com a avó e o avô — ou melhor, Ray e Charlie. Disseram-me para os chamar pelos primeiros nomes. Parece estranho que os meus avós não sejam muito mais velhos do que eu, mas aprendi que tudo pode acontecer aqui.»

Falei longamente sobre a minha vida e o que aprendera. O tempo passou rapidamente. Reparei que a mãe estava cansada; era hora de partir. Despedi-me e prometi voltar assim que ela descansasse. Não podia haver surpresas súbitas — como desmaterializar-me à frente dela — caso contrário, poderia entrar em choque. A mãe seria ensinada este método de viagem mais tarde.

Ao sair do hospital, deparei-me com o Dr. Forbes. «Desculpe. Pode dizer-me como está a minha mãe e quando estará pronta para sair?» «Qual é o nome dela?» perguntou ele. «Martha Legget», respondi. «Veio aqui há dois dias.» Senti-me parvo por esperar que ele se lembrasse dela. Provavelmente via dezenas de almas por dia. «Deixe-me ver», disse ele. «Hmm, lembro-me de alguém com esse nome. Se esperar na receção, examinarei a sua mãe e informar-lhe-ei os resultados.»

Fui para a área de receção e acomodei-me. Após um bocado, uma enfermeira chamou o meu nome. «Sr. Legget? Ah, aí está. Tenho estado à sua procura. Lamento tê-lo feito esperar. O médico não pode falar consigo pessoalmente, mas pediu-me para dizer que o progresso da sua mãe é muito satisfatório. Estará pronta para sair amanhã.»

Agradeci à enfermeira pela ajuda e saí alegremente do hospital sabendo que tudo estava bem. Decidi contar a boa notícia à Ray e ao Charlie; em breve materializei-me à frente da casa deles.

«Olá, Jim!» Virei-me e vi o Charlie sentado no banco perto do poço. Tinha um livro numa mão e na outra segurava uma planta, que crescia em abundância aqui. Parecia comparar a flor com a imagem no livro e fez algum comentário sobre não ser exatamente a mesma. «Lamento perturbar-te», disse eu, «mas queria dizer-te que a mãe sai do hospital amanhã.»

Não consegui continuar. O Charlie saltou do banco e disse: «Temos de contar à Ray a boa notícia imediatamente. Ela quererá preparar as coisas.» O Charlie chamou a Ray enquanto entrávamos na casa. Uma voz do andar de cima respondeu: «Estou aqui em cima, querido.» O Charlie foi ter com ela enquanto eu esperava ao fundo das escadas. Em breve ouvi a voz da Ray dizendo: «Temos de certificar-nos de que tudo está em ordem.»

«Sim, querida», respondeu o Charlie. «Não te preocupes. Fiz tudo o que pediste.» Achei melhor deixá-los, pois tinham muito para organizar. Não queria estar no caminho. «Voltarei mais tarde», disse ao Charlie, «e talvez possamos ir buscar a mãe juntos.» Ele achou que era uma excelente ideia.

Entrei no jardim e acenei em despedida. Reapareci no meu próprio jardim. Ao entrar na casa, fui saudado por uma voz familiar: «Ah, aí estás. Tenho estado à tua espera. Espero que não te importes de eu entrar na tua casa assim.»

«De modo algum, Chan. És muito bem-vindo a qualquer hora. Não te vejo há muito tempo, e muitas coisas me aconteceram. Conheci os meus avós, e a minha mãe veio para cá. A propósito, acabei de vir do hospital.»

«Sim, eu sei», respondeu o Chan. «Embora não tenha estado contigo em corpo, liguei-me a ti pela mente. Sei exatamente o que tens feito e deixei-te sozinho para te ajustares ao teu novo ambiente. Também precisavas de estar aqui para a chegada da tua mãe.»

«Sabias que a minha mãe vinha para aqui?» perguntei. «Claro», respondeu o Chan. «Temos tudo planeado. Nada é deixado ao acaso. Agora, à razão pela qual vim. É hora de considerares a tua nova ocupação. Com a tua permissão, enviarei algumas pessoas para discutir o trabalho. Achá-las-ás muito agradáveis. Morreram em circunstâncias semelhantes às tuas e escolheram trabalhar connosco. Progrediram muito rapidamente aqui, e os seus caráteres são muito adequados para este trabalho. Tomei demasiado do teu tempo e tenho de ir.»

Fiquei sozinho para refletir sobre as suas palavras. Seria bom conhecer outros. Ainda estava um pouco cauteloso quanto ao trabalho que o Chan tinha em mente, mas sabia no fundo do coração que era o caminho correto para mim. Senti que devia ir ao meu santuário de meditação onde poderia

extrair das forças superiores. Ainda era tudo muito novo para mim, mas estava a aprender rapidamente. Senti-me muito melhor depois.

O tempo voara; era hora de ir buscar a mãe ao hospital. Mas tinha de encontrar a Ray e o Charlie, por isso o meu primeiro destino foi a casa deles. Levou apenas segundos a materializar-me à porta. O Charlie chamou-me para entrar.

O hall tinha uma atmosfera refrescante. Flores frescas tinham sido colocadas lá, cada uma escolhida pelo seu aroma. «Gostas do trabalho da Ray?» perguntou o Charlie. «Oh, sim», disse eu, «ela tem trabalhado arduamente.»

A Ray saudou-me da porta da sala de estar. «Este é o grande dia», disse eu. «Sim», respondeu a Ray, «estamos muito excitados. Tenho o quarto da tua mãe pronto. Há coisas que ela reconhecerá para se sentir em casa imediatamente.» A Ray virou a atenção para o Charlie. «Espero que não vás com a roupa de jardinagem», disse ela. A voz dela não deixava dúvidas quanto a quem usava as calças nesta casa.

Sem uma palavra, o Charlie desapareceu escadas acima. Enquanto esperávamos por ele, a Ray e eu falámos sobre o medo de morrer. «Se as pessoas soubessem deste mundo», disse eu, «não temeriam mais a morte. Compreenderiam que apenas leva a outro estágio das suas vidas.» «Tens razão», comentou a Ray. «Mas há aqueles que acreditam nesta vida, e para eles a morte já não é o «rei dos terrores». Sabem que os seus amigos os esperam — para dar as boas-vindas, consolar e instruir nos caminhos e no trabalho desta vida maior. Percebem que também será uma vida de progressão.»

«Exato», disse o Charlie ao descer as escadas a ajustar a gravata. «Nunca soubeste que a tua avó era uma filósofa.» «Não, não sabia», disse eu. «Bem, é», gabou-se o Charlie, «e uma boa, ainda por cima.» «Agora, Charlie, chega», disse a Ray. «O Jim não quer ouvir sobre os meus passatempos. De qualquer forma, é hora de irmos.»

Chegámos rapidamente aos terrenos do hospital, que tinham os canteiros de flores mais luxuriantes que alguma vez vira. Tudo agradava à vista; havia também um aroma leve que elevava o espírito. Caminhámos pelo caminho e entrámos no hospital. Em breve chegámos ao quarto da mãe. Bati à porta, e ela imediatamente pediu-nos para entrar.

A mãe estava sentada junto à cama, vestida e pronta para partir. Fiquei sem palavras ao ver o seu rosto sorridente. Segurei a sua mãozinha na minha e beijei-a na face. A Ray deu-lhe um pequeno abraço. «Fico contente por vos ver», disse a mãe. «Tenho estado ansiosa por este momento e pronta há eras. A enfermeira disse-me para ser paciente e assegurou-me que viriam em breve.»

«Bem, estamos prontos para ir agora», disse eu, «mas há uma surpresa na forma como viajamos aqui.» «O que queres dizer?» perguntou a mãe. «Apanhamos um elétrico?» «Não. Não há elétricos aqui. Tudo será explicado mais tarde. Mas por agora, segura apenas a minha mão. Oh, quase me esquecia de agradecer à enfermeira e ao médico. Volto num instante.» Deixei a Ray responsável. Dirigi-me à secretária da receção e, por sorte, vi a enfermeira que queria. Esperei até ela terminar de falar com a rececionista. Depois agradeci-lhe por cuidar da mãe e por tornar a sua estadia feliz. Perguntei pelo médico e disseram-me que ele estava muito ocupado, mas que os meus agradecimentos lhe seriam transmitidos. Senti-me eufórico ao reentrar no quarto da mãe.

«Certo, então, estamos prontos?» Deslizei a mão na da mãe. «Agora, segura firme», disse eu. Em momentos, estávamos em frente à casa dos meus avós. A mãe ficou um pouco desconcertada com este método de viagem, para dizer o mínimo. Quando recuperou os sentidos, ficou espantada ao ver o belo lugar onde os pais viviam.

«Oh, Jim, nunca pensei que seria assim. O jardim — que bonito é. O teu pai ficará no seu elemento quando vier para aqui.» Após a morte terrena, ainda punha o pai em primeiro lugar. Que mulher! A beleza à sua volta tirou qualquer medo que lhe restava da primeira experiência de viagem pelo pensamento. Na verdade, este tipo de viagem pode ser um pouco alarmante para qualquer um no início. «Jim, há igrejas aqui?» perguntou a mãe. «Sim, mãe. Se quiseres, podes ir a qualquer uma delas. Muitas pessoas que vêm para este lado da vida ainda retêm a sua fé e desejam estar afiliadas à organização que apoiavam na Terra. Retiram força e, claro, companheirismo de pertencer a tais organizações. Há muitas formas e caminhos que levam à «verdade».»

«Não entendo tudo isso», disse a mãe. «Mas gostaria de ir à igreja o mais cedo possível para agradecer a Deus por me reunir com a minha família.» «Sim, mãe. Assim que te instalares, levo-te a uma igreja. Acho

que a Ray e o Charlie estão a ficar um pouco impacientes. Têm tudo pronto para ti.» Entrámos na casa, e a minha mãe foi mostrada ao seu quarto. O Charlie e eu falámos durante algum tempo enquanto a Ray ficava no andar de cima para a ajudar.

«Acho que vêm aí», disse eu ao ouvir a porta abrir. A mãe entrou na sala vestindo um dos vestidos da Ray. O Charlie e eu levantámo-nos simultaneamente e dissemos o quão bonita ela estava. A Ray avançou e disse que ia levar a mãe a comprar roupa nova. Perguntou se queríamos ir. Recusei o convite com o fundamento de que não sabia absolutamente nada sobre vestidos de mulheres. «E tu, Charlie?» perguntou a Ray. «Não, obrigado, amor. Dispenso se não te importas», respondeu ele.

Falei brevemente com a mãe dizendo que voltaria mais tarde para a levar à igreja. Despedi-me e regressei a casa. Pensei o quão melhor a mãe parecia e sabia que não precisava de me preocupar com ela com a Ray e o Charlie para lhe fazer companhia.

Acomodei-me numa das minhas poltronas e peguei num livro. Houve uma batida na porta antes de olhar para a primeira página. Ao abrir a porta, vi dois cavalheiros. «Bom dia», disse o mais baixo. «Fomos enviados para falar contigo sobre trabalharmos juntos.» «Oh, sim, o Chan falou-me de vós. Por favor, entrem e sintam-se em casa.» Ofereci-lhes alguns refrescos leves antes de nos sentarmos. «A propósito, chamo-me Jim.»

«Sim, sabemos», falou novamente o mais baixo. «Este é o Harry Willmott, e eu sou o Jack Purvis. Somos ambos soldados. Tal como tu, morremos pelo Rei e pela pátria. Seria melhor apresentarmo-nos corretamente. Tu primeiro, Harry.»

O Harry saltou imediatamente em pé. «Número 8/12942 Sargento H.G. Willmott, Companhia A, 9.º Batalhão, 60.ª Divisão, 42.ª Brigada. O nosso número é algo que nunca esquecemos, Jim», disse ele. «Tens de perdoar o Harry», disse o Jack, «ele ainda pensa que está no exército. Senta-te e continua, Harry. Não temos o dia todo.» Percebi que eram bons amigos, pois o Harry murmurou algo baixinho e sentou-se.

«Agora, onde ia?» perguntou o Harry ao compor-se. «Ah, sim. Foi a 15 de setembro de 1916. Lembro-me como se fosse ontem. Foi um ataque de

Delville Wood a Flers. (foto) O tenente-coronel Morris liderou o 9.º Batalhão. Fomos ordenados a avançar de Fricourt cedo à noite para as trincheiras entre Trones e Berefay Woods. Isto foi realizado sem problemas. Na verdade, a única mancha nas nossas preparações cuidadosas foi o tiro errático de uma bateria de obuses de 4.2 que, por algum erro de alcance, disparou repetidamente granadas de gás na James St. à esquerda. O 60.º Batalhão estava em linha à direita dos Guards. Não tinham chegado às 07:20. Durante a paragem que se seguiu, o 9.º avançou de trás e apanhou o 7.º. Entraram juntos na trincheira de intervalo. Os Coldstream Guards foram incapazes de segurar o flanco direito e manter o ritmo com os objetivos. Isto significou que a Rifle Brigade sofreu fogo pesado de metralhadora da direita e de trás.

«As ondas líderes avançaram tão de perto atrás da barragem que já esperavam em buracos de granada para se lançarem nos objetivos quando a barragem levantou e as metralhadoras abriram fogo. As companhias que seguiam atrás e o 9.º Batalhão foram severamente punidas. Fui um dos que encontrou o fim nesse dia, mas não por uma bala. Escorreguei e caí de cabeça num buraco de granada. Muitos foram mortos em buracos de granada. Gás acumulava-se no fundo dos buracos, e sufocavas se não tivesses uma máscara de gás. Mas, como vês, estou bem agora.»

«Isso é quase um livro inteiro, não uma descrição rápida da tua morte», exclamou o Jack. O Harry riu-se alto. Parecia deleitar-se em provocar o Jack. Terminou dizendo: «Conta-lhe a tua história agora, Jack.»

«Vou pôr-te em relatório um destes dias», gritou o Jack. O Harry sorriu como o gato de Cheshire. «Tens razão, Harry», disse o Jack. Ambos explodiram em gargalhadas. Não tinha a certeza do que riam, mas em breve ficou claro.

«Bem», disse o Jack, «cheguei aqui um pouco antes do Harry. Foi a 25 de setembro de 1915. Estávamos a atacar o esporão de Bellwarde. Eu ia à frente dos meus homens. Oh, sim, esqueci-me de mencionar que o meu posto era capitão. Podes adivinhar o resto. Apanhei um pacote e foi isso.»

«Continua, conta-lhe o resto», disse o Harry. «Sim, por favor continua», disse eu.

«Bem, se realmente queres ouvir o resto. A parte final da minha história gira à volta do meu pai. O meu pai tinha mais de sessenta anos quando

morri. Há muito que se reformara de uma vida ativa na sua plantação nos Mares do Sul, e ainda mais da Marinha Real. Não suportou a minha perda, por isso prosseguiu o trabalho que eu fazia.

«Por algum expediente que só Deus sabe, este belo cavalheiro idoso superou os regulamentos estritos do Ministério da Guerra e tornou-se segundo-tenente na Rifle Brigade. De alguma forma, conseguiu ser aprovado para serviço ativo e foi colocado no meu antigo batalhão. Tendo ido tão longe, era mais ou menos natural que também lhe dessem o meu pelotão. As dispensações do destino ainda não acabaram. No aniversário da minha promoção ao comando da Companhia «B», o comandante que assumiu ficou acidentalmente ferido, por isso o meu pai recebeu o comando da companhia que eu liderara quase um ano antes. O destino é uma coisa estranha, não é?»

«Certamente é», respondi. «O que temos aqui é um capitão, um sargento e um soldado raso. Lembra-me o livro *Os Três Mosqueteiros*.»

O Harry levantou-se e estendeu a mão, pedindo ao Jack e a mim para segurarmos. Assim que o fizemos, a voz dele ecoou das botas: «Todos por um, e um por todos.» Bem, isso fez o resto. Explodimos em risos. Percebi rapidamente que o Harry era o palhaço. A sua força e coragem ver-nos-iam através dos anos vindouros.

Nesse momento, uma névoa apareceu, e o Chan saiu dela.

«Vejo que se estão a conhecer», disse ele. «Isso é bom. Foram reunidos pelas vossas forças e não pelas fraquezas. Cada um de vós mostrou que tem a disposição certa para o trabalho à frente. Acreditem, senhores, o trabalho à frente será duro, por isso aproveitem agora ao máximo.»

O Chan recuou para a névoa e desapareceu, deixando-nos a discutir o trabalho vindouro. Só podíamos adivinhar o que seria, mas não estava preparado para os eventos que em breve entrariam na minha vida. No momento, estava suficientemente feliz por me darem um emprego. O tempo passou rapidamente até o Jack dizer que tinha de partir. «Tens razão», disse o Harry. «Suponho que é melhor irmos e deixarmos este jovem dormir a beleza dele.»

Fiquei a refletir sobre o nosso encontro. Decidi passar algum tempo na minha sala de meditação. Começara a ansiar por este período da minha vida diária. Ao meditar, perdia toda a noção de tempo e nunca sabia quanto tempo lá estivera, mas sempre me sentia bem depois.

Decidi visitar a minha mãe e dirigi-me à casa dos meus avós. Os três estavam estendidos em cadeiras de convés a absorver a tranquilidade especial da atmosfera do nosso plano. Era uma imagem vê-los juntos assim. Estava prestes a partir, pensando que era melhor não os perturbar, quando a mãe se mexeu e chamou-me sonolentamente.

Voltei e falei num sussurro leve: «Desculpa perturbar-te, mas pensei que gostarias de ir a uma das igrejas de que falámos.» «Que dia é, Jim, é domingo?» «Não, mãe. Mas podes ir à igreja aqui a qualquer hora que quiseres, não só ao domingo.» «Bem, nesse caso, gostaria», respondeu ela. A Ray e o Charlie ainda dormiam, mas queria perguntar se gostariam de se juntar a nós. Não precisei de os perturbar porque o Charlie se levantou da cadeira e veio ter comigo. «Está tudo bem, Jim», disse ele, «não perturbaremos a Ray. Leva a tua mãe e tenham um bom dia.»

Perguntei de que forma a mãe queria viajar. Ela insistiu que, como Deus lhe dera dois pés, ia usá-los. Isto significava que tínhamos uma caminhada de oito quilómetros até à igreja mais próxima. Bem, começámos a viagem, que obviamente levou algum tempo; não que houvesse pressa. A mãe também parava a cada poucos metros para admirar a vista e falar com os transeuntes. Eventualmente chegámos à igreja, e era magnífica. Muito pensamento fora dedicado à sua construção. Entrámos por duas grandes portas ornamentadas. Um cavalheiro aproximou-se de nós e disse: «O serviço já começou. Se quiserem entrar, por favor sentem-se no fundo.»

Agradeci-lhe, e encontrámos dois lugares bastante perto do fundo. Acomodámo-nos e focámo-nos no sermão: «Ele estava sempre a aprender, a amar, a vigiar. Sempre fora de Si — dobrando-Se, por assim dizer, para penetrar realidades muito inferiores a Ele. Nunca terminava. O que aprendia hoje tinha de ser reaprendido. Isto era realizado com a atitude de que o que aprendia não eram fantasias e teorias da sua própria mente, mas as qualidades e hábitos da realidade. A sua vida expandia-se assim para outras vidas.

«O que descobria não era claro, mas vívido; não simples, mas rico; não prontamente ou irresistivelmente transferível para outras mentes, mas adquirido apenas através de purificação lenta e observação humilde, amorosa e dócil como a Dele. O nosso Senhor descobria tais realidades lentamente, laboriosamente, intermitentemente, parcialmente. Chegamos a conhecê-las, não inevitavelmente nem completamente à parte das nossas disposições — mas apenas se formos suficientemente humildes para as acolher e suficientemente generosos para pagar o preço repetidamente. Chegamos a conhecer realidades na proporção da nossa dignidade — proporcional a tornarmo-nos menos ocupados, menos centrados em nós, mais extrovertidos, mais perdidos na multidão, mais ricos em dar tudo.

«Percebemos que conhecemos estas realidades pelo nosso conhecimento se provar frutífero. Tudo isto é realizado através de vida prática e concreta, não através de algo abstrato ou que possa ser previsto. No entanto, é sempre conseguido de forma bastante inexaurível. Não devemos esperar passivamente que algo nos aconteça pela graça de Deus, mas devemos procurar a graça de Deus vivendo, pensando, aventurando e rezando de forma definitiva e prática. Assim, a luz que reside em cada homem ao entrar neste mundo gradualmente flameja numa chama que guia a sua vida. Não é uma aura vaga de bondade amorosa, mas o foco de todas as suas energias, capacidades, pensamentos, imaginação e desejos.

«Como cuidaremos da chama? Primeiro temos de cultivar uma sensibilidade ao valor que nos permite avaliar pelos padrões absolutos de Cristo os subtom de da nossa vida diária. Devemos discernir infalivelmente o que conta mais aos olhos de Deus e o que conta mais aos nossos. Esta sensibilidade ao valor requer uma consciência delicada dos nossos motivos e atitudes para que possamos reconhecer os nossos hábitos de pensamento exatamente pelo que são. Porque, por exemplo, mantemos as visões que mantemos — pela verdade ou pelo conforto? A Luz dir-nos-á. Ajudar-nos-á a discernir a diferença entre orgulho espiritual e boa vontade, entre arrogância e humildade, entre uma decisão justa e uma interessada, entre pecados a que estamos inclinados e pecados a que não temos mente.

«Um dos primeiros sinais da luz nas nossas mentes é a capacidade de distinguir entre a moeda de uma vida mesquinha e a cunhagem de vida generosa. Daqui, damos o primeiro passo para regressar a Ele. Este passo é o primeiro amor e o primogénito de cada criatura que é ele mesmo a Luz do

mundo. Regressai a casa para dentro; varrei as vossas casas. Vereis como é o reino de Deus. Aqui descobrireis que o vosso professor não está removido para um canto, mas está sempre presente. Quando estais na vossa cama ou no vosso trabalho, Ele está lá — convencendo, instruindo, liderando, corrigindo, julgando e dando paz a todos os que O amam e seguem. Não só devemos regressar a casa para dentro, mas também estender-nos para o novo mundo à nossa volta. Aqui termina a lição e que Deus abençoe as palavras que foram ditas. Bem, meus irmãos e irmãs, levantemo-nos agora para o hino seguinte, *Mais Perto, Meu Deus, de Ti*.»

A minha mãe e eu juntámo-nos ao hino. O ministro terminou com uma oração e agradeceu à congregação por assistir. Saímos elevados e com um conhecimento muito mais rico.

«Obrigada, Jim, por me levares», disse a mãe. «Gostei do serviço e também rezei pelo teu pai.» «Não há problema, mãe. A propósito, eu também rezei pelo pai.» Ao regressarmos a casa, a mãe estava cheia de sorrisos. Fiquei satisfeito por a ver tão feliz; não dirias, ao olhá-la, que ela estava aqui há tão pouco tempo. Parecia extremamente bem. Entrámos no jardim dos meus avós e fomos imediatamente recebidos pelo Charlie. «Ah, aí estás, Jim», disse ele. «Tenho uma mensagem do teu professor. Acho que disse que o nome dele era Chan. De qualquer forma, deves ir diretamente para casa.»

Sabia que devia ser urgente para o Chan vir à minha procura. Despedi-me rapidamente e deixei a mãe nas mãos capazes da Ray. Em breve entrei pela porta da minha casa. O Chan estava junto à janela; o Harry e o Jack também esperavam pela minha chegada. Perguntei o que se passava.

«É hora de começar o vosso trabalho. Houve muitas intrusões bem planeadas do segundo plano no terceiro. Pretendemos purgar alguns destes astrais inferiores do plano terreno, e precisamos de tantos grupos quanto possível para estancar a maré. Está a ganhar velocidade e, se não a pararmos agora, haverá guerra total no plano astral inferior, que transbordará para o plano terreno. A propósito, já está a acontecer. Há agitação geral na Terra, especialmente na Alemanha. O mal está a entrelaçar-se nos corações de muitos que estão no poder. Podem estar a perguntar-se porque não fizemos nada antes. Tivemos grupos a trabalhar,

mas tenham em mente que o mal é muito astuto e tem-nos desviado do seu verdadeiro objetivo. Agora mostrou-se ao ganhar um estrangulamento, e temos de o arrancar do verdadeiro objetivo. Agora, senhores, há alguma pergunta?»

O Harry e o Jack olharam para mim e abanaram a cabeça. «E eu não tenho nenhuma», respondi. «Esta será uma longa batalha, senhores, e desejo-vos o melhor», continuou o Chan. As suas palavras encheram os nossos corações de força. Não sei porque as suas palavras tinham este efeito, mas tinham. «Agora, se estão prontos, começaremos.» O Chan acenou-nos para nos aproximarmos dele. Ergueu a mão e fez um gesto no ar. Uma luz apareceu da palma da mão. Isto foi seguido por uma sensação de movimento, que durou apenas alguns momentos. Quando parou, estávamos numa névoa, que me lembrou a minha primeira viagem aqui. O chão era muito irregular; manchas de relva castanha brotavam da terra ressequida. Graças a Deus podia deixar tudo isto para trás. Não havia comparação entre este lugar e onde vivia.

Há muitas almas perdidas que vagueiam por este plano sem saberem que algo existe para além. Vagueiam em bandos, os mais fracos liderados por malignos. Os malignos são astutos porque mantêm os mais fracos afastados das nossas equipas de resgate, retendo-os pelas suas naturezas inferiores. Lentamente, habituam-se à névoa e pensam que é natural. Muitos ficarão nestas condições. Alguns afundar-se-ão mais; outros serão ajudados a sair. O desejo de subir deste inferno tem de vir deles próprios. Fui arrancado dos meus pensamentos pela ordem do Chan: «Por aqui, senhores.»

«Para onde vamos?» perguntou o Jack. «Vamos encontrar outros grupos para traçar um plano de ação», disse o Chan. «Precisaremos de um plano se quisermos vencer esta batalha. Agora, por favor, sigam-me.» O Chan levou-nos a uma clareira onde outros grupos se reuniam. Deviam ser cerca de duzentas pessoas. Enquanto esperávamos, a minha mente voltou ao meu primeiro encontro com os astrais inferiores. Fora uma luta e tanto, mas desta vez parecia ser em escala ainda maior. Como os meus pensamentos estavam corretos. O Chan estava à minha direita, com o Harry e o Jack à minha esquerda. Virei-me e perguntei ao Harry como se sentia. «Nervoso», respondeu ele. «Eu também», interveio o Jack. Antes de poder

concordar com os meus amigos, o Chan deu-me uma palmada no ombro, dizendo: «Estão prontos para começar.»

Todos os olhos se focaram numa luz tremeluzente que apareceu no topo de um grande penedo próximo. Em breve ficou aparente que alguém se materializava dela. Quando a figura estava totalmente formada, reconheci o velho monge de vários anos atrás. A sua aparência trouxe de volta a memória das suas palavras de despedida daquele primeiro encontro: «Um dia trabalharemos juntos novamente.» Fora há muito tempo, mas as suas palavras tornaram-se realidade. Escutei atentamente o que ele dizia agora. Primeiro vieram palavras de encorajamento, depois uma explicação do trabalho à frente.

«Serão colocados em grupos de cerca de vinte», disse ele. À frente de cada grupo estará uma alma bem versada neste trabalho. Dirigir-se-ão a eles para qualquer decisão menor. O líder de cada grupo estará em contacto constante com o posto de comando onde toda a informação será organizada. A mais urgente virá para mim para que eu possa agir em conformidade. Cada um de vós receberá uma braçadeira colorida para usar em todos os momentos. A cor designará o vosso grupo. Uma vez estabelecido contacto com o vosso grupo, mantenham contacto constante uns com os outros. Não, sob nenhum pretexto, se afastem sozinhos. Fiquem sempre em pares. Se um sucumbir, o outro poderá pedir ajuda.

«O vosso trabalho, meus amigos, é muito importante. Não podemos falhar. Os vossos grupos serão delegados a países específicos. Os líderes de cada grupo serão informados do nome do país e da sua localização.

«Se olharem para a direita de onde estou, verão sete mastros de bandeiras. Quando receberem a vossa braçadeira, dirijam-se ao mastro com a vossa cor. Uma vez lá, serão colocados em grupos mais pequenos.

«Lembrem-se de que têm a presença do Senhor convosco. Não disse Ele: «Eis que estou convosco todos os dias»? Mantenham isto em mente enquanto prosseguem o vosso trabalho. Que Deus vos abençoe e vos dê força para o trabalho à frente.»

O Irmão David fez então o sinal da cruz e falou algumas palavras em latim. Ergueu as mãos alto acima da cabeça, e uma luz apareceu delas. A luz intensificou-se e espalhou-se por todos nós. Senti o imenso poder do Irmão David enquanto a luz nos infundia com o amor do espírito de Cristo.

Em minutos, a luz desaparecera, juntamente com o Irmão David, mas ainda sentia o seu amor a queimar na minha própria alma. Lá ficou e manteve-me em frente durante muitos longos anos.

Virei-me para o Chan a tempo de o ver tirar três braçadeiras amarelas do bolso. Entregou-as para as usarmos. Depois dirigimo-nos ao mastro de bandeira apropriado. Um organizador estava em cada mastro para nos colocar nos nossos respetivos grupos. O organizador chamou os guias para avançarem. O Chan avançou com os outros. Estiveram em conversa durante algum tempo. O Chan voltou para nós, e perguntei o que se passava.

«Tem paciência, Jim», respondeu ele. «Disseram-me que a Alemanha se dirige para a guerra, e que o mal se entrelaçou profundamente em todo o lado. É tão forte que temos muito pouca esperança de evitar uma guerra. Outros grupos tentaram aproximar-se dos que estão no poder, mas os elementos inferiores têm uma vasta legião a guardá-los. O nosso trabalho não é enfrentá-los, mas ajudar onde pudermos. Será um trabalho longo, e temos de ser firmes.» O Chan parou por um momento e depois disse: «Acho que estão prontos para nos dirigir a palavra.»

«Podem dar-me atenção, senhores. Obrigado. Falei com aqueles que vos liderarão na luta. Designarão a localização do vosso trabalho. Em todos os momentos, devem obedecer às suas ordens. Lembrem-se de que a ajuda estará sempre à mão, mas usem o bom senso. Se se depararem com uma situação que não possam lidar sozinhos, chamem por ajuda. Bem, boa sorte.»

O Chan era o líder da secção do nosso grupo, e como líder dirigiu-se ao grupo antes de começarmos. «Serão colocados em unidades mais pequenas. À frente de cada unidade estará uma alma bem versada neste trabalho. Os vossos nomes serão lidos pelo chefe de cada unidade. Por favor, dirijam-se a eles quando o vosso nome for chamado.»

Em breve fomos colocados nas nossas unidades. O Chan não era apenas o chefe da nossa unidade, mas também comandava todo o grupo. O seu trabalho seria duplo.

Pensei que uma guerra deveria ter sido suficiente para a Alemanha, mas parecia que estavam a começar tudo de novo. Bem, era hora de o nosso trabalho começar. Disseram-nos para formar um círculo e dar as mãos. Era

um círculo grande pois éramos quarenta no nosso grupo. A intensidade da força de vontade era imensa. Senti-me a mover muito rapidamente. Depois o movimento parou quase tão rapidamente como começara. Quando todos recuperaram, fomos chamados pelos nossos líderes de unidade. Havia dez grupos no total, e cada grupo partiu em breve. Apenas quatro de nós ficámos. «Onde estamos?» perguntei. «Estamos no nível astral da Alemanha», respondeu o Chan. «Cada um dos líderes de unidade recebeu a sua área designada. Vamos para um lugar onde almas clamam pela ajuda de Deus.»

O Harry e o Jack estavam notavelmente quietos considerando o que se passava. Olhei para eles. Pareciam bem, mas acho que estavam um pouco apreensivos com o trabalho à frente. Eu sabia que estava.

«Certo, meus amigos, é hora de começar», disse o Chan. «Antes de irmos, quero explicar para onde vamos. Podem sentir algumas condições invulgares, que talvez não tenham encontrado antes. Podem ter de usar o vosso poder de concentração para se protegerem delas, mas rapidamente se habituarão. Até se familiarizarem com estes novos arredores, quero que deem as mãos comigo.»

O Chan estendeu as mãos. Os três segurámos, e imediatamente seguimos caminho. Reaparecemos num lugar que se assemelhava às ruas traseiras da minha antiga casa terrena. Rapidamente senti as condições de que o Chan falara. É difícil dizer exatamente como me senti. Uma sensação avassaladora de medo invadiu-me, fazendo-me sentir bastante doente. «Chan», disse eu, «sinto as condições de que falaste.» «Eu também», disse o Jack. «Eu também», ecoou o Harry. «É de esperar», disse o Chan. «Façam como vos ensinaram e limpem a vossa aura. Esperem, vou ajudar.» Senti a imensa força de vontade do Chan enquanto se concentrava em nós. Em momentos, as condições não tinham efeito sobre nós.

«Assim está melhor», disse o Harry. «Estou pronto para começar agora.» «Sim», disse o Jack, «eu também.» Se soubéssemos no que nos estávamos a meter, não teríamos sido tão ansiosos.

«Por aqui», disse o Chan. Seguimo-lo por ruas empedradas até pararmos à porta de uma casa de três andares de estilo vitoriano. A casa tinha uma sensação de pressentimento. O Chan acenou-nos para o seguirmos para dentro, por isso entrámos. O Chan subiu imediatamente as

escadas. Seguimo-lo para uma sala no topo da casa. A porta da sala estava escondida à vista por uma estante de livros, mas como não fazíamos parte das leis físicas da Terra, podíamos passar diretamente por ela. A sala estava mobilada de forma esparsa. Havia várias camas improvisadas, uma ou duas com pessoas a dormir nelas, e um grupo de cinco pessoas sentadas à volta de uma pequena mesa. Perguntei ao Chan quem eram.

«Estas almas», disse ele, «ousaram falar contra o regime. Agora estão a pagar o preço. Estão a ser caçadas e, com certeza, serão apanhadas e mortas. É por isso que estamos aqui.»

«Que cruel», disse o Harry. «Faz-me sentir doente», respondeu o Jack. «Como sabes que serão apanhadas?» perguntei. «Está na ordem das coisas», respondeu o Chan. «Teremos de esperar aqui até o momento ser certo.»

Olhei mais de perto à volta da sala. Num dos cantos, duas crianças brincavam no chão. Eram muito magras e pálidas, mas pareciam contentes o suficiente. Tenho a certeza de que não faziam ideia do que estava prestes a acontecer-lhes. Graças a Deus que não.

«Está a começar», disse o Chan. Avancei para onde o Chan e os meus dois amigos estavam. O ar arrefeceu à nossa volta, e a pouca luz que tínhamos começou a desvanecer-se. O meu coração começou a acelerar, e senti-me agitado. Subitamente, a porta explodiu aberta e um jovem correu para dentro gritando no topo da voz: «Os nazis estão aqui. Deus nos ajude.»

A mãe das duas crianças correu para elas e embalou-as nos braços enquanto chorava descontroladamente. Os outros amontoaram-se no centro da sala. A maioria estava de joelhos em oração. Vi a intensidade das suas orações enquanto pediam a ajuda de Deus. Também senti o seu medo.

Fiquei assustado com o estrondo alto de uma porta lá em baixo, e o som de muitos pés pesados nas escadas. À medida que o ruído se aproximava, o lamento do grupo crescia até se tornar insuportável. Queria excluí-lo, mas não conseguia. Sabia que tinha de manter a posição e esperar. O frio intensificou-se e vapor negro apareceu no éter à nossa volta. A porta da sala explodiu subitamente aberta, e quatro homens de uniformes pretos carregando armas entraram. Atrás deles vinham figuras de natureza maligna. Estas criaturas estavam mortas para o mundo terreno, mas dominavam os seus homólogos terrenos. Assim que nos viram, avançaram

com mãos estendidas, que pareciam mais garras. Antes de me aperceber, três destas criaturas estavam em cima de mim, a bater, morder e arranhar a minha carne. Consegui empurrá-las, mas a dor que infligiram deixou-me furioso. Não podia lutar com os punhos, mas por Deus que podia lutar com a mente. Concentrei toda a minha força de vontade em criar um escudo de luz à minha volta. No momento seguinte, ouvi uma das criaturas gritar de dor enquanto recuava da faixa de luz. A luta terminou subitamente; tínhamos vencido. As criaturas malignas desapareceram da nossa vista.

Havia uma névoa pesada na sala. Ouvi o som de tiros. Tivemos de esperar que a névoa clareasse antes de vermos o que acontecera. Lentamente, a minha visão ajustou-se. Não havia movimento algum. Os homens de uniformes tinham partido, deixando os corpos dos mortos e moribundos; até as duas crianças jaziam no chão. «Não», gritei, «como pode ser isto?» «Controla-te», ladrado o Chan. «Ganharás força à medida que prosseguimos. O nosso trabalho ainda não acabou. Temos de esperar.»

Olhei para o Harry e o Jack. Pelo olhar nas caras deles, sentiam-se mais ou menos como eu. Como poderia qualquer ser humano fazer isto a pessoas tão indefesas? Quando o mal ataca, ataca com uma vingança como a que acabara de presenciar. Enquanto observava os corpos destas pobres almas, uma névoa formou-se sobre eles. Os corpos astrais começaram a formar-se. Era o nosso trabalho levá-los deste lugar o mais rapidamente possível. Os primeiros a separar-se dos corpos foram as duas crianças, que pareciam atordoadas. Imediatamente fui ter com elas e reuni-as nos meus braços. Levei-as para onde o Chan estava.

«Espera um momento, Jim», disse o Chan. «Estou a pedir ajuda.» O Chan ficou em silêncio e entrou num estado de pensamento profundo, mas em breve voltou para nós. «Bem, está feito», disse ele. «Devem estar aqui em breve.»

As crianças começaram a ficar inquietas. «Quero a minha mamã», disse uma. A outra começou a chorar. Nunca tivera nada a ver com crianças antes, e não sabia o que fazer. Embalei-as apertado contra o peito e cantei para elas. O meu canto deve tê-las fascinado porque pararam de chorar. Duas formas materializaram-se ao lado do Chan. Isto assustou as duas pequenas, e começaram a chorar novamente.

As duas formas materializadas eram enfermeiras. Caminharam para mim. «Aqui, deixem-nos levar as meninas bonitas para vós», disse uma com um sotaque escocês muito marcado. Em momentos, as crianças estavam pacificadas. Admirei a forma das enfermeiras com crianças.

O Harry gritou do outro lado da sala para mim: «Precisamos de ajuda aqui.» O Harry e o Jack estavam a discutir com alguns dos novos astrais. Fui ter com eles e perguntei o que se passava. «Não acreditam que estão mortos», disse o Harry. «Oh, não acreditam?» disse eu. «Bem, posso assegurar-vos que estão mortos. Bem, mortos para o plano terreno, de qualquer forma. Por isso, por favor, não discutam, não por agora, de qualquer forma. Venham apenas connosco, e levar-vos-emos deste lugar para algum sítio melhor.»

O olhar nas caras deles era de espanto enquanto os levávamos para o Chan. A última coisa que esperavam era ser apresentados a um chinês. Após algumas palavras do Chan, ficaram bastante passivos. Conseguimos reunir todas as almas rapidamente, exceto uma. A mãe das duas crianças ainda se agarrava ao seu corpo terreno. Ouvi o Chan falar com uma das enfermeiras: «Acho que está em estado de choque.»

A enfermeira concordou, e ambas as enfermeiras foram para onde ela jazia. Curvaram-se sobre o corpo, uma à cabeça e a outra aos pés. Não conseguia perceber exatamente o que faziam, mas lá estiveram durante algum tempo. Depois afastaram-se do corpo e esperaram. Passaram cinco minutos, e uma névoa apareceu sobre o corpo. Quando o corpo astral se formara, as duas enfermeiras tomaram conta e puseram-na de pé. Ela estava num estado terrível de choque, a tremer violentamente. Ouvi-a chamar através das lágrimas: «Os meus bebés, onde estão os meus bebés?» Repetia as mesmas palavras; nada mais parecia importar, nem mesmo o facto de estar morta. Foi levada para o Chan e os outros. «Certo», disse o Chan. «Temos todos.»

Ordenou-nos para nos posicionarmos à volta do grupo. Quando estávamos todos em posição, o Chan ergueu a mão. Uma luz emanou da palma da mão e cercou-nos. Quando a luz se ergueu, estávamos num hospital. Fomos imediatamente recebidos por várias enfermeiras que tomaram conta das almas que trouxéramos. A mãe e as duas crianças foram reunidas; nem mesmo a morte as podia separar por muito tempo. Agradeci a Deus por estarem em segurança aqui do mal no plano terreno. Quando

tudo estava organizado, o Chan levou-nos para um lado e disse o quão satisfeito estava connosco.

O nosso trabalho continuou no nível astral da Alemanha durante alguns anos. A Alemanha estava bem dentro da guerra nessa altura. Muitas almas vieram para este lado da vida muito antes do tempo. Tivemos muitos encontros com os astrais inferiores; cada vez ficava mais forte. Íamos a casa para períodos de descanso, mas não por muito tempo. A guerra não parava para nós descansarmos.

O Chan convocou uma reunião de todo o grupo. «Há certos lugares na Alemanha onde ocorre barbárie pura. Para nos aproximarmos, todo o grupo tem de trabalhar junto. O mal usa estes lugares para manifestar medo e alimenta-se deste medo para a força de manifestar as suas formas malignas na Terra. Tenho mais uma coisa a dizer antes de irmos. Sejam fortes no trabalho vindouro. Não será nada como os encontros que experienciaram antes.»

Mais tarde percebi o quão corretas eram as palavras do Chan. O Chan liderou-nos em oração. Depois levou o grupo para um local muito sombrio — um lugar cheio de intenção maligna. «Isto, meus amigos, será o campo de batalha», continuou o Chan. «Se olharem à frente, verão o lugar que vamos atacar.»

Uma névoa leve cobria tudo, tornando difícil ver. Quando os meus olhos perfuraram a névoa, vi uma parede negra muito grande, a cerca de seis a nove metros de onde estávamos. «Venham», disse o Chan, «vamos contorná-la.» Cobrimos treze a dezasseis quilómetros e descobrimos que a parede formava um quadrado sem meios de entrada. Fiquei contente por estarmos a alguma distância porque conseguia sentir a tremenda força do mal e do medo atrás da parede.

«Como raio vamos entrar lá?» perguntei. «Espera, e vou mostrar-te», respondeu o Chan. Chamou o grupo à ordem. «Agora, senhores. Podem fazer uma linha reta, por favor.» Isto foi difícil por causa da névoa e porque éramos tantos, mas conseguimo-lo. O Chan pegou nos primeiros três da linha e depois nos três seguintes. Colocou-os à frente da linha na forma de uma ponta de seta. O Chan seria a ponta.

«Ganharemos entrada por esta formação», disse ele. «Nós somos a seta, e a Luz será o arco. Quero que todos usem a vossa força de vontade para criar luz à vossa volta.» Cada um de nós fez como o Chan pediu, com um efeito muito invulgar. O poder gerado pelo grupo era tremendo. Quase nos ergueu do chão. «Certo», disse o Chan, «se estão prontos, começaremos.»

À medida que nos aproximávamos da parede, senti uma pesadez, mas a seta perfurou. Foi pesado, semelhante a nadar contra a maré. Penetramos a parede e deixámos um buraco por onde se podia facilmente passar. A vista dentro era suficiente para revolver o estômago dos homens mais duros. Havia centenas de almas a caminhar sem rumo. Zombies é a única forma de descrever estas almas que estavam mortas para o mundo terreno mas não podiam escapar deste manicómio. Mesmo após a morte, eram retidas aqui pelos elementos malignos. Novas almas juntavam-se a elas a cada minuto. Era um campo de morte.

O Chan ladrado as suas ordens, o que me trouxe de volta ao trabalho em mãos. «Estejam alerta», disse ele. «Há inimigos por aí. Assim que perceberem que rompemos, certamente haverá uma guerra.» O Chan não falou cedo demais. Do nada, vários astrais inferiores atacaram-nos. Eram os guardas, não a força principal, e não eram páreo para nós. Rapidamente os repelimos.

«Certo», disse o Chan, «comecem a dirigir estas almas pelo buraco na parede.» O que começou como um fio depressa se tornou uma inundação. Muitos deles gritavam: «Olhem! a luz, a luz. Estamos salvos.» «Ainda não», pensei. «Como raio íamos ajudar todas estas pessoas?» Havia centenas delas a correr para nós. Ainda retinham o medo que lhes fora imposto. Intensificava-se a cada minuto e quase me devorou no assalto. Pedi ajuda a Deus.

«Sem tempo para esses pensamentos», disse o Chan, «continuem o trabalho.» Não sei quantos passaram pela parede, mas ainda havia muitas centenas reunidas à nossa volta. Virei-me para o Chan e disse: «Precisamos de ajuda.» «Tenho sob controlo», respondeu ele. «Muitos dos nossos amigos estão lá fora a dirigir as operações.» Senti-me melhor sabendo que tínhamos mais amigos por perto. A batalha ainda não acabara com os astrais inferiores. Reagruparam-se, mas desta vez tinham mais seres malignos com eles. Eram do mesmo tipo que tínhamos combatido no antro

de bebida muitos anos antes. Virei-me rapidamente para o Chan e disse: «Não acho que conseguiremos repeli-los desta vez.»

«Tens razão», disse ele. «São demais para nós enfrentarmos. Precisamos de ajuda.» O Chan parou, fechou os olhos e concentrou-se. Passou um ou dois minutos antes de abrir os olhos. «A ajuda está a caminho», disse ele. «Esperemos que chegue em breve», respondi. Deve ter havido uma nota de desespero na minha voz porque subitamente a força de vontade do Chan juntou-se à minha e recarregou-me.

Os astrais inferiores avançaram para nós a um ritmo constante. Pararam para avaliar a situação. Assim que perceberam que éramos apenas alguns, avançaram sobre nós. Foram empurrados por criaturas malignas que nunca entravam na luta. Estavam lá para sugar as emoções negativas da batalha. As suas auras eram negras com laivos de carmesim a percorrê-las. À medida que sugavam as emoções, as auras mudavam para negro puro. Em minutos, os astrais inferiores estavam em cima de nós. Atacaram-nos com tal ferocidade que fomos empurrados para a parede. Ao ver esta batalha, as almas que viéramos ajudar fugiram em todas as direções. Foi um duplo choque para as pobres almas verem estas criaturas malignas surgirem do nada.

Um do nosso grupo caiu. Em momentos, os astrais inferiores estavam em cima dele. Lutei caminho até ele e saltei para a refrega. Estavam a levar a melhor quando subitamente começaram a recuar. «O que os faz desistir?» perguntei ao tipo que ajudava.

«Olha para lá», suspirou ele e apontou para a parede.

Porções inteiras da parede desintegraram-se, revelando o nosso exército e amigos. Ao ver o que se passava, entraram na luta. A batalha durou muito tempo. Os astrais malignos tinham uma ferocidade renovada. Nenhum lado cedia ou ganhava terreno. Subitamente, a escuridão foi perfurada por uma onda de fogo branco. Foi seguida por outra, e outra, derramando uma grande luz sobre todo o campo. Era tão brilhante que doía nos olhos, e fechei-os rapidamente. Pelo som dos seus gritos, a luz deve ter tido um efeito tremendo nos astrais inferiores. Abri gentilmente os olhos a tempo de ver o que se passava. Em todas as direções que olhava, os astrais inferiores tentavam esconder-se da luz. As criaturas mais malignas abandonaram os astrais inferiores para os deixarem defender-se sozinhos. Não havia onde

correr. Só podiam esconder-se entre os recém-mortos, mas eram fáceis de distinguir e podiam ser separados mais tarde.

Queria encontrar o Chan, por isso varri o campo de batalha com o olhar. Ele estava a falar com um grupo de amigos. Dirigi-me a ele. No meio da luta, perdera o chapéu, e a roupa estava rasgada. Quando terminou de falar, perguntei sobre as grandes luzes que acabáramos de ver. «Elas, meu jovem amigo», disse ele, «eram os Senhores da Luz de que falei. Agora viste o trabalho deles por ti mesmo. Vieram batalhar com os poderes do mal e venceram. Certo, tenho um pequeno trabalho para ti enquanto dirijo as operações aqui. Quero que leves uma equipa de busca e entres no campo. Deveis procurar as almas que possam estar escondidas de nós por medo.»

Um grupo de seis amigos aproximou-se de nós. «Bom, estão aqui», disse o Chan. Apresentou-nos e disse-nos para não deixar pedra sobre pedra na busca.

Caminhámos pelo acampamento e dirigimos os perdidos e atordoados para segurança. À medida que íamos mais fundo no acampamento, sentíamos o medo aumentar. Sabíamos por isto que havia mais almas escondidas. Deparámo-nos com várias cabanas e entrámos numa delas. Era uma espécie de dormitório, com beliches de ambos os lados. Deviam ser mais de cem camas. O medo que emanava desta sala era avassalador, mas tínhamos aprendido a lidar com isto. Começámos a busca, dividindo-nos para cobrir mais área.

Um de nós em breve indicou que encontrara algumas das almas que procurávamos. Conseguimos pacificá-las e levá-las para segurança. A nossa busca continuou durante muitas horas. Finalmente, cheguei a um dormitório que mudaria o curso dos eventos para mim. Na minha busca, deparei-me com a alma de um rapazinho. Tinha cerca de dez ou onze anos. Parecia uma visão lamentável, encolhido num dos cantos mais escuros para que ninguém visse o seu corpo nu. Os olhos tinham-lhe afundado nas órbitas. Havia muito pouca carne no seu esqueleto frágil. O corpo era mantido junto pelas artérias e veias que outrora deram vida a uma criança saudável.

Algo se partiu dentro de mim, e caí de joelhos. Fui dominado pela imensa emoção da batalha, e lamentei profundamente pertencer à raça

humana. Foi esta criança lamentável que me trouxe a realidade. A minha cabeça pendeu de vergonha. Amargura e ódio brotaram dentro de mim. Não sentia isto há muitos anos. Queria agarrar apenas um dos seres humanos que infligira isto a alguém tão jovem. Não me sentia nada espiritual. Por Deus, mostrou-se enquanto martelava o chão com os punhos. Subitamente senti uma mão fria no ombro. Olhei para os olhos da criança, que se aproximara de onde eu ajoelhava. Olhei profundamente para os olhos lamentáveis. Pareciam duas grandes poças de água. Fui tão dominado por esta criança que a agarrei e puxei para o meu peito. Amor jorrou de mim para ele, e ele respondeu da única forma que sabia. Colocou os braços à volta do meu pescoço e agarrou-se a mim com todas as forças.

«Não te preocupes», disse eu. «Estás em segurança agora. Ninguém te magoará novamente.» Peguei nele e dirigi-me ao Chan. Graças a Deus não encontrei astrais inferiores no caminho — não pelo meu bem, mas pelo deles.

O Chan olhou uma vez para nós e disse: «Entendo, Jim. É hora de saíres daqui. Há outro trabalho a fazer, mas acompanhar-te-ei. Há outras crianças aqui que devem ser levadas para a esfera das crianças. Espera por mim enquanto as reúno.»

O Chan ausentou-se durante algum tempo. A criança dormia nos meus braços. Nada a separaria de mim, não por agora, de qualquer forma. Olhei na direção por onde o Chan fora e vi-o a liderar um grupo de crianças para mim. Elas também estavam nuas como no dia em que nasceram. O Chan segurava as mãos de duas das crianças. Quando se aproximaram o suficiente, vi o horror que fora infligido a estas crianças indefesas.

Percebi meses mais tarde que este período da minha vida fora um tempo de teste. Mesmo em estado de choque, aprendi muito. Na verdade, resgatar as crianças evocou o meu desejo de relatar tudo isto a vós. O Chan aproximou-se de mim, dizendo: «Vem, Jim. Vamos agora.»

Havia vinte e duas crianças no total. Muitas mais seguiam. As crianças ficaram imóveis enquanto o Chan acenava com a mão. Uma luz emanou da palma da mão e cercou-nos. Quando a luz se foi, estávamos dentro de um edifício magnífico. «Onde estamos?» perguntei. «Na esfera das crianças», respondeu ele.

Ouvi o som de pés a correr no chão de mármore. Um grande grupo de enfermeiras e freiras apressou-se para nós. À medida que se aproximavam, não falaram, mas pegaram nas crianças e puxaram-nas para os seus peitos. Reparei que uma ou duas das enfermeiras tinham lágrimas a rolar pelas faces enquanto faziam alarido com as crianças. Uma enfermeira jovem aproximou-se de mim e pediu a criança que tinha nos braços. Hesitei em entregá-la, e ele hesitou igualmente em largar. Agarrei-me a ele o máximo que pude, mas o meu coração disse-me que ele estava em segurança aqui. Lutei comigo mesmo, mas não tive de tomar a decisão. Foi tomada por mim. O Chan deu-me uma palmada no ombro: «Deixa-a levá-lo. Ele estará em boas mãos, e poderás visitá-lo quando quiseres.»

Entreguei-o à enfermeira, cuja aura transbordava de amor pelo meu jovem amigo. A sua cara angelical fez o rapaz e a mim sentir-nos à vontade. Beijei-o na testa e disse que o veria em breve. Enquanto a enfermeira se afastava, ele acenou-me. «Qual é o teu nome, rapazinho?» perguntei. «John», gritou ele de volta.

«Ver-te-ei em breve, John», lembrei-lhe. «Sê bom e faz o que te pedem.» Ele sorriu, e afastaram-se de vista. Senti algum alívio sabendo que as crianças estavam agora bem cuidadas.

Virei-me para o Chan e perguntei se me podia contar mais sobre onde estávamos. «Chamamos a isto a esfera das crianças», disse ele. «É exatamente o que é. As crianças são trazidas aqui para serem educadas nos caminhos da vida superior. Muitas vieram aqui através da guerra, como as que trouxemos. Outras estão aqui porque não foram amadas na Terra e agora podem experienciar amor maternal. Há muitas outras razões que poderia dar. A Irmandade Azul é uma organização especial de mulheres que lida com estas crianças. As mulheres, quando na Terra, ou nunca se casaram mas ficaram sem filhos por uma razão ou outra. Teriam sido mães maravilhosas, mas como a oportunidade lhes passou ao lado, os seus desejos seguiram-nas para este mundo. Aqui podem utilizar plenamente os seus instintos maternos. Há muitas instituições como esta nesta esfera porque muitas milhares de crianças chegam aqui diariamente — o que vos dá uma ideia da imensidão desta esfera.»

«E os pais delas?» perguntei. «Ia chegar a isso», disse ele. «Quando uma criança morre antes dos pais, é trazida aqui para reeducação. Nessa educação, a criança pode ir com um guardião ao plano terreno para vigiar o

progresso dos pais. Quando o momento for certo, a família será reunida. As que morrem durante a guerra entrarão, com os pais, num período de transição. Depois serão reunidas na esfera mais adequada para a progressão da família.»

«Acho que entendo», disse eu. «Achais que as freiras ou enfermeiras se importariam se eu olhasse à volta?» perguntei. «Claro que não», respondeu o Chan, «deixa-me acompanhar-te.»

Caminhámos por um grande corredor com painéis. O Chan parava ocasionalmente para apontar partes interessantes da cornija. Tudo era notavelmente bem pensado; cada parte da decoração fundia-se. Aproximámo-nos de um par de portas com painéis ornamentados. Ao abrir as portas, fiquei atónito com a beleza que nos rodeava. Jardins maravilhosos pareciam brotar da relva verde profunda. Disse «brotar» porque sentia que era impossível o homem ter criado tal cascata de cor. Os jardins estendiam-se por quilómetros em todas as direções. Árvores cobertas de rosas e outras trepadeiras floridas encerravam os jardins.

«Vem», disse o Chan, «vamos caminhar.» Caminhámos por uma ampla estrada de relva. Parei várias vezes para absorver a beleza das flores. Grupos de crianças pequenas brincavam felizes nos jardins extensos. Freiras ensinavam grupos de crianças mais velhas. Fiquei satisfeito por ver que a educação das crianças não era negligenciada. O Chan concordou que recebiam uma boa educação.

«Estás a ler os meus pensamentos novamente», comentei. Ambos sorrimos. Continuámos pela estrada até chegarmos a uma clareira. No centro da clareira estava um grupo escultórico de Jesus com braços estendidos acima das cabeças de três crianças. Curvei-me e li a placa debaixo da estátua:

«Deixai vir a mim as criancinhas.» Como eram apropriadas aquelas palavras. Esta grande alma mostrava o Seu amor pelos Seus filhos, jovens e velhos, estando sempre aberto a recebê-los. A escultura lembrou-me de perguntar ao Chan se haveria uma segunda vinda na Terra.

«Ele já lá está», respondeu o Chan, «mas não foi reconhecido.» «O quê? Queres dizer que Ele renasceu?» perguntei. «Sim, de forma indireta», respondeu ele. «Chan, estás a falar em enigmas.» «Suponho que sim», disse ele, «mas as minhas palavras são verdadeiras. Agora deixa-me explicar.

Cristo não está na cruz agora. A Sua morte é história. Ele ressuscitou e ascendeu às alturas. O trono da graça não é o crucifixo ou o confessionário, é onde Cristo se senta — à direita de Deus. Aqueles que acreditam de coração e mente podem ascender e habitar continuamente com Ele. Mas esta não é toda a história. Muitos não percebem que o Senhor está dentro de cada criança que passa fome ou é maltratada. Olha nos olhos de uma destas crianças. Lá verás o Senhor. Sim, Ele renasceu, mas não foi reconhecido.»

Falámos durante algum tempo sobre este assunto, depois perguntei ao Chan o que aconteceria ao John. «Será cuidado», disse ele. «Primeiro, banhá-lo-ão e vesti-lo-ão. Depois descansará. Não têm a preocupação de o desmamar da comida. A sua mente astral já aceitou a sua condição. Em vez de comida para o estômago, será alimentado com o alimento do amor. Em pouco tempo, ter-se-á ajustado à sua nova casa — tal como as crianças que vimos a brincar. Quando o visitares, ficarás surpreendido com a mudança nele.»

Passámos horas a absorver a beleza desta esfera. Parávamos ocasionalmente para conversar com algumas das crianças. O Chan finalmente indicou que era hora de partirmos.

«Acho que seria bom tomar banho», disse o Chan. «Ia dizer o mesmo», respondi. «Antes de dizeres algo», comentou o Chan, «não estive a ler a tua mente.»

Rimo-nos; a nossa forma de pensar tornava-se invulgarmente semelhante. Dei uma última olhadela à paisagem antes de partirmos. Ao reaparecer junto à piscina, o Chan despiu-se imediatamente e entrou na água. Em breve segui-o. Era bom recarregar as baterias; sentia-me melhor. «Eu também», disse o Chan. É uma sensação bastante estranha ter alguém a ler os teus pensamentos mais íntimos. O tempo passou. O Chan contentava-se em flutuar na água e relaxar.

«Tenho uma pergunta, e pensei que talvez...» Antes de terminar o que dizia, o Chan respondeu: «Bem, qual é a tua pergunta?» «Estava a pensar nos líderes da Alemanha. O que lhes acontecerá quando vierem para este lado da vida?» A minha pergunta deve ter desconcertado o Chan. Levantou-se e colocou a mão no queixo e manteve esta pose pensativa durante vários minutos.

«Boa pergunta», disse finalmente. O Chan parou novamente antes de falar. «Gravitarão para o seu próprio nível de consciência espiritual. Lembrem-se de que o mal que estes seres infligiram aos seus irmãos e irmãs eventualmente voltará para eles. Essa é a lei do «karma». Na sabedoria de Deus, ser-lhes-á dada uma oportunidade de emendar a crueldade que infligiram. Levará muito tempo, Jim, para eles resolverem o seu karma.»

«Mas, certamente, estas almas estão além de ajuda», disse eu. «Certamente que não», respondeu o Chan bruscamente. «Desculpa», disse eu. «Não quis ofender-te.» «Não são necessários pedidos de desculpa», respondeu ele. «Deves entender que eles também são filhos de Deus. Como qualquer criança travessa, devem aprender uma lição. Isto será realizado pela sua encarnação em certas situações, que lhes darão a experiência apropriada. Sofrerão e experienciarão o que infligiram aos outros.»

«É tudo muito complicado», disse eu. «Ouvi falar de reencarnação antes, mas nunca entendi.» O Chan respondeu: «Não disse que reencarnariam. Disse que encarnariam, e, como sabes, há muitos estados de ser. O melhor a fazer é ir a uma palestra sobre o assunto. Espera um momento, vou descobrir quando e onde será a próxima palestra.» O Chan fechou os olhos e entrou num estado de concentração. Passaram alguns minutos antes de abrir os olhos e dizer: «Uma palestra começa em breve. Se nos apressarmos, chegaremos a tempo.»

Vestimo-nos, e o Chan dirigiu-nos pelo pensamento para o exterior de um grande edifício de mármore. «Onde estamos?» perguntei. O Chan respondeu: «Estamos à porta de um dos salões de aprendizagem. Este salão em particular é bem conhecido pelas suas excelentes palestras. Muitas pessoas vêm todos os dias estudar os caminhos da vida maior. Chega de conversa, ou chegaremos atrasados.»

Subimos vários degraus até duas grandes portas douradas com painéis de águias embutidas com garras estendidas. Lancei um olhar ao magnífico salão, mas não tivemos tempo para absorver todo o ambiente. O Chan levou-me por uma das muitas portas que rodeavam o teatro de palestras. Os assentos estavam dispostos em círculo. Lembrou-me um anfiteatro romano. Tivemos sorte em encontrar dois assentos vazios. Não tive oportunidade de dizer algo ao Chan porque o orador já estava no centro do auditório. Estava elegantemente vestido ao estilo de um filósofo grego. Mesmo de onde

estávamos sentados, senti um ar de respeito nele. Apresentou-se e foi diretamente para a palestra.

«A pergunta «Reencarnamos?» é compreendida e respondida afirmativamente pelos buscadores da verdade espiritual. Outros argumentarão veementemente contra isto. Tornou-se uma questão que divide muitas mentes e cria vazios entre partidos. Isto soma-se a uma boa discussão, que não deve ser considerada má. Infelizmente, está a chegar a um impasse. Nós, no plano espiritual, agora achamos que seria sábio introduzir um fator adicional na discussão. Já é conhecido, mas não foi incluído nos debates.

«Há muitas camadas de esforço ou planos de expressão que são conhecidos e aceites pelos buscadores espirituais — astral inferior, astral, e do primeiro ao quarto, e os verdadeiros planos do espírito. Os meios pelos quais as entidades (homem) podem passar de plano para plano não são frequentemente compreendidos. A existência de planos semelhantes de expressão dentro da estrutura de estados materiais ou manifestados de existência (semelhantes à Terra) como rochas, líquenes, plantas, insetos, aves e animais é totalmente ignorada. Outro ponto deixado de fora da discussão é a descida da alma através de várias camadas antes da sua encarnação inicial como homem ou mulher no plano manifestado de expressão.

«Agora compreendem que as expressões físicas da matéria não são as realidades da vida. Devem também compreender que é impossível uma manifestação num plano passar na sua totalidade para o plano seguinte no seu circuito de retorno. O grosso geralmente fica para trás. Isto parece ser a dificuldade para a compreensão da maioria das pessoas do significado pleno por trás da reencarnação.

«Foi deliberadamente tornado difícil para a matéria passar de um plano para outro, e só pode ser feito pelo método conhecido como «espiritualização». Isto significa que a matéria deve atingir um estágio de perfeição como compreendido por esse plano antes de poder transmutar para o seguinte. Isto só pode ser realizado com a ajuda de matéria que tenha conhecimento de como gerir a transição. Este conhecimento foi adquirido por matéria que dominou a técnica numa fase inicial. Este agente assistente chama-se camada-de-alma ou estado superior de expressão. Este princípio

é legionário em todos os estados de expressão. Todas as formas de vida têm um eu-interior superior.»

«A alma consiste num centro de intensidade rodeado por camadas de vários graus de realização. Isto é, por camadas de matéria espiritualizada que atingiram um certo estado de evolução e são incapazes de prosseguir pelas suas próprias capacidades. Para fazer mais progresso, a alma deve servir as suas camadas exteriores inferiores. Estas camadas são recolhidas pela alma descendente e nascidas para o plano de expressão inferior seguinte que a alma precisa para o seu próprio cumprimento. Nas ordens abaixo do homem, o trabalho da alma é geralmente realizado num princípio de grupo.

«A essência em evolução de uma espécie particular é mantida coletivamente por um agente superior que é o princípio central dessa espécie do qual vem toda a matéria corporal da espécie para cada encarnação separada dessa espécie, como a formiga, a abelha, a planta, etc. A alma de grupo de cada ramo de cada espécie (e há muitas) é, ou forma parte de, uma camada da alma de grupo geral ou superalma que pode não ter o seu ser dentro ou à volta do planeta Terra. Pode ser parte da alma de algum outro planeta dentro do nosso sistema solar. O nosso planeta, ou mãe natureza, é também uma alma de grupo. É composta por e mantém toda a matéria não evoluída que é usada para fazer o corpo exterior de todas as coisas vivas na Terra, incluindo o homem e as rochas. Até as rochas devem evoluir.

«Pode levar a vida deste sistema solar antes da sua primeira mudança de rocha. Até cada ordem evoluir e ser capaz de passar para o seu plano espiritual, é trazida de volta repetidamente pela alma de grupo — até ter elevado suficientemente a sua taxa vibratória para um nível utilizável pela alma de grupo superior, para formar uma parte inferior da próxima ordem de ser. A alma de grupo não reencarna. Apenas mantém e auxilia a evolução da matéria do seu estado manifestante, por exemplo, um pássaro ou uma abelha. É interessante notar que as abelhas não só ajudam as flores pela polinização, mas também espiritualizam o néctar ao transformá-lo em mel. Toda a verdadeira evolução ocorre dentro do plano espiritual da espécie, não no plano manifestado, e é sempre apenas um reflexo da sua alma associada. Este processo ocorre em todos os planos de expressão inferiores ao homem.

«Cada plano espiritual é agora conhecido pelo seu plano manifestante. O plano físico do homem é uma exceção a esta regra. Ele entra como indivíduo neste plano de expressão. Dito isto, a alma ainda pertence a uma alma de grupo e à ordem do progresso dessa alma. O progresso de qualquer matéria relevante, como explicado anteriormente, aplica-se também ao homem. A única diferença é que ele personaliza porque tem consciência de que existe.

«A maioria das ordens abaixo do homem não tem conhecimento de si, embora haja um grau variável de conhecimento, ou uma consciência crepuscular, em algumas das ordens superiores de espécies. Há uma troca constante de essência evoluída das ordens inferiores ao longo da ordem em evolução de todas as expressões. Percola lentamente para estados superiores de expressão. É auxiliada por almas de grupo que percolam por sua vez de alma de grupo para alma de grupo. A essência evolui assim até ser adequada para uso pelo homem, homem para anjo, anjo para Deus.

«Não é possível em qualquer estado de ser que energia evoluída vá para trás. Uma vez atingido um certo nível de vibração, ou perfeição como alguns gostam de dizer, transmuta para uma ordem superior de ser. A essência da matéria progride apenas para a frente e para cima, até ser espiritualizada pelo homem. Depois progride para o verdadeiro plano do espírito longe do plano terreno. Ao usar tudo à sua volta, o homem auxilia a espiritualização de todas as ordens inferiores. Como dito anteriormente, o progresso da matéria espiritualizada personalizada do homem é semelhante ao das estados inferiores ou não espiritualizados. Estou a usar esta expressão para vos ajudar a diferenciar entre vários estados de ser, a sua ordem e a sua mudança de um estado para outro. É essencial ter esta compreensão claramente na mente. Poderão então visualizar, o mais claramente possível, os eventos relativos ao fluxo evolutivo da matéria até e para o estado de homem e além.

«Além de poder diferenciar estados de ser, é essencial reconhecer a semelhança de todos os campos de progresso. O princípio, que não só o homem mas todos devem seguir, requer um fluxo de esfera para esfera, ou plano para plano. Portanto, toda a reencarnação é dentro de cada plano, e não de plano para plano como sustentado por aqueles que argumentam pela sua existência, e disputado por aqueles que não acreditam. É difícil explicar o processo seguinte sem deixar de fora partes vitais, ou tornar-se tão

obscuro que falhe em transmitir o propósito desta palestra. Numa tentativa de ser o mais lúcido possível, começarei pelo fim e terminarei pelo fim.

«Para que a ordem mais baixa evolua, deve e só pode ser servida por uma ordem superior. A alma foi criada para este propósito. A alma tem um estado superior de conhecimento do que a matéria que forma a sua concha exterior. É formada por matéria de alma mantida em planos progressivos e vibra em taxas diferentes através das quais deve passar. Isto não deve ser considerado contraditório com a declaração anterior sobre reencarnação. Neste nível, a matéria mudou de essência e é essencialmente diferente.

«A matéria espiritualizada forma a camada da alma. Na eventual chegada ao seu centro de alma de grupo ou Divindade, é batizada e transmutada em si no circuito de retorno. Este si forma-se à volta de um centro de conhecimento do propósito da alma de grupo. O centro de grupo é parte de uma camada de uma alma de grupo ainda maior que terá no seu centro um centro ou consciência «Eu» semelhante, ad infinitum. A consciência «Eu» central é a Divindade dessa alma de grupo.

«Em princípio, todas as almas são feitas desta forma. É assim que uma semente se forma numa flor. O sol batiza a flor, e as novas almas ou sementes formam-se e descem para o solo para começar novamente. A flor que surge de uma semente é o estado evolutivo mais elevado na Terra dessa matéria. É o plano espiritual da semente e foi preparado por organismos na terra como bolores limosos, fungos e insetos para espiritualização. A própria planta é a camada exterior da alma da flor. Acima de nós, nos planos superiores do espírito, há uma organização da qual eventualmente formaremos uma cabeça de flor para ser batizada pela Luz da Vida.

«Na conclusão da matéria da alma transmutada ou evoluída, estarás na Divindade onde tudo o que refinaste nos teus éons de existência como ser consciente será batizado. O «tu» refinado ter-se-á tornado o que se chama um «Eu Germinal», que terá no seu centro a sua própria consciência «Eu». É isto que torna o homem único no plano terreno. Dá-lhe a sua consciência. Isto, e só isto, faz com que ele tenha consciência de que é isto. Leva-o sempre para Deus, de volta ao centro da sua criação. Esta é a semente da tua flor. Deve descer para evoluir algo do que deixaste por fazer, ou para completar um novo propósito. Só ela e a Divindade saberão. Continuarás, sempre para a frente, para novos estados de ser. A palestra termina agora, meus amigos. Estou aberto às vossas perguntas.»

A discussão continuou durante algum tempo. Fiquei impressionado com tudo e saí do salão mais conhecedor do que quando entrara. Era um pouco acima da minha cabeça, mas sabia que reteria o que fora dito para consideração posterior.

Saímos do edifício e descemos os degraus. Virei-me para o Chan e disse: «Obrigado por me trazer. Embora nunca tenha sido um para aprender, não foi por falta de tentar. Simplesmente não conseguia concentrar-me.» O Chan parou no último degrau e indicou que gostaria de se sentar num dos bancos que rodeavam o edifício. Caminhámos até lá e acomodámo-nos. O Chan falou: «Deves estudar, observar e pensar se a tua espiritualidade tiver algum valor. A consciência é conhecimento, e o conhecimento vem através do esforço mental. O intelecto e os poderes de raciocínio não te podem dar vida, mas podem abrir as portas para a sabedoria e a vida entrarem. Espiritualidade divorciada da sabedoria torna-se fanatismo. O espírito é uma semente plantada no corpo terreno, e cresce através do corpo terreno. Desdobra-se com a ajuda da atmosfera, vira a sua flor para o sol todo-poderoso, e derrama a sua fragrância sobre todos os que entram no seu alcance.

«O espírito do homem precisa tanto do mental como do físico para o seu desenvolvimento. Mas estes dois sozinhos não te podem trazer para a luz da vida espiritual. Espiritualidade não é apenas vida temporal, nem é apenas sonhar. Não é apenas para elevação própria, nem para habitar unicamente no transcendental. Tudo isto está incluído, mas é algo muito mais. É algo tão grande, tão poderoso, que toda a vida, tanto no plano terreno como aqui, é afetada por isso.

«Experiência é necessária para o progresso do espírito. Deve agir, deve alcançar, deve atingir. Não pode expandir-se sozinho. Deve esforçar-se por ajudar os feridos na luta da vida, elevar os outros consigo e lutar pela sua elevação bem como pela própria. Esta é a razão pela qual deves estudar. A tua vida é uma experiência em si, e as tuas experiências empurrar-te-ão ao longo da estrada da vida.»

«Agora, tenho de voltar ao meu trabalho», disse o Chan. «Há alguma limpeza a fazer no acampamento. Podes vir, se quiseres, ou tirar mais tempo para descansar.»

Caí diretamente na armadilha dele. Disse que nada me manteria afastado. O Chan tinha um sorriso de orelha a orelha ao saltar em pé: «Esperava que voltasses comigo. Não queria que caísses num estado de depressão. Sei que foi um choque para ti, mas lidaste muito bem com tudo o que presenciaste nas regiões escuras da loucura do homem. Se estás pronto, vamos.»

Reaparecemos no acampamento. A maioria dos internos partira, exceto alguns que estavam a ser levados para fora. Reparei que agora havia muitas enfermeiras presentes. Elas também pareciam ter estado na batalha. O Chan levou-me para outra parte do acampamento onde os astrais inferiores da batalha estavam a ser guardados. Deviam ser mais de trezentos. A maioria ainda sofria dos efeitos da luta. Outros estavam de joelhos a clamar de medo da grande luz, que lhes fora infligida pelos Senhores da Luz.

Muitos astrais superiores rodeavam-nos para garantir que nenhum escapava antes de ser falado por um dos professores.

Virei-me para o Chan e perguntei: «Quem vai dirigir-se a estas almas?» Antes de o Chan poder responder, o Irmão David apareceu numa clareira a cerca de seis metros de onde estávamos. «Como vai ele falar com tanto barulho?» perguntei. «Espera e verás», respondeu o Chan.

O Irmão David ergueu a mão e fez o sinal da cruz. Depois ouvi a voz dele dentro da minha cabeça. Estava a usar telepatia para alcançar todos os astrais inferiores. Escutei as suas palavras: «Estais rapidamente a dirigir-vos para o inferno. Se não vos arrependerdes, selareis o vosso destino. Pensai muito cuidadosamente no que digo antes que seja tarde demais. Não vos será dada outra oportunidade como esta. Aqueles de vós que querem a nossa ajuda, dirijam-se ao meu lado direito. Serão levados daqui e receberão ajuda.»

O Irmão David parou para permitir que um pequeno fluxo de astrais se reunisse ao seu lado direito. Outros astrais tentaram retê-los, mas os astrais superiores intervieram. Os astrais inferiores foram então levados. O Irmão David começou a falar novamente. «Foi-vos dada a oportunidade de subir do vosso inferno, e não a tomaram. Condenaram-se ao vosso próprio destino.»

Senti um poder impressionante a construir-se à volta do Irmão David enquanto concentrava a sua vontade nos astrais restantes. Falou novamente,

mas desta vez a força da sua vontade era muito mais intensa. «Em nome do Altíssimo e pelo poder de Cristo, ordenamos-vos que jazeis nos reinos da noite. Jazei lá e não venhais mais até os vossos corpos astrais derreterem e caírem. Então que o bom Senhor se lembre de vós.»

O Irmão David ergueu então a mão, e uma luz começou a emanar da palma. Os astrais inferiores ficaram temerosos à medida que a luz que emanava do Irmão David os cercava. Entraram em pânico e tentaram romper o cordão que fora colocado à volta deles, mas a luz teve um efeito dramático sobre eles.

Desvaneceram-se de vista, para nunca mais serem vistos até o bom Senhor decidir o contrário. Partiram em poucos momentos. Apenas os soldados da luz permaneceram no campo. Parecia um nome adequado para nós. Tínhamos batalhado as forças das trevas e vencido.

Procurei o Chan, mas não o via em lado nenhum. Assumi que estava ocupado. Decidi procurar o Harry e o Jack, e virei o campo do avesso na minha busca por eles, mas não estavam em lado nenhum. Em vez disso, encontrei o Chan e perguntei se podia ser útil.

«Sim, podes», disse ele. «Em breve partiremos daqui, mas ainda há almas que estão a ser forçadas para a nossa vida antes do tempo devido. Vamos deixar um grande grupo de trabalhadores para ajudar as novas almas que vêm para este campo de morte.»

«Mas e as forças das trevas? Não tentarão atacar-nos novamente?» perguntei. «Não», respondeu o Chan. «Perderam este campo e não nos incomodarão mais. Construirão as suas forças noutro local. Um dia haverá uma grande confrontação entre nós. Até esse dia, teremos a medida deles onde quer que os encontremos.»

O Chan parou e depois perguntou como me sentia. «Melhor a cada minuto», respondi. «Estava a perguntar-me pelo Harry e o Jack. Procurei o campo por eles. Sabes onde estão?» «Enviei-os com alguns outros numa missão. Devem regressar em breve», respondeu o Chan. «Espera, estou a receber uma mensagem.» O Chan ficou em silêncio. Tinha-o visto entrar num estado de concentração em muitas ocasiões. Geralmente, não durava muito. Fiel à forma, o Chan em breve acenou e disse: «Há mais almas a vir da casa da morte.»

«Não percebem que tirar a vida destas pessoas é errado?» perguntei. «É difícil dizer. Só Deus sabe o que leva as pessoas a fazer estas coisas aos seus compatriotas. Eventualmente, pagarão pelo sofrimento que infligiram a estas pobres almas. Certo, Jim, aí vêm elas.»

Olhei para onde o Chan apontava. Um grande grupo caminhava na nossa direção com ajuda dos soldados da luz. Não tinham roupas nos seus corpos destroçados. Mães ainda seguravam crianças ao peito na esperança de as salvar. Não havia salvação para homem, mulher ou criança deste inferno que existia unicamente para a destruição da raça humana. Só podíamos libertar estas almas após a morte, mas as suas cicatrizes mentais permaneceriam com elas para sempre.

Enfermeiras encontraram-nas ao passarem pela abertura na parede. O olhar de alívio ao verem as caras angelicais das enfermeiras era incrível. Finalmente estavam em segurança e seriam cuidadas.

Ouvi o meu nome ser chamado e olhei à volta para encontrar o Harry imediatamente atrás de mim. Quase me ergueu do chão ao puxar-me para o peito. Saudou-me como se eu fosse um irmão perdido há muito. «Temos muito para discutir», disse ele. «Após a luta, perdemos contacto contigo. Estavas bem?»

«Tive um pouco de problema», respondi e mudei rapidamente de assunto porque não queria que o Harry pensasse que não conseguia lidar. «O que aconteceu ao Jack?» perguntei. «Oh, ele virá em breve. Está apenas a terminar», respondeu o Harry. «Encontrámos mais inimigos do que esperávamos. Opuseram resistência dura, mas em breve levámos a melhor e mandámo-los a correr.»

O Harry acabara de falar quando o Chan caminhou para nós. «Tudo correu conforme o plano, Harry?» perguntou. «Sim, conseguimos o que nos propusemos fazer», respondeu o Harry. «Bom», disse o Chan. «Quando o Jack regressar, tenho outra tarefa para os três.» Falámos durante cerca de meia hora antes de o Jack aparecer. «Bom ver-te novamente, Jim. Olá, Harry. Terminámos o pequeno trabalho que nos deste, Chan.»

Foi um esforço para o Jack proferir as palavras. Parecia cansado e pálido. O trabalho cobrara o seu preço, mas dei-lhe nota máxima por manter a compostura como um oficial. O Chan também reparara na condição do Jack. Colocou as mãos nele e concentrou-se. Em momentos, a

aparência do Jack mudou. As rugas profundas na testa desvaneceram-se, e o seu antigo aspeto regressou. «Assim está melhor», disse o Chan. «Da próxima vez, não deixes as tuas baterias esgotarem-se. Não podemos ter-te doente, pois não? Agora voltemos ao trabalho em mãos. A vossa próxima missão é juntar-vos a um grupo de trabalhadores que estão presentemente noutro local no plano astral. Encontrarão que uma grande batalha ocorreu. Haverá muitas almas a caminhar na névoa, sem perceberem que estão mortas. A vossa tarefa será convencê-las do contrário. Se estão prontos, começaremos.»

Em breve chegámos a um lugar diferente, mas ainda estávamos no terceiro plano astral. A névoa era muito mais espessa, mas o nosso treino permitia-nos ver através dela. Esperámos até um grupo de doze outros soldados aparecer da névoa. À frente do grupo estava uma figura muito familiar. O Harry deu-me uma cotovelada e disse: «Já vi este tipo em algum lado.»

«Claro que viste», comentou o Jack. Antes de o Jack poder dar o nome, o grupo estava em cima de nós. O oficial avançou e apresentou-se: «Bom dia, senhores. Chamo-me Capitão Marsh.» Depois apresentou-nos a cada um dos soldados sob o seu comando. Quando o Chan sentiu que tudo estava bem, partiu para o seu trabalho no acampamento. O Capitão Marsh chamou-nos à ordem e explicou algo do nosso trabalho.

«Pedi os melhores», disse ele. «Tenho a certeza de que é o que são. Houve uma grande batalha não longe daqui. Claro que muitos passaram para o nosso lado da vida. O nosso trabalho é levá-los do campo de batalha porque a luta ainda ruge à volta deles. Se não o fizermos, os astrais inferiores apanhá-los-ão, e sabem o que acontecerá.» Ele estava correto. Os meus amigos e eu tínhamos experienciado o suficiente para saber o que aconteceria a estas novas almas.

«Certo, então», continuou o oficial. «Dividimo-nos em cinco grupos de três. Deixo-vos decidir quem trabalha com quem.» Virei-me para o Harry e o Jack e perguntei: «Estamos juntos nisto?» O Harry sorriu e acenou. «Mas claro», comentou o Jack.

Os grupos foram formados, e partimos. Caminhámos mais fundo na névoa em direção aos sons da batalha. Formas sombrias apareceram, apenas para desaparecerem tão rapidamente. Fomos chamados a parar. O

oficial deu-nos algumas palavras de encorajamento, e o grupo dividiu-se para começar o trabalho.

O Harry, o Jack e eu fomos em tangente do resto. As nossas ordens eram ajudar qualquer um que precisasse. Ficámos juntos sabendo que os três conseguiríamos lidar com o que quer que enfrentássemos. Aproximámo-nos de uma área arborizada. Havia uma sensação de premonição no lugar — nenhum sinal de batalha, apenas uma sensação de sermos vigiados. Subitamente, uma voz gritou-nos da névoa: «Alto, mãos ao alto. Fala inglês?»

Imediatamente virámo-nos para a voz. Fomos confrontados por dois soldados britânicos com as espingardas firmemente apontadas a nós. Pareciam nervosos e obviamente confundiram-nos com o inimigo. A voz do Jack trovejou: «Baixem essas espingardas. Não reconhecem um oficial quando veem um?»

Isto apanhou os dois soldados de surpresa. Um virou-se em perplexidade para o outro e perguntou: «O que achas, George?» O outro respondeu: «Não sei, Fred. Não consigo ver nada bem através desta névoa maldita. Tu mantém-nos cobertos, e eu dou uma olhadela mais de perto. Vocês aí, mantenham as mãos onde as possa ver.»

Ele aproximou-se devagar de nós. Não te minto, estava um pouco assustado porque a espingarda do soldado apontava diretamente para mim. Olhou-me de cima a baixo e foi até ao Jack, que pegou no cano da espingarda e afastou-o. «Bem, soldado, deu uma boa olhada?» perguntou o Jack.

«Sim, senhor», murmurou o soldado. «Lamento, senhor, mas não se pode ser demasiado cuidadoso nesta névoa.» Virou-se para o amigo, que também mantinha um olho muito atento em nós. «É um oficial, sim, Fred.»

O Fred baixou imediatamente a espingarda e caminhou para nós. «Estou muito contente por vos encontrar, senhor. Temos andado a vaguear nesta névoa há algum tempo. São as primeiras pessoas que vemos. Tem ideia de onde estamos?»

«Oh, sim, sei onde estão, sim», respondeu o Jack. «Mas explicar-vos é outra coisa. Se tu e o teu amigo quiserem seguir-nos, tiramos-vos daqui.»

Virei-me e olhei para o Harry. Os olhos dele olharam para cima, como que a dizer: «Graças a Deus, acabou-se.»

«Certo, então», disse o Jack, «se todos estão prontos, vamos.» O Jack tomou a liderança. Lentamente, voltámos para a área de reunião. Quanto mais nos afastávamos da luta, mais claras as condições se tornavam. Fomos os primeiros a chegar de volta.

«Onde estamos?» perguntou o Fred. «Acho que tu e o teu amigo deviam sentar-se», respondeu o Jack. «Tenho algo a dizer-vos que vos surpreenderá.»

Os dois soldados encontraram um lugar para se sentar e colocaram as espingardas firmemente nos joelhos. Olhei para os dois e li a dor e o medo que estavam profundos dentro deles. Esperavam a surpresa com apreensão.

«Agora que se acomodaram», disse o Jack, «vou começar. Não vos pareceu estranho encontrarem-se nesta névoa e não terem visto mais ninguém exceto nós?» «Sim», respondeu o Fred. «Mas o que tem isso a ver com onde estamos agora?» «Bem», disse o Jack, «como se encontraram nesta névoa?» O Fred virou-se para o George: «Não sei bem. E tu, George?»

«É estranho», disse o George. «Lembro-me de que viemos sob ataque das florestas que passávamos. Acho que apanhei uma na cabeça. Caí, mas acordei nesta névoa. A minha espingarda estava ao meu lado, por isso agarrei-a ao levantar-me. Senti uma sensação estranha como se o meu corpo não fosse o meu. Isto em breve passou. Não conseguia perceber bem onde estava por causa da névoa e pensei que era melhor encontrar o meu pelotão. Foi quando te encontrei, Fred.» «Sim, foi mais ou menos o que me aconteceu», ecoou o Fred. «Espera um momento. O que é tudo isto, senhor?»

O Jack parou. Não pensei que ele conseguiria dizer-lhes que estavam mortos, mas ganhou coragem. Com sobrancelhas erguidas, começou: «Bem, senhores. Os dois tiveram a vossa última batalha. Não haverá mais luta porque ambos morreram das feridas que descreveram.»

Antes de o Jack poder proferir outra palavra, os dois soldados estavam em pé com as armas firmemente nas mãos. Olharam para o Jack como se ele tivesse enlouquecido.

«Olhem», disse o George, «podemos não saber exatamente onde estamos, ou o que nos aconteceu, mas sabemos que não estamos mortos. A propósito, senhor, esse é um uniforme invulgar que tem. Não é um que eu conheça. Já o viste antes, Fred?» «Não, não vi», respondeu o Fred. «Não são do nosso regimento, isso é certo. Podem ser alemães vestidos com as nossas roupas.» Mais uma vez, os dois soldados ergueram as espingardas para nós. «Pode dizer-nos quem são, senhor, e de que regimento são?» perguntou o George.

«Olhem aqui», disse o Jack, «estão mortos e os meus dois amigos também. A propósito, estamos todos mortos para o mundo terreno. Não estão a ajudar as coisas apontando essas armas para nós. Não vos servirão de propósito aqui. Se quiserem saber quem somos, digo-vos. Chamo-me Capitão Jack Purvis, o meu amigo à vossa direita é Sargento Harry Willmott, e à vossa esquerda, Soldado James Legget. Somos todos soldados, mas não da vossa guerra. Somos da Grande Guerra, onde morremos pelo Rei e pela pátria. Tal como vós, foi difícil no início compreender que estávamos mortos, mas em breve tornou-se aparente que estávamos!»

«Olhem aqui, senhor», disse o George simpaticamente. «Acho que levou um golpe na cabeça que o deixou um pouco louco. Talvez possamos ajudar-vos a encontrar uma das estações de curativos, se quiserem. Lamento ter sido um pouco curto convosco, mas esta névoa maldita é suficiente para deixar qualquer um nervoso.»

O Harry interrompeu o George. «Vou provar-vos que estão mortos. Apontem a espingarda para mim.»

«Agora olhem», disse o George, «já tivemos suficiente desta parvoíce. Só quero voltar à nossa unidade. Por favor, dirigem-nos?» «Olhem», disse o Harry, «quero provar-vos que estou morto. A única forma de provar isto é atirarem em mim. Não terá efeito real em mim porque não posso morrer duas vezes.»

«Lamento, amigo», disse o George, «não vou deliberadamente assassinar um dos nossos homens. Lutar esta guerra maldita é o meu trabalho. Já vimos suficientes dos nossos homens massacrados pelos nazis. Matá-los é tudo o que quero continuar.»

O George parou por um minuto, esfregou a cabeça e disse: «Acho que os três têm algum plano na manga. Sim, é isso. Querem voltar para Blighty fingindo que estão em choque de granada. Isso é bom.»

«Não», gritou o Harry. «Isso não está certo. Estamos a dizer-vos a verdade, e estou a tentar prová-la. Por favor, apontem apenas a espingarda para o meu ombro e disparem. Prometo que não haverá consequências para vós. Agora, despachem-se. Quero que vejam os resultados.» A essa altura, o George tornara-se agitado. «Maldição, façam-no», gritou o Fred, «para podermos sair daqui.»

«Certo! Não chorem para mim quando doer», gritou o George. Apontou a espingarda para o ombro do Harry e disparou. Atirou o Harry para trás. Um buraco do tamanho de uma moeda apareceu no ombro dele, e sangue jorrou da ferida. Ele jazia a gemer no chão. Ao perceber o que fizera, o George atirou a espingarda ao chão e correu para o Harry. Havia um leve sorriso na cara do George, como que a dizer: «Eu disse-vos.» Lentamente, o sorriso desvaneceu-se da cara dele enquanto observávamos as bordas cortadas da ferida unirem-se até não haver sinal de o Harry ter sido baleado.

«Meu Deus, curou-se sozinho», gritou o George. «Estão satisfeitos agora?» perguntei. «Estou a enlouquecer», disse o George. «Isto não pode estar a acontecer. Fred, viste o que aconteceu?» «Sim, vi caramba», disse ele num tom que sugeria que não sabia se vinha ou ia. «O que raio nos está a acontecer?» perguntou.

O Harry voltou a levantar-se. Quando recuperara totalmente, avançou para onde o Fred estava. Olhou-o diretamente nos olhos e disse: «Ainda não estás no inferno, amigo. Mas, se não prestares atenção a nós, certamente para lá irás. Quanto a enlouquecer, não, não estás. Mas estás morto. Bem, morto para o mundo que conhecias. Viste por vós mesmos o que aconteceu quando me atiraste. Se quiseres olhar para o meu ombro, verás que não há evidência de eu ter sido ferido de todo.»

Os dois soldados ficaram ali com a boca aberta. Vi lágrimas nos olhos de um deles. É um choque quando percebes pela primeira vez que estás morto. «O que nos acontece agora?» perguntou o Fred. O Jack respondeu: «Esperaremos aqui até alguns dos nossos amigos chegarem. Depois sereis

levados para um lugar onde podem descansar e ajustar-se à vossa nova casa.»

Enquanto esperávamos, aproveitámos a oportunidade para explicar o nosso trabalho, esperemos que de forma compreensível. Também falámos sobre a vida no plano astral. No entanto, o choque começou a afetá-los. O Fred andava de um lado para o outro. Parava de vez em quando para murmurar algo para si mesmo. «Não vou ver mais a minha mulher e filhos», sussurrou. «O que farão sem mim? Nenhum pai para os criar. Terão de lutar por uma pensão miserável. Como me pôde acontecer isto? Como pôde?» «Cala-te?» gritou o George. «O teu choramingar está a enlouquecer-me. Cala-te simplesmente.»

Os ânimos estavam a ficar exaltados. Fiz o meu melhor para os acalmar, mas com pouco sucesso. Subitamente, o Capitão Marsh apareceu da névoa e perguntou: «Agora, o que é tudo isto?» O Fred começou imediatamente a sua história, mas foi interrompido pelo capitão.

«Exato», disse ele, «esses malditos burocratas têm tudo ao seu jeito. Cabe a tipos como nós lutar nas suas guerras, mas não há nada que possamos fazer discutindo. Por isso, chega desta parvoíce.»

«Desculpe», disse o Fred, e deu uma saudação rápida. «Certo, rapazes», disse o oficial. «Já não precisarão das vossas espingardas. Podem deitá-las fora. Isso é bom.» Assim que deitaram fora as armas, seguimos caminho para fora da região. Dirigimo-nos para a casa de transição para almas perdidas. Este edifício em particular era diferente daquele para o qual eu fora, mas a organização era a mesma em todo o plano astral inferior.

Deixámos o George e o Fred aos cuidados de um sargento e voltámos para a névoa. Antes de irmos muito longe, deparámo-nos com alguns do nosso grupo. Eles também tinham sido bem-sucedidos. Não parámos para falar, mas continuámos o nosso caminho. Virei-me para o Harry e disse: «Foi um risco que tomaste ao ser baleado.» «Não realmente», disse ele. «Posso dizer-te uma coisa, porém, estava com um medo terrível. Disseram-nos para usar a imaginação. A dor não importava. Tudo o que me importava era provar um ponto, mas, não te minto, doeu.»

«Sim, bem feito», disse o oficial. «Usaste a iniciativa. É assim. Todos vós fizeram extremamente bem. E, quanto mais resgates deste tipo fizerem,

mais eficientes se tornarão. Tenho de voltar ao quartel-general. Deixo-vos, senhores, continuar.» O capitão em breve desapareceu de vista.

«Para que lado vamos desta vez?» perguntou o Harry. «O que achas, Jim?» perguntou o Jack. «Desta vez», respondi, «vamos na outra direção.»

Caminhámos de volta para a névoa. Ocasionalmente, havia uma abertura na névoa que usávamos para nos orientarmos. Vagueámos durante algum tempo até avistarmos outra clareira, que entrámos. Distinguimos o contorno de um edifício. Quando olhámos mais de perto, vimos outros edifícios. Tínhamos tropeçado numa quinta. A casa da quinta fora atacada porque todas as janelas da frente estavam danificadas. Aproximámo-nos com grande cuidado sabendo que poderia estar ocupada ou pelos nossos rapazes ou pelo inimigo. Parámos a alguns metros para avaliar a situação. Parecia deserta; não havia sinal de movimento. «Entramos ou contornamos?» perguntou o Jack.

Estávamos a discutir entre nós quando senti que estávamos a ser vigiados. A sensação tornou-se mais forte quando tentei afastá-la. Tive de dizer algo sobre isso. Fui o único a senti-la, mas agimos com base nela olhando mais de perto para a casa. Aproximámo-nos dela com cautela. Vi uma carinha a espreitar do canto de uma das janelas. Quem quer que fosse percebeu que fora visto e desapareceu rapidamente.

Gritei: «Saiam. Não vos queremos mal. Só queremos falar convosco.» Esperámos por uma resposta, mas nenhuma chegou. Subitamente, o silêncio foi quebrado por um estalo alto. Houve outro e outro. Não precisávamos de ser inteligentes para perceber que estávamos a ser alvejados. Quem quer que disparasse a arma não era muito preciso. Recuámos para planear a melhor forma de entrar na casa. Sabíamos que teríamos de nos materializar lá. Também sabíamos que este método poderia chocar as almas se nos vissem. Era um risco que teríamos de correr. Os três demos as mãos. Em momentos, estávamos dentro da casa.

A sala era esparsa, exceto por várias caixas grandes empilhadas perto da janela. Reparei em movimento atrás das caixas. «Cuidado!» gritei e empurrei o Jack para o chão a tempo. Houve um estalo alto, e uma bala passou zunindo pelas nossas cabeças. Não havia tempo para pensar. O Harry correu para as caixas e mergulhou nelas. Ouvimos uma luta feroz a decorrer. O Jack e eu pusemo-nos de pé e corremos para dar uma mão.

Antes de podermos alcançá-lo, o Harry deu uma gargalhada enorme e disse: «Bem, vou ser...»

«Estás bem, Harry?» perguntei. «Sim, obrigado», disse ele. «Olha o que temos aqui.»

O Harry saiu de trás das caixas. Numa mão segurava um rapazinho a debater-se pelo pescoço, e na outra uma espingarda. «É minha», gritou o rapaz em inglês quebrado. «Devolve-ma.»

«Espera um minuto, rapaz», respondeu o Harry. «Não te vamos magoar. Só queremos falar contigo. Acalma-te.» O Jack foi falar com o rapaz. Houve outra luta violenta. O rapaz deu um pontapé fortíssimo na canela do Jack. «Isso doeu para caramba», gritou o Jack. «Devia dar-te uma palmada nas orelhas por isso.» Interrompi porque senti a tensão a subir: «Jack, deixa-me falar com ele.» O Harry ainda segurava o rapaz num aperto de torno e não ia largar.

«Agora, filho, qual é o teu nome?» perguntei. «Pierre», respondeu ele. «Olha, Pierre, não te queremos mal. Estás sozinho?» perguntei. «Sim», disse ele. Tive a sensação de que não estava a dizer a verdade, mas pensei que era melhor não o dizer. «Pierre», continuei, «se o meu amigo te largar, prometes não fugir?» Deu ao Harry um olhar que teria transformado a maioria dos homens em pedra. Depois virou-se para mim e olhou-me nos olhos. Senti o medo nele, mas sabia que tinha de reagir de forma diferente do que com o John. «Bem, o que vai ser?» perguntei.

«Prometo não fugir, mas diz a este para tirar as mãos de mim.» «Certo, Harry, acho que podemos confiar nele», disse eu. O Harry largou. «A minha arma, quero-a. Dá-ma», gritou o Pierre. «Não», disse eu, «já não precisas dela.»

«São nazis?» perguntou ele. «Vão matar-me como mataram a minha mamã e o papá?» «Não, não somos nazis», disse eu. «Olha para os nossos uniformes. Somos soldados britânicos. Se fôssemos nazis, já te teríamos baleado. Estamos aqui para te ajudar.» «É tarde demais para me ajudar», disse ele. «A minha família se foi.» Lágrimas escorreram pelas faces enquanto explicava sobre as mortes deles. «Para te ajudar», disse eu, «temos de te levar para um lugar de segurança.» «Não», gritou ele. «Não saio daqui, não sem...» Parou abruptamente. «Não sais sem quem?» perguntei. «Ninguém», respondeu ele. «Só quero ficar sozinho, é tudo.»

O Jack virou-se para mim e perguntou: «Achais que há outros aqui?» Houve uma reação imediata do Pierre: «Não, estou sozinho», gritou ele. «Olha, Pierre», disse eu. «Sei que há outros aqui. Estás a escondê-los. Acredita, não te queremos mal.»

«Se são soldados britânicos», disse ele, «porque estão aqui? Estamos ocupados pelos nazis, não pelos britânicos. Provavelmente são espiões alemães. É isso — alemães vestidos com uniformes britânicos.» «Não sou nenhum alemão maldito», comentou o Harry. «Quanto a sermos espiões, dá uma boa olhada em nós. A nossa missão é ajudar aqueles, como tu, em países ocupados. Não temos muito tempo. Se queres a nossa ajuda, é melhor decidires-te.»

Vi a abordagem que o Harry tomava e juntei-me: «Sim, as nossas ordens são encontrar o máximo de jovens partisans possível. Serão treinados como lutadores pela liberdade.» Estas palavras tiveram um efeito positivo no Pierre. Animou-se: «Vão ajudar-me a lutar contra os nazis?» «Sim», disse eu, «ensinar-te-emos a tornar-te um lutador pela liberdade.» Os meus pensamentos eram de liberdade para os oprimidos pela guerra. A arma seria a vontade, não a espingarda. «Bom», disse ele. «Virei convosco. Primeiro sigam-me.»

Levou-nos para outra sala e puxou um pequeno tapete revelando uma porta de alçapão. «Esperem aqui», disse ele e ergueu a porta. Desapareceu por alguns degraus. O Jack deu-me uma palmada no ombro: «O que vamos fazer com eles agora? Ele espera que o ensinemos a lutar. Quem sabe quantos estão lá em baixo.»

«Espera, tenho uma ideia», disse o Harry. «Porque não chamar o Capitão Marsh? Talvez ele possa ajudar.» «É uma boa ideia», disse eu. «O que achas, Jack?» «Pode ser a resposta», respondeu ele. «Vou tentar contactá-lo.» O Jack fechou os olhos e concentrou-se durante um curto período. Subitamente, o silêncio foi quebrado pelo som de pés nos degraus. O ruído quebrou a concentração do Jack, e ele voltou para nós.

«Conseguiste contactá-lo?» perguntei. «Sim», respondeu ele. «Está a fazer o que pode para encontrar os pais do Pierre. Pediu-me para tocar na cabeça do Pierre por um minuto ou assim. Depois poderá ligar-se à vibração do Pierre. Quando sintonizar com ele, saberá tudo sobre ele. Também, esperemos, deste contacto, poderá encontrar a família do Pierre.»

O Pierre ergueu-se da abertura no chão e disse: «Vimos agora.» Ajoelhou-se e puxou dois rapazes mais pequenos, fazendo alarido com eles por um momento ou assim. «Estes são os meus irmãos», disse ele. «Quando o papá morreu, tornei-me o homem da casa. Tivemos quase-acidentes com os nazis, mas nunca nos apanharam.» Pouco sabe ele, pensei.

«Vem aqui, Pierre», chamou o Jack. O Pierre foi para onde o Jack estava. «Agora então», continuou o Jack, «quero que fiques em posição de sentido como um bom soldado.» Isto agradou ao Pierre; ficou como uma estátua. «Quero verificar o tamanho da tua cabeça», disse o Jack. «É importante para um bom soldado ter o boné do tamanho certo. Deve segurar o distintivo do seu batalhão. Nós no exército britânico consideramos isto uma honra.»

Não pude deixar de rir para mim mesmo e pensar que agora ouvira tudo. Mas deu ao Jack uma oportunidade de colocar as mãos na cabeça do Pierre. O Capitão Marsh teve tempo suficiente para ganhar a informação necessária. «Certo, Soldado Pierre», disse o Jack, «pega nos teus irmãos e segue-nos.» Saímos da casa e parámos lá fora para o Jack certificar-se de que todos estavam juntos. «De onde veio toda esta névoa?» perguntou o Pierre. «Lembro-me de quando o sol brilhava. Era sempre tão claro, nunca esta névoa. Um dia acordei e encontrei tudo coberto por ela.» O Harry foi rápido a responder: «Tens razão. É uma nova arma que os nazis inventaram.» O Pierre aceitou a explicação, temporariamente de qualquer forma. Viajámos de volta para a área de reunião. Encontrei o capitão e expliquei o que acontecera. «Vamos mantê-los aqui», disse o Capitão Marsh. «Ainda estamos a tentar localizar os pais deles.»

«Certo», respondi e voltei para o grupo. Chamei o Harry e o Jack para um lado e expliquei a situação. «Teremos de os manter ocupados até o capitão resolver algo», disse eu.

Voltámos para as crianças, e comecei uma conversa com o Pierre. «Acreditas em Deus?» perguntei. «Claro», disse ele. «Não acreditam todos? Por favor, podem dizer-me porque estes soldados andam sem armas? Não é perigoso? Como nos defendemos se viermos sob ataque?» «É bastante seguro aqui», disse eu. «Não precisarás de arma. De qualquer forma, não viremos sob ataque. Diz-me, Pierre, o que aconteceu aos teus pais?»

«Os nazis dispararam neles com o resto dos aldeões. Os meus irmãos e eu escondemo-nos. Fiquei tão zangado que corri para casa e peguei na arma do papá. Os meus dois irmãos vieram comigo. Escondemo-nos até escurecer. Encontrei um bom lugar para emboscar os soldados que mataram os meus pais. O camião que transportava os assassinos dos meus pais veio à vista. Quando passaram por nós, abri fogo. Atingi o condutor, e o camião desviou-se e desceu uma encosta. Não percebera quantos nazis estavam dentro do camião. No momento seguinte, o chão estava vivo com eles. Gritavam e apontavam na nossa direção. Havia tiros por todo o lado. Fiquei muito assustado e agarrei-me aos meus irmãos. Houve alguns estrondos altos, que acho que eram granadas. Não me lembro de muito depois disso. Uma explosão derrubou-nos.»

Acordei atordoado e encontrei os meus irmãos deitados ao meu lado. Estávamos rodeados por um silêncio estranho e névoa. Sacudi os meus irmãos, esperando que ainda estivessem vivos. O meu coração saltou de alegria quando eles recuperaram os sentidos. Pusemo-nos de pé. Depois de tudo o que acontecera, não tínhamos um arranhão entre nós. Era bastante estranho. Comentei com um dos meus irmãos o quão afortunados éramos por não termos sido encontrados pelos nazis. Embora a névoa fosse espessa, eventualmente encontrámos o caminho para casa e ficámos lá até vós chegarem.»

«Hmm», murmurei. «É uma história muito interessante.» Perguntei-me o que dizer a seguir e decidi pegar o touro pelos cornos. «Pierre», comecei, «gostarias de ver os teus pais novamente?» Esperei pela reação dele. Ele olhou para cima e fitou-me diretamente nos olhos.

«O que queres dizer?» perguntou. «Como posso ver a minha mamã e o papá novamente? Estão mortos, mortos pelos nazis. Nunca os verei novamente, nunca. És mau por dizeres coisas assim.»

Lágrimas brotaram nos olhos do Pierre. Coloquei as mãos nos ombros dele: «Filho, tens de ser forte. Na morte há vida. Prometo-te. Em breve verás por ti mesmo.» O Pierre olhou para cima e falou com um tremor nos lábios: «Por favor, o que nos está a acontecer? Parece tudo um sonho mau.»

«Não, não é sonho», disse eu. «É o início de uma nova vida para ti e os teus irmãos. Receberão a felicidade e a alegria que vos escaparam nos últimos meses.» O Pierre secou os olhos com um trapo velho do bolso. Não

conseguia entender o que eu tentava dizer. Com o fôlego seguinte, perguntou: «Queres dizer que vamos para Inglaterra?» «Não exatamente», respondi num tom que soava como se viesse do fundo das minhas botas. O Pierre saltou furiosamente em pé: «O que queres dizer? Prometeste levar-nos para Inglaterra. Prometeste.»

«Sei o que disse», retruquei, «prometi tornar-te soldado. Eventualmente, tornar-te-ás um. Muitas coisas acontecem nas nossas vidas sobre as quais não temos controlo, como morrer.» Parei para respirar fundo antes de continuar. «Lembras-te da tua luta com os nazis?» «Claro que sim», respondeu ele. Parei, e depois disse: «Tu e os teus irmãos não foram apenas deixados inconscientes pela explosão. Foram mortos por ela.» Esperei pela reação dele. Ele sorriu e sentou-se. Perguntei se ouvira o que eu dissera. «Ouvi», respondeu, «mas estavas a brincar.» «Não, não estou a brincar», disse eu. «Tu e os teus irmãos estão mortos. Eu e todos estes outros também estamos mortos.»

O Pierre riu-se disto e repetiu o que eu dissera aos irmãos. Os três riram-se alto. O riso fez com que alguns dos que estavam por perto virassem a cabeça. Sem razão alguma, juntaram-se. «Oh, céus, não os consigo convencer», pensei. O Jack aproximou-se de nós e sussurrou-me que os pais do Pierre tinham sido encontrados. Estavam a caminho. Voltei a atenção para os rapazes a rir e perguntei: «Já acabaram?»

«Oh, vós tommies* são tão engraçados», gritou o Pierre. Vi o sorriso na cara do Pierre desaparecer, e olhei para onde ele olhava. A aproximar-se de nós vinham um oficial e dois outros. «Bem, lá vamos nós», disse para mim mesmo. O riso morreu completamente. O Pierre soltou um grito: «Não. Não são eles. Não podem ser eles.» Lentamente, o Pierre pôs-se de pé e caminhou para as figuras que se aproximavam. O que começara como uma caminhada lenta depressa se tornou uma corrida. Os dois irmãos seguiram-no de perto. Esperei para ver o resultado e esperei que a reunião não fosse demasiado dramática para eles.

**(NT: Soldados britânicos da I Grande Guerra)*

O Capitão Marsh acenou-me para me aproximar. Era uma visão para contemplar. Os três rapazes agarravam-se à mãe, e o pai envolvia os braços à volta de todos. Mais uma vez, uma família reunia-se após a morte. O oficial e eu afastámo-nos para um lado e trocámos algumas palavras. Ele

disse-me que a família seria cuidada. Decidi não interromper a reunião e deixei-os regozijar juntos.

Caminhei para o Harry e o Jack. Os três voltámos para a névoa. O nosso trabalho continuou durante a guerra e além. O fim da guerra apenas significava que não havia mais almas a vir para este lado da vida antes do tempo devido. Ainda tínhamos de ajudar aqueles que tinham morrido e estavam perdidos por causa das complicações da guerra. Mesmo enquanto vos falo, o Jack e o Harry estão a trabalhar. Viemos de longe desde os primeiros dias, mas o nosso trabalho continua. Enquanto o homem for desumano para com os seus irmãos, seremos necessários.